

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

No regresso de Moscovo MacMillan visitará Bonn, Paris e Washington — diz-se nos círculos londrinos

LONDRES, 7. — O primeiro-ministro britânico, Harold MacMillan, visitará Bonn, Paris e Washington durante o mês de Março, depois do seu regresso de Moscovo, a fim de pôr o chanceler Adenauer, o primeiro-ministro Michel Debré e o presidente Eisenhower ao corrente das suas conversações com os dirigentes soviéticos.

Os círculos bem informados que deram esta notícia acrescentaram que, embora MacMillan tenha dito que a sua viagem de 21 de Fevereiro a Moscovo é simplesmente de reconhecimento, o primeiro-ministro está muito inclinado para a ideia de uma conferência no mais alto nível entre o Leste e o Ocidente, no próximo Verão.

Esta conferência Leste-Oeste no mais alto nível efectuar-se-ia ou simultaneamente com a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros «dos quatro grandes», prevista para Genebra, no fim de Abril, ou mais tarde.

Os referidos círculos fizeram notar que as visitas de MacMillan a Bonn, Paris e Washington poderão não se efectuar, no caso de vir a reunir-se, na Europa, em fins de Março, uma conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros das quatro grandes potências ocidentais, com o fim de coordenar a elaboração de uma política comum em relação ao problema alemão. A presença de Foster Dulles nesta conferência evitará a MacMillan a deslocação a Washington, uma vez que o secretário de Estado poderá transmitir ao presidente Eisenhower as informações que lhe der o primeiro-ministro britânico.

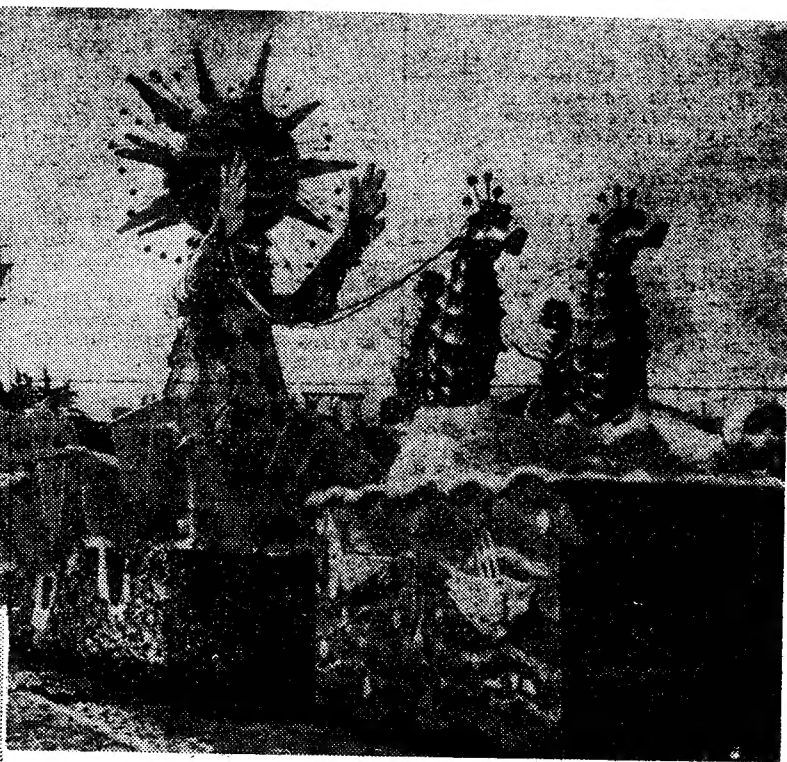
Há ainda a possibilidade — observam aqueles círculos — de uma conferência no mais alto nível dos dirigentes das quatro grandes potências ocidentais, em Março ou Abril.

Nos meios ligados ao primeiro-ministro, diz-se que partiu inteiramente de MacMillan a ideia da visita a Moscovo, este mês, ideia que lhe veio à mente logo depois de a Rússia haver entregue o seu ultimato de 27 de Novembro sobre o destino de Berlim-Oeste.

Salientam aqueles meios que o primeiro-ministro está convencido

de que a crise de Berlim pode tornar-se altamente explosiva no final de Maio, razão por que decidiu aceitar neste momento o convite para visitar Moscovo, não com o fim de entabular negociações, mas tão somente com o fito de sondar os dirigentes soviéticos sobre a possibilidade de negociações numa base

(Continua na última página)



Dois aspectos do «corso» do Estoril

Morreu o triste Entrudo

e surgiu o soberbo Carnaval do Estoril
onde desfilou hoje o primeiro cortejo
de três dezenas de carros alegóricos

O Entrudo pelintra, desbragado e insólito, que andava a acabar numa esverdeada agonia, morreu hoje! E surgiu, num esplendoroso e espectacular deslumbramento, o Carnaval majestoso, sob o manto de ouro coruscante, vestido pelo apurado figurino europeu, gentil, risinho, elegante e espirituoso, com o pique da malícia parisiense, que o grande Maurice, o admirável Chevalier, eternamente jovem, agaiado, temperou com a picante e saborosa brejeirice e a graça espumante, inimitável do seu rasgado e envolvente sorriso. Este Carnaval mundano, cosmopolita, cintilante e imponente, surgiu glorioso e triunfal no magnífico cenário do Estoril, numa lufada de optimismo e alegria comunicativa, a istoerata, mas aliciente da multidão. É uma fantasmagoria de delirantes fantasias, com os dilúvios e as orgias de luz e cor, o friso apetitoso das beldades deliciosas — loiras esfusiantes, explosivas ou morcnas cálidas e voluptuosas, de pthuradoras sedução —; a teoria alegórica, «bariolée», de uma figuração reluzente, pitoresca, evocadora, na «movimentação teatral de soberbo efeito estético e radiante contentamento, o imponente cortejo de carros, armados com requintes de arte, resplendores de sóis, fulgurações de estrelas, escorrendo tintas cintilantes, oiros chamejantes, sob uma chuva de pétalas — milhares e milhares de flores, estalando de cor, ao esfolharem-se como as camélias que pediam beijos ao Sol e beijavam lindas caras ruborizadas de gulosa emotividade, ouvindo riumuirsos aliantes de amorosos doidivanas —, por entre a nuverinha esvoaçante do «confetti» versicolor, arcotris em tremulinas espiraladas das

(Continua na 10.ª página)

Humberto Delgado

não põe em perigo
as relações
lusu-brasileiras
— diz Negrão de Lima

RIO DE JANEIRO, 7. — Tendo «O jornal», órgão dos Diários Associados, publicado notícias segundo as quais estariam em perigo, por causa do caso do general Humberto Delgado, as boas relações entre o Brasil e Portugal, o ministro brasileiro das Relações Exteriores, Negrão de Lima, publicou no mesmo diário uma declaração em que diz que essas notícias não têm o «menor fundamento». — (A. N. I.).

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE
32 páginas

nas quais se inclui

MAGAZINE

A eventualidade de um bloqueio à cidade de Berlim preocupa os Ocidentais

WASHINGTON, 7. — O embaixador britânico, Harold Caccia, conferenciou, ontem, na Secretaria do Estado, com o subsecretário Robert Murphy, sobre a possibilidade de vir a estabelecer-se um plano de emergência para o abastecimento de Berlim, em caso de bloqueio.

Depois da conferência, o diplomata britânico declarou aos jornalistas que a Inglaterra não pode ser acusada de qualquer responsabilidade pelo não estabelecimento desse plano. Rejeitava, assim, a acusação que a imprensa de ontem levantava contra a Grã-Bretanha, afirmando que o Governo de Londres não concordava em que se enviassem quaisquer comboios por terra para o abastecimento de Berlim. Acrescentou o embaixador que o subsecretário de Estado concordara em que o plano de emergência deve ser estabelecido o mais breve possível.

Recorda-se aqui que, no dia 13 de Janeiro, os representantes dos Estados Unidos, da França e da Inglaterra se reuniram e que, nessa

conferência tripartida, ficou assente o estabelecimento do plano de reabastecimento da antiga capital alemã, para entrar em vigor em caso de emergência. Mas recorda-se, também, que os funcionários britânicos permaneceram em Washington durante dez dias, aguardando

(Continua na última página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Importância dos insecticidas de síntese pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

Os especialistas da «guerra» química são de opinião de que os novos insecticidas de síntese desempenharão papel decisivo na luta contra as viroses. Tais produtos, destruindo os vectores dos vírus, suprimiriam os agentes transmissores das doenças.

Quais são, pois, os insecticidas mais activos? Desde 1945, data em

que foram realizados os primeiros ensaios, que a análise do problema — defesa das culturas e do Homem — se transformou na preocupação máxima em todos os centros sanitários da Europa e da América do Norte. Os insecticidas utilizados na campanha contra os vectores dos vírus

(Continua na 13.ª página)

Naufragou

uma traineira francesa
e desapareceram
os 17 tripulantes

HAIA, 7. — Informações recebidas ontem, à noite, em Haia, através da Rádio, diziam que a traineira francesa «Marie Brigitte» se estava a afundar a cerca de 3 milhas de distância da ilha Valentia, ao largo da costa sudoeste da Irlanda e que tinha sido abandonada pela tripulação.

As mesmas informações acrescentavam que os salva-vidas de Valentia partirão ao encontro do barco naufragado. — (R.).

2.ª TIRAGEM

Ler, na última página, os relatos dos desafios de futebol disputados esta tarde.

Visado pela
Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Ossos numanos com dez mil anos na América do Sul?

CORDOBA, 7.—Os ossos fossilizados de um homem que viveu há pelo menos 10 mil anos, na idade dos mastodontes, foi descoberto pelo arqueólogo Anibal Mnotes, secretário do Centro de Estudos Pré-Históricos, numa região próxima do «Mar Chiquita», a nordeste desta cidade argentina. A região é conhecida pelo nome de «Las Toscas» e desde há dois anos que ali se procede a excavações.

O fóssil agora descoberto, se vier a confirmar-se as observações feitas, reveste-se da maior importância, pois seria considerado o fóssil humano mais antigo do continente americano. Até agora, os arqueólogos europeus e norte-americanos têm negado a existência de fósseis humanos autênticos na América do Sul.

Anibal Montes pediu a colaboração dos especialistas do Museu de Ciências Naturais e da Universidade Nacional de Córdoba, para as excavações e investigações em curso. — (A. N. L.).

MORTE SUBITA de um massagista do Sporting de Braga

BRAGA, 7.—Quando acabava de assistir a um treino do Sporting Clube de Braga, no Estádio 28 de Maio, o ajudante de massagista do mesmo clube e antigo guarda-redes, Francisco Gualberto da Costa Quintas, de 42 anos, foi acometido de doença súbita e faleceu a caminho do hospital.

ENTROU NO TEJO um navio americano de apoio de hidroaviões

Fundeou hoje de manhã no Tejo o navio-apoio a hidroaviões «U S S Valcour», da Marinha de Guerra norte-americana, que, sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Turner Calduell, atracou ao cais da Rocha do Conde de Óbidos.

Trata-se de uma visita de rotina e na segunda-feira o comandante daquele navio fará os cumprimentos da praxe.

Foi nomeado oficial de ligação o 1.º tenente Coutinho Lanhoso.

O «U S S Valcour» levantará ferro no dia 10, de manhã.

Dois bandidos perseguidos no centro de Londres espalharam joias nas ruas

LONDRES, 7.—A hora de encerrar os estabelecimentos, dois bandidos assaltaram ontem um conhecido joalheiro de «Burlington Arcade», em pleno Piccadilly, num dos sítios mais elegantes da capital. Enquanto um dos bandidos, com um revólver, mantinha os vendedores em respeito, o outro deitava a mão a vários anéis de valor. Surpreendidos por um guarda da noite que ia tomar conta do seu posto, os dois indivíduos, sem atingirem qualquer pessoa, dispararam vários tiros e, puseram-se em fuga. Na precipitação, iam espalhando pela rua anéis com brilhantes, esmeraldas e rubis que tentavam meter nas algibeiras. E foi então uma verdadeira caça ao homem, por meio do tráfego intenso que havia em Londres naquela hora. Próximo de «Picadilly Circus», no meio dum «engarramento monstruoso», os bandidos voltaram a disparar vários tiros para cobrir a sua retirada.

Um deles conseguiu fugir, mas o outro foi preso e comparecerá hoje no tribunal.

Não foi avaliado o total do roubo, mas do estabelecimento parece terem desaparecido uns cinquenta anéis, dos quais, um certo número rolou pelo chão durante a perseguição aos malfetores. — (F. P.).

DOIS FERIDOS num desastre de viação

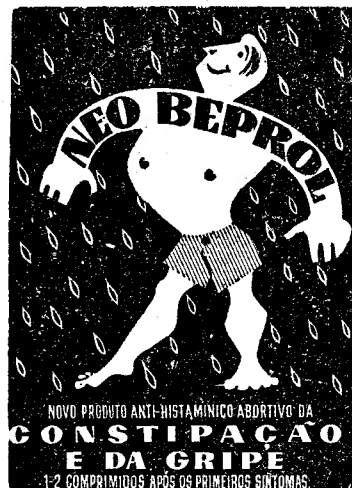
Na Praça de Londres, um automóvel abalroou com uma camioneta e galgou o passeio, onde foi colheu o guarda n.º 461, da P. S. P., sr. José Augusto Pedro, de 33 anos, morador na Rua Açores, 58, rés-do-chão, que sofreu contusões na cabeça, pelo que recebeu curativo no Hospital de S. José.

No mesmo hospital ingressou, com fractura de um braço, a sr.ª D. Maria Eulália Moreira, moradora na Avenida António Joaquim de Aguiar, 69, 2.º, que seguia no referido automóvel, o qual era conduzido por seu marido.

CUSPIDO de uma camioneta

José Francisco Ricardo Nogueira, de 25 anos, ajudante de motorista, morador na Avenida Cinco de Outubro, 377, r/c., caiu da camioneta em cuja caixa seguia, devido a uma travagem brusca, em Alverca.

Cuspidado a distancia, sofreu ferimentos diversos e lesões internas, pelo que recolheu à sala de observações do Hospital de São José.



MAK-LINDO

Praia de Santa Cruz — Tel. 6
ABERTO DE 7 A 10

FUJA AO BULICIO e passa
as férias de CARNAVAL num
ambiente de sossego

BELOS QUARTOS
DELICIOSA ALIMENTAÇÃO

Vendas a prestações de tecidos de novidade para Senhora e para Homem.

TECIDOS ALVINIZ
16, Largo do Carmo

Teve êxito o lançamento do «Titan»

WASHINGTON, 7.—O chefe do estado-maior da aviação americana, general Thomas White, disse que, segundo os primeiros relatórios, o foguetão «Titan» atingiu o objectivo previsto. No mesmo momento, declaravam em Cap Canaveral, de fonte oficial, que o foguetão caiu num ponto situado muito próximo do objectivo fixado, a 480 quilómetros do ponto de lançamento. — (France Presse).

WASHINGTON, 7.—Um comunicado do Pentágono esclarece que o foguetão «Polaris» terá inicialmente um alcance de 1.920 kms., mas que o objectivo final pretendido pelos técnicos americanos será de 2.400 kms. Este foguetão equipará, em fins do próximo ano, os submarinos atómicos, que o poderão lançar mesmo imersos. — (F. P.).

Rebeldes argelinos

atacaram uma escola

e mataram uma criança

ARGEL, 7.—Foi morta uma criança e ficou outra gravemente ferida quando os insurrectos atacaram ontem a escola da aldeia de Agouni Hamed, próximo de Fort National, nos montes Kabília.

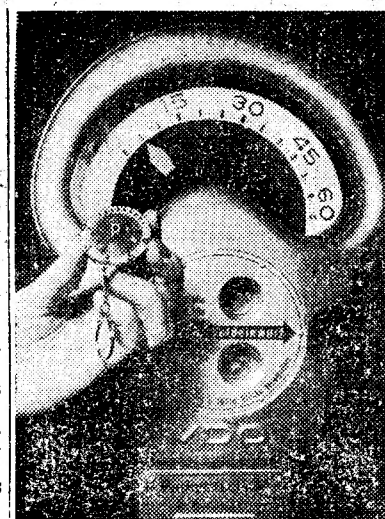
A força defensiva muçulmana da aldeia repeliu os atacantes, mas as tropas francesas desencadearam uma operação em larga escala naquela região. — (R.).

«Património dos Pobres»

A Fundação da Casa de Bragança, de harmonia com o seu plano de assistência, contribuiu com a quantia de 15.000\$000 para a construção de uma casa do «Património dos Pobres», na Freguesia de Santa Maria, de Estremoz. Esta casa albergará uma família de 9 pessoas.

Consulado de Portugal em Copenhague

Os srs. Aloisio Candido Palmeirinha Picado e José Octávio Lopes, foram nomeados, respectivamente, para os cargos de vice-consul de Portugal na cidade de Fez e de chanceler do consulado de Portugal na cidade de Copenhague.



A máquina continua a substituir o homem. Agora, em quase todo o Mundo, os substituídos são os guardas dos parques de estacionamento de automóveis, cujas funções passam a ser desempenhadas por máquinas idênticas à reproduzida na gravura, as quais medem o tempo de estacionamento dos vários carros, «exigindo» moedas a quem quiser ultrapassar o período permitido — pois, por cada um desses períodos, o automobilista tem de introduzir uma moeda neste novo vigilante mecânico.

A missão permanente de Portugal na O. N. U.

A missão permanente de Portugal junto da Organização das Nações Unidas será chefiada pelo nosso representante permanente na O. N. U., dela fazendo parte um ministro plenipotenciário de 2.ª classe ou conselheiro de Embaixada e um funcionário do quadro diplomático e consular de qualquer categoria de entre os primeiros ou segundos secretários de Embaixada, consul de 1.ª ou 2.ª classes, e, como pessoal assalariado, um arquivista, um dactilógrafo e um contínuo.

Vai ser demolida uma capela municipal

Por determinação da Câmara Municipal de Lisboa, vai ser demolida a capela municipal do Campo das Amoreiras, á Charneca, sendo já adjudicados os trabalhos da empreitada.

CARNAVAL INTERNACIONAL DO ESTORIL

Venda de bilhetes das 13 às 21 horas
para o Corso de Domingo 8
e Terça-feira, 10 às 14,30

Postos instalados nos seguintes locais:

RESTAURADORES
R. ARTILHARIA 1
CAIS DO SODRÉ

Os transportes estão assegurados pelos comboios da Sociedade Estoril

LOTAÇÃO LIMITADA

NOS PÓS-OS INDICADOS, TAMBÉM SE VENDEM BILHETES PARA OS PARQUES DE ESTACIONAMENTO DE AUTOMÓVEIS 10 % DA RECEITA DESTINAM-SE A OBRAS DE ASSISTÊNCIA

Esclarecimento

A ESTALAGEM DA LEZIRIA esclarece que apesar da distinção dos seus clientes, os preços não são mais caros do que em qualquer outro restaurante.

COZINHA PORTUGUESA E REGIONAL
TEL. 129 — VILA FRANCA DE XIRA

**feiras da
EUROPA**

PRIMAVERA DE 1959

BRUXELAS **LEIPZIG** **NUREMBERG**

COLONIA **OFFENBACH**

FRANCFORT

HANNOVER

VISITE
AS FEIRAS
DA EUROPA
UTILIZANDO
AS LINHAS
DA

SABENA LINHAS AÉREAS BELGAS

CARNAVAL DO BENFICA NAS BELAS-ARTES

MATINÉES NO DOMINGO 8 e TERÇA-FEIRA 10
PARELHA DE PALHAÇOS «FAUSTO e FREDY»

CARDINALI

ZECA (Faz Tudo) — ANABELA e MARLENE

ORQUESTRA CASANOVA

Brindes a todas as crianças

Espectáculos para maiores de 6 anos

Bilhetes á venda na Secretaria da Comissão Central do Benfica e nas Agências Abelha e A. B. E. P.

De ontem para hoje

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

O prof. dr. Marcelo Caetano presidiu à assembleia geral da Universidade de Lisboa, para prestar homenagem à memória do prof. Vítor Hugo de Lemos. Rodeado dos directores de todas as Faculdades, o reitor da Universidade de Lisboa, prof. Marcelo Caetano, fez o elogio do falecido reitor, depois do prof. Ramos e Costa lhe ter evocado gestos e palavras, dignos da sua memória. Indo, porém, além do homem e da sua função, o prof. Marcelo Caetano encarou alguns aspectos da vida universitária que são, ao mesmo tempo, graves problemas, a reclamar solução: a instalação da reitoria e da Escola Superior de Letras, como o papel do Instituto de Alta Cultura e da Junta de Investigação do Ultramar. Faltam-lhe verdadeiro e válidos instrumentos de investigação científica e há que apetrechá-los, embora a Universidade «para ser o que deve ser», precise de autonomia em matéria de investigação, com seus institutos próprios. As palavras do prof. Marcelo Caetano ficaram a pairar no auditório e nas consciências, animando um espírito de unidade universitária, fundamental no convívio e conteúdo da Universidade.

FEIXE DE IMAGENS

O ministro da Saúde, prosseguindo no seu novo estilo de visitar inesperadamente as serviços dependentes do seu ministério, esteve no Serviço de Consultas Externas do Hospital de Santa Maria. Desta vez, porém, não ia só. Ia também o ministro das Obras Públicas, a quem depende a solução de muitos dos problemas propostos durante a visita.

* Na torre da igreja do Cercal (Cadaval) estavam a fazer escavações. Iam colocar um relógio no cimo da torre, quando a parede soua a oco. Anichadas numa pequena gruta, duas imagens do séc. XVII (pelo menos). São de pedra, de grande beleza artística, e estão muito bem conservadas na sua pintura. Identificaram-nas como sendo Santa Luzia e Santa Helena e medem 60 centímetros de altura. Assim se enriqueceu o pequeno património do Cercal.

* Uma camioneta desvalorizada enfiou pelo rés-do-chão da casa de Caldas das Taipas. Dentro da casa estava a costureira Maria Magalhães Marques (23 anos) que mal teve tempo de dar pelo que se passava. Um guarda-vestidos, empurrado pelos destroços abriu-se e enfiara-se na Maria Magalhães. Foi o que a salvou, pois, «sepultada» no guarda-vestidos, livrou-se do perigo dos escombros.

* Maria da Conceição Carvalho (Vila Chã) tem o marido em Lisboa, a trabalhar. Gente pobre, não lhe bastam os ganhos do marido, de modo que a Maria da Conceição vai também dar o dia fora. Que pode uma mulher com uma filha de 19 meses nos braços? Pediu à irmã que lhe tomasse conta da menina. Quando, porém, voltou da apanha da azeitona, Maria encontrou a filha tão maltratada, que tinha gravadas no rosto os sinais da fivela do cinto com que a massacraram. Não era a tia, claro. Era o marido da tia bronco e bêbado incorrigível.

JORNAL PEQUENO

ESTEVE no Palácio de Belém, a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado, o encarregado de negócios da Alemanha Federal em Lisboa. * Sob a presidência do conselheiro Albino dos Reis, a Assembleia Nacional retoma os seus trabalhos na quinta-feira, à hora regimental. * Com o sr. Presidente do Conselho, trabalhou o ministro da Presidência. * Reuniu-se a assembleia geral do Sindicato dos Jornalistas que aprovou o relatório e contas por aclamação, sendo propostos e aprovados votos de saudação aos ministros das Corporações e Finanças, Grémio da Imprensa Diária e organizações congêneres. * Na lagoa de Obidos, foi descoberto o cadáver do popular barqueiro Artur Soares que nela se afogara em Janeiro findo.

A REMODELAÇÃO

dos serviços da Armada

Os recentes decretos, publicados pelo Ministério da Marinha, os quais visam a completa remodelação dos vários serviços da Armada, continuam a produzir os seus efeitos, no que diz respeito, agora, à organização da defesa marítima.

Assim, após a nomeação dos altos comandos para a Força Naval do Continente, da Base de Lisboa e da Força da Metrópole, o comodoro Luís Celestino da Silva, que deixa as funções de comandante da Defesa Marítima dos Açores, passa a desempenhar o cargo de comandante naval daquele arquipélago. Foram ainda nomeados os comandantes de defesa marítima dos seguintes portos: Caminha, Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, e Vila do Conde, Douro e Leixões, Aveiro, Figueira da Foz, Nazaré, Peniche, Setúbal, Lagos e Portimão. Vila Real de Santo António, Olhão, Vila do Porto e de Angra do Heroísmo, que ficam respectivamente a cargo dos srs. comandantes Vieira Coelho, Cunha Aragão, Pedro de Abreu, Basto Carreira, Aires da Silva, Alcibiades da Cruz, Cunha Chagas, Conceição Silva, José de Sousa Aguiar, Basto Silva Reis, Henriques de Brito Pacheco Pinto, Andrade dos Santos e Silva, Neto Valente e Rodrigues Gonçalves.

Foi nomeado, também, comandante da fragata «Corte Real», o sr. capitão-de-fragata Castro e Silva, em substituição do comandante Vieira Lopes.

Festa das finalistas

do Instituto de Odontologia

No Instituto de Odontologia, efectuou-se hoje de tarde uma interessante festa das alunas finalistas, em numero de 25.

Com a presença das esposas dos srs. ministro do Exército e subsecretário de Estado da Aeronáutica e da Educação Nacional, que foram recebidas pelas srs. D. Deolinda Santos e D. Ofélia Serra Martins, directora e subdirectora, respectivamente, efectuou-se, no amplo salão de festas daquele estabelecimento de ensino, uma festa que constou de danças regionais representativas de todas as províncias de Portugal e da representação de uma comédia, desempenhada pelas alunas finalistas que depois se reuniram num chá de confraternização com as senhoras convidadas e suas famílias.

ASSISTÊNCIA

aos tuberculosos em Torres Vedras

Pelo Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos foi concedido um subsídio de 160 contos para completar a verba necessária à instalação de um serviço de fisiologia no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras.

O PORTO pelo telefone

O caso da distribuição do leite

PORTO, 7 — Apesar dos esforços despendidos pela Federação dos Gremios da Lavoura, no sentido de se propor a venda, em exclusivo, de leite necessário ao abastecimento da cidade e concelhos limitrofes, a tarefa é por complexa, de difícil execução. Não é somente o problema das leiteiras que antes tinham o seu lucro limitado à percentagem de 40 centavos por litro, fixado pela Federação; é também a falta das indispensáveis bilhas invioláveis, cuja existência se mostra inferior de 50 por cento, como ainda o sistema de recolha, higienização, numero suficiente de postos abastecedores, etc. Para bem avaliar da actual organização em vigor, basta que se diga que é muito elevado o numero de leiteiras que recebem nos postos o leite, sem outra operação que não seja a mudança de vasilhas do produtor para as ruas, os seus antigos canados continuam sujeitos a toda a possível adulteração. Devemos acrescentar que nem todo o leite fornecido à cidade tem o «controle» do Grémio. Há pelo menos uma empresa de Vila do Conde que distribui diariamente cerca de quatro mil litros de leite devidamente higienizado e posto em casa dos clientes. Desde o início do novo sistema, uma única coisa vem beneficiar as leiteiras «oficiais»: as chamadas bilhas invioláveis de dez litros que vão passar a ter agora, pois embarçava muito o seu manejo o facto de não ter por onde se lhe pegar.

A propósito de várias anomalias e reclamações vindas a publico por intermédio da Imprensa, esat foi hoje convocada para uma reunião a fim de lhe serem prestados vários esclarecimentos, que pouco mais adiantaram aos anteriormente dados. Salientou apenas que tendo sido consultadas 1.600 leiteiras que ali estavam inscritas e eram possuidoras do seu cartão de sanidade, 45 foram declarar ao Urbanismo que se conformavam com o novo estado de coisas; 380 ficaram indecisas; 260 desistiram, e não compareceram 975.

Os postos estão entretanto a abastecer presentemente 803; entre leiteiras inscritas há um certo numero que levanta a roda de 200 litros que entregam a distribuidores que trabalham por sua conta, pelo que lhes pagam semanalmente 35 escudos.

E' provável que, num futuro mais ou menos próximo, a cidade será devidamente abastecida de leite em boas condições; mas, por agora, tudo caminha muito devagar...

O Carnaval no Coliseu do Porto

Procurando manter uma tradição que todos os anos se renova, o Coliseu do Porto apresentou, na sua magnifica pista, um excelente conjunto de atracções nacionais e estrangeiras. O publico seguiu, interessado, todo o vasto programa, dispensando-lhe constantes aplausos que atingiram, em alguns momentos, intensa vibração e serviram para marcar os pontos mais altos de um êxito que se deve, em grande parte, a alguns artistas portugueses. Destes é justo salientar, pela sua verdadeira categoria internacional e pela maneira como foram distinguidos pela assistência, os ginastas «Marcus Brothers», a equilibrista Maria Luisa e Montelero com os seus cães amestrados.

Dos restantes numeros, merecem uma referência especial «Os 4 Jungowes», «Ruby e Charles» e a «Troupe Bello».

Os palhaços, numerosos e divertidos, mantiveram a assistência em óptima disposição, com as suas pantomimas, especialmente «Cele & C.» famosos «clowns» italianos, que muito vieram alegrar o Carnaval portuense.

Os funerais das vitimas

do desastre do Carregado

Da igreja de S. João de Deus, saíram hoje os cadáveres da sr.ª D. Isilda Melo Brito da Costa Pinto de Almeida e de seu sobrinho, João Alexandre Ribeiro Mendes, vítimas do desastre de automóvel ocorrido anteontem na estrada do Carregado, a que o «Diário de Lisboa» se referiu pormenorizadamente.

A urna com os restos mortais da sr.ª D. Isilda Melo Brito da Costa Pinto de Almeida foi transportada, num carro funebre da Agência Salgado, para o cemitério de Pampilhosa do Botão. Os restos mortais do pequenito ficaram sepultados no cemitério de Benfica.

Sal de Fruta

ENO

dá

boa saúde



todos os dias!

ECONOMIZE!
Lembre-se na próxima vez que comprar Sal de Fruta ENO que o frasco largo é mais económico.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar. ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA

ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

CARNAVAL DO BENFICA NAS BELAS-ARTES

4 GRANDIOSOS E ANIMADOS BAILES NAS NOITES

de 7-8-9 e 10

CARDINALI - PENALVA

BATISTA BRAZ

ORQUESTRA CASANOVA

E CONJUNTO BOLERO

Espectáculos para maiores de 15 anos

Bilhetes á venda na Secretaria da Comissão Central do Benfica e nas Agências Abelha e A. B. E. P.

MEIAS COM COSTURA NA FRENTE

A «MEIA DE VIDRO» orgulha-se de ser a primeira casa do País a apresentar a ultima moda Parisiense:

MEIAS COM COSTURA A FRENTE

Em exposição na

MEIA DE VIDRO

R. AUGUSTA, 158

Atenção ao Carnaval das Belas-Artes

Por amável deferência do Restaurante Típico MAE PRETA, actua nos nossos espectáculos todo o elenco artístico daquela casa

Espectáculos para maiores de 15 anos

CAVALHEIRO, 50\$00 — SENHORA, 30\$00

Bilhetes á venda na Comissão Central do Benfica e nas Agências — Abelha e A. B. E. P.

FOI UM
VERDADEIRO

EXITO

AVENIDA

Emp. Laura Alves em colaboração
de Giuseppe BastosEspec. p.
M/ de 12
anosDE ALEGRIA!
A ESTREIA ONTEM DO
NOVO E ENGRAÇADÍSSIMO
ORIGINAL PORTUGUÊS
**UM MARIDO
EM RODAGEM**
UMA COMÉDIA HILARIANTE
DE HENRIQUE SANTOS
Um novo triunfo
da «Companhia do
Teatro de Sempre»AMANHÃ e 3.^a
FEIRA GORDAA'S 16 HORAS
ESPECTÁCULO A' TARDE!SÓ ATÉ
3.^a FEIRA
de Carnaval
MAIS 4
UNICOS DIAS!AMANHÃ e 3.^a FEIRA
GORDA
A'S 16 HORAS
ÚLTIMOS
Espectáculos à tarde!5.^a FEIRA, 12
Estreia da companhia no
Teatro Sã da Bandeira
do PortoVARIEDADES
EMPRESA TEATRAL AVENIDA L.D. — TELEF. 26027
ULTIMAS
REPRESENTAÇÕES
COM
JEITO
VAI!A REVISTA EM QUE TRIUNFA
**BEATRIZ
COSTA!**ESPECTACULOS PARA
ADULTOS, M./de 17 anos6.^a-FEIRA, 13 SENSACIONAL
REAPARIÇÃO EM LISBOA DE
LAURA ALVES
EM«A RAINHA
DO FERRO-VELHO»a sua notá-
vel e popu-
lar criação
que acaba de
merecer a
justa consa-
gração do
prémio na-
cional da crí-
tica!

Laura Alves

HOJE

ATÉ ALTA MADRUGADA REINA A FOLIA!
TODOS SABEM QUE ISTO É VERDADE!
É QUANTO BASTA PARA NÃO FALTAR ao**CARNAVAL DAS MULTIDÕES**com os grandes êxitos: LES VILLALTA - BALLET ERASTO - HERMANAS ROMERO
MIRIAN DE PALMA e VILAÇA E SUA ORQUESTRAUMA NOITE CHEIA
DE SURPRESASNo Salão Típico: CEIAS com FADOS e GUITARRADAS e
ainda «MANOLILLO DE BERBES» em Cantares FlamencosRITZ
CLUBEMPRESA RITZ CLUB
ADULTOS maiores de 17 anosNA PRÓXIMA SEMANA:
**5 ESTREIAS DE
ALTA CLASSE**Teatro Nacional
de Dona Maria II

Todas as noites às 21 e 45

Aos sábados, às 16 horas,
tardes populares, a preços
reduzidos

(12 ANOS)

O PROCESSO DE JESUS

TODA A COMPANHIA

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Leiam o jornal humorístico

sempre
fixe

CALYPSO

BAR DANCING

PRAÇA DA ALEGRIA, 56
Telef. 34120
ADULTOS — Maiores 17 anosApresenta o maior show no **CARNAVAL**com o Ballet **SINFONIA ESPANHOLA**14 — ESCULTURAS BAILARINAS — 14
E OUTRAS ATRAÇÕES

4 — NOITES DE CONSTANTE ALEGRIA — 4

RESERVE A SUA MESA

SENSACIONAL
MODELO 1959UM NOVO
GIRA-DISCOS
de 4 velocidades,
moderno, elegante,
resistente e leve da
FAMOSA MARCA ALEMÃ

Preço Esc. (Chassi) 498\$50

Discotheca
UNIVERSAL, L.RUA DO CARMO 51-C LISBOA-2
TELEF. 24963 34726**UM HOMEM SÓ**NO TRINDADE HOJE AS 21.45 (12 ANOS)
E SÓ ATÉ AMANHÃ
DOMINGO, SEGUNDA E TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL
3 «matinées» infantis com palhaços — Ilusionistas e sorteios**CAMPO PEQUENO**

AMANHÃ, ÀS 15 HORAS

PRIMEIRO GRANDIOSO ESPECTÁCULO
DO CARNAVAL DA POPULARIDADE7 bravíssimas reses — O cavaleiro amador QUIM-ZÉ — Rapsódia
Taurina Portuguesa, com D. José Jr., Totó, Charlot e seus Botões
— O Gorila Toureiro — A Banda Taurina «Os Autênticos» —
— Anselmo e a sua gata de foles — Tudo dança, minha gente,
o «Hula-Hoop» e a vaca também, que não é nenhuma cartola —
Toureiros das Escolas Luciano Moreira, Alfredo dos Santos e
Arena — Forcados de Vila Franca de Xira, chefiados
por José Garradinha

GRAÇA! ARTE! EMOÇÃO!

Maiores de 6 anos

BILHETES A' VENDA NOS RESTAURADORES, 7, DESDE 7\$50!



abc

3.^o
MÊSTEL. 366745
EMP. TEATRAL ABC, LDA.
As 20 e 30 e às 22 e 45
O CARTAZ DA ALEGRIA

IOLA e PAULO

VINHO NOVOPARA MAIORES DE 17 ANOS
A UNICA SALA DO PARQUE MAYER COM AQUECIMENTOATENÇÃO — ESTÃO A VENDA OS BILHETES PARA
OS ESPECTÁCULOS DE CARNAVAL
OS PREÇOS NÃO FORAM AUMENTADOSDOMINGO E 3.^a FEIRA — ESPECTÁCULOS A TARDEComeça hoje o grande **CARNAVAL** do **CAPITOLIO**

O MAIS ALEGRE E FAMILIAR DE LISBOA!

A's 21.30 (para maiores de quinze anos)

PRIMEIRA NOITE DE ANIMAÇÃO E ESTURDIA!

CINEMA! BAILE! VARIEDADES!

UMA ALEGRE E GRACIOSA COMÉDIA MUSICAL EM ESTREIA!

INTRIGA NOS BASTIDORES

Um conjunto sensacional de grandes atrações:

JOLSON, o mago do ilusionismo — BRENDA Y VALENTI, bailarinos fantasistas
MARIA DO CARMO, vedeta do Teatro, da Rádio e da TV — ROSITA DEL VALLE,
estrela do baile espanhol, e VICTOR & PORTO, «clowns» — parodistas musicais**BAILES ATÉ DE MANHÃ NA PLATEIA**com a orquestra de JOSÉ MAGALHÃES, um dos melhores conjuntos portugueses!
DE MADRUGADA: Exibição de um filme notável: «ARSENE LUPIN»
Preços incrivelmente populares — Peça o programa na bilheteira3 EXTRAORDINA-
RIAS TARDAS
PARA CRIANÇAS
AMANHÃ, SEGUN-
DA e TERÇA
às 15 horas
(Maiores de 6 anos)PALHAÇOS
VARIEDADES
DESENHOS
Filmes cómicosO verdadeiro Carnaval
da petizada de Lisboa!**LUSO**T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889
ADULTOS — Maiores de 17 anos
HOJE, ATÉ DE MADRUGADAINICIO do GRANDE CARNAVAL
do **LUSO**: BAILE pela categorizada

«ORQUESTRA LUSO» e Fados por:

Hilda Ferreira — Baptista Martins — Maria A. Proença — Joaquim
Geraudes — Maria Vicente e o As do Riso António dos Santos. Acomp-
panhamentos por: A. Couto e A. Rami — Optimo Serviço de Restau-
rante — Servem-se Ceias — Amanhã, Grandiosa «Matinée»

Jardim Cinema

SALÃO DE FESTAS MONUMENTAL — TEL. 681117
HOJE, às 22 h. (Para maiores 15 anos), início dos SENSAIONAIS BAILES de CARNAVAL e VARIEDADES com os consagrados artistas:

ARTUR RIBEIRO

MARIA AMÉLIA CANOSSA, ANTÓNIO ALVARINHO e CONJUNTO SEM NOME

DE MADRUGADA O IRRESISTIVEL CORDÃO BRASILEIRO, animado pelos artistas brasileiros ALMEIDINHA e DILMA

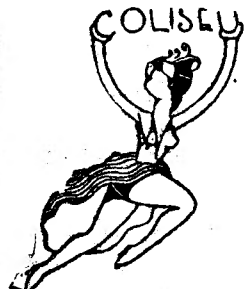
BAILE até de madrugada ao som das Orquestras ESTEVAO e sua ORQUESTRA e Conjunto ESTRELA AZUL (Blue Star)

Completo serviço de Bar e Ceias a preços acessíveis

No Coliseu dos Recreios

Esta noite, às 22 horas, inauguração do Carnaval de alegria de Lisboa. Espectáculo com mais de cem atrações. Bais até de madrugada. Cortejo na pista. Quadros do Carnaval de todo o Mundo. Amanhã, às 16 horas, espetáculo de Carnaval e baile para as crianças

Hoje, começa, no Coliseu, o rutilante Carnaval de Lisboa. Apoteose máxima de alegria. O Carnaval, que Lisboa não joga, nem brinca nas ruas, dentro da mais vasta sala do País, regorgitante de milhares de pessoas. Carnaval majestoso, frenético de alegria, deslumbrante de beleza. Espectáculos e bailes até de madrugada. Pode dançar-se na pista, nos camarotes, nas salas, nos corredores, em todos os recintos. Cerca de 100 atrações de todos os géneros. Estreia de novos quadros, como a Festa da Golega, Concurso de Hula-Hoop, os Chéchéés Divertem-se, Mistérios do Oriente, Merceiro Patriota, Para onde é que eu vou! Fantasias de Aginaldo, O Grande Moisés, os 5 Johns. Numeros de revista, de circo, de «vaudeville», de «music-hall», de «cabaret». Evocações do típico Carnaval alfacinha. «Sketches» do Entrudo de Nice, Rio de Janeiro, Monte Carlo, Paris, Roma. Cortejo deslumbrante na pista. Três orquestras. Máscaras. Batalhas de alegria. A meia-noite dá entrada na sala, feéricamente, iluminada, com 50 mil lampadas e engalanada, Sua Majestade o Rei Momo, com a sua comitiva. Marchas, «cordões», cegadas. O Coliseu não fecha as suas portas até de madrugada. Amanhã, Domingo Gordo, às 16 horas, com entrada gratuita às crianças até aos 10 anos, espetáculo e bailes de Carnaval. A noite, às 22 horas, o grandioso e alucinante Carnaval de Lisboa. O mais barato! O mais alucinante! O Carnaval de todas as famílias.



monumental
CARNAVAL
só o do TEATRO
MONUMENTAL

GRANDE
PARADA
MUSICAL
1959

RAFAEL
CRUZ
Y SU
Ballet

intérpretes do
baile clássico
espanhol

ORQUESTRA
CARNAVAL
TROPICAL
SHOW

com a princesa
MENEM

CARLOS
RAMOS

o 1.º fadista
português

OS ARTISTAS
DA RÁDIO
E TELEVISÃO

CONJUNTO
SEM
NOME

Baile até de ma-
drugada para o
publico das duas
sessões ao som
de 3 orquestras
CASABLANCA
PORTO RICO
e TROPICAL

• VÁ À 1.ª SESSÃO E TERÁ MAIS TEMPO PARA DANÇAR!!! •



CARNAVAL INFANTIL

AMANHÃ — 2.ª e 3.ª FEIRA

— AS 15 E 18 HORAS —
CONCURSO DE MÁSCARAS
INFANTIS

60 VALIOSOS PRÉMIOS

1 AUTOMÓVEL — 1 LAMBRETA
1 BICICLETA — 1 JEEP

DEZENAS DE LINDAS BONECAS

SORTEIO por todas as crianças mascara-
das ou não, de 1 APARELHO de televisão,
no valor de 7.250\$00

O ÚNICO ESPECTÁCULO INFANTIL
EM LISBOA PARA MAIORES DE
4 ANOS

SÃO
JORGE

HOJE — 15.15, 18.15
GRANDE SUCESSO
DE GARGALHADA
O CÔMICO DOS CÔMICOS
NORMAN WISDON

EM
NORMAN NA TROPA

M/12 anos

— CARNAVAL —

M. DE 12 ANOS

HOJE, amanhã, 2.ª e 3.ª feira

às 21.30

GRANDES FESTIVAIS

DO RISO

com

NORMAN NA TROPA
8 DESENHOS ANIMADOS
BALÕES! SURPRESAS!
ANIMAÇÃO!

AOS PREÇOS NORMAIS
DESTE CINEMA

BUGIO

Telefone 643198

RESTAURANTE
E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bi-
lhares — Salão para banquetes, ca-
samentos, baptizados, festas, etc.
Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OEIRAS

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

HOJE:

1.ª NOITE DE GRANDE MARATONA DA FOLIA

BRILHANTE BAILE DE MÁSCARAS

DIGNO DO EXTRAORDINÁRIO ASSOMBRO QUE VAI PROVOCAR O

O CARNAVAL N.º 1 DE LISBOA

UM ELENCO DE ATRAÇÕES INCOMPARÁVEIS! MUITAS SURPRESAS ATÉ ALTAS HORAS!
UM PROGRAMA CHEIO DE SENSACIONAIS NOVIDADES:

Pasapoga

TELEF. 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO

ADULTOS M/ DE 17 ANOS

A «CEGADA DO
PÉ-COXINHO»
COM A COLABORA-
ÇÃO DO PÚBLICO

FANTASIA BUR-
LESCA SOBRE OS
AMORES DA «MI-
CAS DAS MELAN-
CIAS» COM O «ZÉ
D'ADIÇA»

UMA FAMOSA OR-
QUESTRA DE GÉ-
NIOS MUITO DOI-
DOS E... MUITO
BARBADOS

BALLET
LUIZ XV
UM CONJUNTO
COREOGRÁFICO
QUE VAI DAR
BRADO

BRINDES ÀS 3 SENHORAS MELHOR MASCARADAS—BAILE com SÉRGIO e sua orquestra

CARNAVAL

GUARDA-ROUPA

ALUGA-SE PARA

CRIANÇAS e ADULTOS

NO TEATRO MONUMENTAL — Telf. 40945

AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA, 71-E — LISBOA

CARNAVAL
DISCOS

STANDARD ELÉCTRICA
RUA AUGUSTA, 19

OS MAIS RECENTES
EXITOS DE MÚSICA DE
DANÇA: «Hula Hoop», «Cha,
Cha, Cha», «Rock and Roll»,
etc.

O MAIS ALLEGRE CARNAVAL

e o de LIDO em S.º Amaro de Oeiras

ATRAÇÕES · BRINDES · SURPRESAS!

VISTOSA DECORAÇÃO COM MOTIVOS BRASILEIROS!

SÁBADO E 2.ª FEIRA CONSUMO: 50.00 9.ª CEIA 75.00

DOMINGO E 3.ª FEIRA " 40.00

BAILE ATÉ DE MADRUGADA PELO CONJUNTO LIDO



Márcia Condessa

PRAÇA DA ALEGRIA, 38 — Tel. 367093

Quer continuar o CARNAVAL alegre e
divertido vá à MÁRCIA CONDESSA.

BAILES — SURPRESAS — ALEGRIA

Reserve a sua mesa

(Maiores 17 anos)

HOJE. 1.ª NOITE DE CARNAVAL

NO
SELECTO CAFÉ



(MAIORES 15 ANOS)
NOTÁVEL SERVIÇO
DE «SNACK-BAR»

SEM RIVAL EM FAMA E TRADIÇÕES!

AS MAIS EXTRAORDINÁRIAS E SENSACIONAIS HORAS
DE FRENÉTICA ALEGRIA... ESTÚRDIA E BOEMIA... ELEGANTE

BAILE DE MASCARAS

DUAS SALAS PARA DANÇAR SEM PARAR
EM DOIS ANDARES DIFERENTES, COM UMA
ADMIRÁVEL ORQUESTRA

MUITAS E GRANDES SURPRESAS QUE VÃO
PROVOCAR SENSACÃO ATÉ ALTA MA-
DRUGADA

O PONTO DE REUNIÃO ESCOLHIDO PELAS MELHORES FAMÍLIAS

Teatros e Cinemas

«Um marido em rodagem», de Henrique Santos, no Teatro Avenida



Algumas figuras de «Um marido em rodagem», vistas por F. Bento

Esta comédia-farsa ontem estreada na Avenida — «Um marido em rodagem» — não deixa de ser um aturável espectáculo faceto da quadra carnavalesca, capaz de satirizar em risos grossos uma plateia justamente animada de simpatia para com o seu autor, que é sobretudo um actor consciencioso e capaz, «double» de ensaiador e que a si próprio modestamente se intitula «pseudo-escritor», ao declarar que nenhuma outra ambição o moveu neste cometimento senão o de conseguir «uma comédia vulgar com um cunho de comicidade igual a tantas outras». Efectivamente «Um marido em rodagem», se não prima pela qualidade espirituosa do diálogo ou por qualquer espécie de originalidade crítica, é, na sua inocência, uma comédia de situações verdadeiramente hilar, bem carpinteirada e movimentada, decalcada porventura, num ou noutro passo, de aqui e de acolá, mas amavelmente recosida com o instinto e a experiência teatral de quem vive a pisar o tablado. Só um reparo agressivo; em que nos pese, não podemos calar: o de estar esta pegazinha, merecedora em si de encorajamento, flagrantemente deslocada num repertório que arvora o lema por excelência nobre, e como tal responsável, de «Teatro de Sempre». Não se trata aqui de teatro de sempre, tão-pouco de teatro de nunca: apenas de teatro de ocasião. Como exercício de habilidade, pura e simplesmente, nenhum juri — e a temperatura do publico o diz — lhe recusaria nota mais do que positiva.

Uma ideia com graça: a do az do volante, rico e ocioso, que, após um desastre sensacional, dado como moribundo pelas informações da rádio e dos jornais, se encontra de um só golpe a braços com as três mulheres sucessivas do seu passado, dispostas todas elas a fechar-lhe os olhos piedosamente, cada qual a seu modo. O agonizante, porém, continua bem vivo e sumamente inquieto com a evolução dos acontecimentos, com a perturbação que essa tríade dissonante vem lançar na sua recuperada independência.

Uma, a primeira esposa, é a autoral senhora autoritária e maçoada das conferências de caridade, das botijas quentes, das mantas de papá; a segunda é a frívola sereia habituada a tresnoitar em casinos e «boites», com um eterno copo de «whisky» na mão e uma panela de cãesinhos no regaço; a terceira, o paradigma da mulher desportista, de mochila às costas, abrindo janelas, vergando a sua «entourage» ao culto dos exercícios ginásticos. Três apontamentos fáceis, mas vivos, na sua despretenhosa trivialidade. Dos «imbroglios» que se geram e se acumulam, em catadupa, num salão em permanente alerta, perante o clássico mordomo atarantado, que vai afinal sair?

O pobre doente de amor demais cura-se, morre, ressuscita, sucumbe

à tirania das suas três ante-viúvas, foge, e acaba manhosamente por as domesticar, após um sem-número de peripécias do tipo chamado «desopilante», até que uma quarta beladade surge em cena, no momento mais inoportuno, para deitar à paz daquela santa casa, transformada em reformatório de tiranas, a semente de novas «confusões», augurando trilhar o caminho fatal das suas predecessoras.

Só para ver Carmen Dolores representar mais uma vez primorosamente, da maneira mais adequada, um papel diverso de quantos na presente temporada lhe têm cabido em sorte — desta vez o da jovem entusiasta do «footing» e do sumo de frutas, com um garbo impressionante e uma incomparável justeza de tom; e para admirar também a felina e dengue composição de Madalena Sotto, na figura da «dançarina «chica», muito ao jeito do seu feito artístico — valeria a pena assistir à estreia do Avenida.

Rogério Paulo, sendo um actor vincadamente «dramático», mais a vontade noutros voos, consegue ferir igualmente bem a nota cómica, com a sua inteligência cénica e um poder de simpatia natural que não será o menor dos seus atributos enquanto a comunicação com o público. Não há pois que lamentar por lhe haver tocado um heroi de farsa sem dimensão nenhuma, uma vez que ele próprio é até o primeiro a solidarizar-se de antemão com o seu camarada Henrique Santos, no elogio que dele traça na notícia biográfica de apresentação no preambulo do texto publicado. E todos os outros, melhor ou pior, cumprem honestamente: Adeline Campos (a assistente convicta das reuniões das Irmãs), algum tanto destoante e vacilante no primeiro acto em especial; Samwell Dinis, com todos os ademanos e tiques de rigor no criado grave; Constança Navarro, uma discreta e correcta governanta, aturdida pela balburdia; Fernanda Alves, menos convincente no desempenho relampago da quarta filha de Eva; e finalmente, ambos com desenvoltura, em episódicos papéis de um prólogo cuja necessidade nos parece discutível, Carmen de Almeida e Armando Caldas.

Os cenários (executados por Cunha e Silva) com diversos pormenores de mau gosto, tal o cimo dos edifícios, na «rua defronte», e outros, ao contrário, elegantes, como os dois quadros que decoram as paredes. E de Gino Saviotti a direcção artística e do próprio Henrique Santos a encenação e direcção de cena. Maquetagem e direcção de montagem de José Manuel Santana. — U. T. R.

Atrás do reposteiro

No seu Teatro de Bolso, o elenco profissional do Teatro Experimental do Porto repõe hoje a peça «Volpone».

— Confirma-se que uma das pe-

ças que Laura Alves desempenhará esta época, será «A respeitosa» de Sartre.

— Na T. V. está em ensaios, para ser apresentado no dia 22, o «Auto da Alma», de Gil Vicente, com a seguinte distribuição de figuras: «1.º Diabo», Augusto de Figueiredo; «2.º Diabo», Carlos José Teixeira; «Alma», Candida Lacerda; «Anjo».

João Perry; «Igreja», Glicínia Quartim; «S. Agostinho», Manuel de Oliveira. Todos estes artistas fazem parte do Teatro Experimental de Lisboa.

— O grupo cénico do Clube Estefania leva hoje á cena na sua sede.

(Continua na 11.ª página)

CASINO ESTORIL

Apresenta no Carnaval

Num ambiente de sonho decorado por Pedro Leitão
e com a assistência de celebridades mundiais

4 - Grandiosos Bailes - 4

HOJE — BAILE DE GALA — TRAJE DE NOITE

Senhoras: — Vestido de noite comprido ou de cocktail
Cavalheiros: — Smoking, casaca ou farda de gala

AMANHÃ, 8 — BAILE DE MASCARAS RICO

Fantasia ricas ou trajes regionais ricos. Devido às Televisões Americana e Europeias é imprescindível no Grande Salão Restaurante o uso destes trajes para Senhoras e Cavalheiros

No Wonder-Bar, na Floresta Tropical (Hall) e no Fundo do Mar (Cinema) é facultativo o uso de fantasia ou traje regional ricos ou ainda o de traje de noite

Segunda-Feira, 9 — BAILE DE MASCARAS TRAPALHÃO
Disfarces com trajes improvisados. Facultativo o traje de noite

Terça-Feira, 10 — BAILE COR DE ROSA

Senhoras: — Vestido de noite cor-de-rosa ou em que predomine esta cor
Cavalheiros: — Smoking ou casaca com cravo ou laço cor-de-rosa.

No Grande Salão Restaurante é também imprescindível este traje

Nos outros locais é facultativo às Senhoras o uso de vestido de noite de outra cor.

PREÇOS — NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE —
Esc. 500\$00 por pessoa

NO WONDER-BAR—NA FLORESTA TROPICAL e NO FUNDO DO MAR — 350\$00 por pessoa.

NO BAR-AMERICANO — Esc. 200\$00 por pessoa com direito a 50\$00 de consumo de bebidas.

ESTES PREÇOS SÃO IGUAIS PARA OS 4 DIAS

MAIORES DE 17 ANOS



Adelina Ramos

na mais alegre e animada Ramboia. FADOS, DESGARRADAS, BAILARICO SALOIO e muito mais diversões. — (M/17 ANOS)

A TIPOIA

Restaurante Típico

De: ADELINA RAMOS

4 - NOITES de CARNAVAL - 4

As estreias de hoje

No Tivoli

Título — «As vinhas do senhora».
Produção — Francesa.
Realização — Jean Boyer.
Interpretes — Fernandel, Simone Valere, Beatrice Bretty.
Argumento — A graça de Fernandel num filme pleno de humor e espírito francês.
Processo — Normal.
Classificação — Maiores de 17 anos.

No S. Luiz e no Alvalade

Título — «Viva o palhaço».
Produção — Americana.
Interpretes — Danny Kaye, Pier Angeli.
Argumento — A vida mágica do circo e a história de um palhaço.
Processo — Cinemascope e metrocólor.
Classificação — Maiores de 12 anos.

HOJE-ESTREIA

SAO LUIZ

ALVALADE



"MERRY ANDREW"

DANNY KAYE



A MAIS ALEGRE E EXTRAORDINARIA COMÉDIA MUSICAL DE TODOS OS TEMPOS!

Um filme M. G. M.
CINEMASCOPE—METROCOLOR
Espectáculo M/ 12 anos

RESTAURANTE ALVALADE

Telef. 779151

HOJE ESTREIA

Agudiez y Don Panfilo

O CARNAVAL

mais alegre de Lisboa

HOJE

AMOUR AMOUR COCKTAIL

pelo «Barman»

TONY RAMOS

The U. K. B. G.

Adultos M. 17 anos

A Serra da Estrela coberta de neve

PENHAS DOURADAS, 7 — Esta região está coberta de neve, o que lhe dá uma singular beleza. O lençol de neve tem cerca de cinquenta centímetros de altura. A estrada de Manteigas a Gouveia encontra-se cortada.

Crise ministerial no Iraque

CAIRO, 7. — Seis ministros do Gabinete iraquiano apresentaram a demissão ao primeiro-ministro, major-general Kassem, segundo informou a agência noticiosa Médio Oriente patrocinada pelo Governo egípcio. — (R.).

Mais de 40 moradias inundadas devido à rotura de uma conduta de águas no Arco do Carvalho

Pouco passava do meio-dia quando os Sapadores Bombeiros receberam um pedido para mandar fechar a água na Rua do Arco do Carvalho, por ter rebentado um sifão da respectiva conduta. Imediatamente saiu para o local um «jeep» com pessoal dos bombeiros, que, ao chegar ali, verificaram que o caso assumia proporções de gravidade. Mais de quarenta moradias estavam inundadas, algumas de um só piso, outras com cave, rés-do-chão e pri-

meiro andar. Reclamado material de auto-bombas, começaram a chegar as viaturas, em numero de 13, umas após outras, com segundos de intervalo. Mais de 100 sapadores bombeiros, sob a direcção dos 1.º e 2.º comandantes respectivamente srs. tenente-coronel Ribeiro Viana e major Rogério Cansado, esgotaram a água das residências, abrindo sargetas para o necessário escoamento. No local compareceu também o eng. da Companhia das Águas sr. Caldeira Brito.

Água em catadupas e um ferido

Um prédio com o n.º 75 que fica quase encostado às traseiras do aqueduto das Águas Livres, na Rua Arco do Carvalho, foi o que mais sofreu.

As suas traseiras deitam para um quintal, onde fragorosamente desabou um muro de suporte de terras, em consequência da infiltração de águas. Encontrava-se nesse momento no quinteiro o carpinteiro Diamantino Gonçalves, de 33 anos, inquilino do primeiro andar, que, atingido pelo desmoronamento, teve de receber tratamento no Hospital de São José, recolhendo em seguida à sua danificada residência.

O estrondo do desabamento alarmou todos os moradores do prédio.



Os bombeiros procedendo ao escoamento das águas

cujas marquises envidraçadas se estilhaçaram, aumentando o clima de enervamento geral.

E logo a água jorrou do referido muro em tal quantidade que dava a impressão de vir em catadupas invadindo rapidamente as dependências da casa e arrancando mesmo algumas das marquises. Estabeleceu-se então o pânico, como é natural e os moradores do prédio, abandonaram as suas residências. As águas iam subindo vertiginosamente chegando já às casas próximas. Em breve os quintais das casas de toda aquela correnteza eram autênticos lagos cheios de água, até à esquina da Rua das Amoreiras, n.º 18.

Uma garagem invadida pela enxurrada

Na oficina de reparações de automóveis António Florêncio, Ld., alguns mecânicos que estavam a reparar carros, foram surpreendidos pela chela, que atingiu rapidamente grande altura. Como puderam nem eles o sabem, com o auxílio de vários populares, retiraram os carros para a rua. Alguns veículos, porém, ficaram na garagem, sofrendo assim grandes estragos.

Duas senhoras e uma criança salvas pelos Bombeiros

Duas senhoras moradoras no prédio n.º 33 e uma criança que com elas se encontrava no quintal

O «Diário de Lisboa» vende-se em MONTE-MOR-O-NOVO, na casa Joaquim R. Amaro.



Um aspecto da garagem inundada

a dar de comer aos galináceos foram surpreendidas pela avalanche das águas, tiveram de subir para cima de uma capoeira, onde se agarraram às traves do tecto, e aí ficaram suspensas. Dessa difícil situação as retiraram os bombeiros, que as trouxeram aos ombros para terreno firme.

Todos os moradores dos prédios inundados, desde a ponta do Arco das Águas Livres, onde passa a conduta geral de abastecimento de água, até à esquina da Rua das Amoreiras sofreram importantes prejuízos. Muitos dos seus mora-

dores não poderão permanecer nessas residências.

Parece que a primeira vaga de águas se soltou nas traseiras do Liceu Charles Lepierre, de onde a enxurrada terá avançado sobre as traseiras de todos os prédios. Ao princípio da tarde, não se conhecia ainda a causa da rotura nem qual o sifão que havia rebentado. E a primeira inundação que de há muito ocorre em Lisboa nestas condições, com prejuízos tão elevados, e que afectam tanto os edifícios, como os próprios haveres dos seus moradores.

Amanhã 2.º dia do CURSO DO CARNAVAL INTERNACIONAL DO ESTORIL

O MAIS GRANDIOSO DOS ESPECTÁCULOS DO SEU GÉNERO, ATÉ
AGORA REALIZADO EM PORTUGAL

Também há bilheteiras
no Parque Estoril



O CARNAVAL no Terraço das Estrelas do HOTEL EMBAIXADOR

VAI SER DOS MAIS ALEGRES

4 BAILES A NOITE E 2 «MATINÉES»

AMANHÃ E TERÇA-FEIRA

com o seguinte programa de «music-hall»

ANITA SOL

insinuante cantora da Televisão italiana

DUO RIO GRANDE

atração de categoria internacional e

MARA ABRANTES

a voz quente dos ritmos brasileiros

(ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS)

TÁGIDE

O mais sensacional programa de

CARNAVAL

6 Grandes Atracções Internacionais

Um «show» que ficará memorável!

JEAN LOUIS TRISTAN
THE LASZLO'S, LINA e MIGUEL

com o seu guitarrista privativo
JUAN RIVAS

THE MODERN JAZZ DANCERS
SISTERS CARYS

Ainda no programa
HELENA TAVARES, YVONE e CLARA
MARIA CANDAL

Conjuntos **ALEX WILLIAM'S**
com **Laura Villa e Fernando Potier**
e **Tobias Valido com Mário Ruiz**
e **Vera Madriz**

PREÇOS

Tágide —

NOITES de SÁBADO — SEGUNDA e TERÇA-FEIRA
Esc. 200\$00 com direito ao consumo de 80\$00

NOITE de DOMINGO — Esc. 160\$00
com direito ao consumo de Esc. 80\$00

MATINÉES de DOMINGO e TERÇA-FEIRA
Esc. 50\$00 de consumo obrigatório

Palm Beach —

NOITES de SÁBADO — SEGUNDA e TERÇA-FEIRA
Esc. 180\$00 com direito ao consumo de Esc. 80\$00

NOITE de DOMINGO — Esc. 140\$00
com direito ao consumo de Esc. 80\$00

MATINÉES de DOMINGO e TERÇA-FEIRA
Esc. 40\$00 de consumo obrigatório

Adultos (Maiores de 17 anos)

O «gatuno» era o marido

LONG BRANCH (Nova Jersey), 7. — A Polícia recebeu pelo telefone uma queixa da sr.^a Jane Williams contra um gato que lhe roubara o automóvel e o dinheiro do ordenado do marido.

A sr. Williams pretendia que o marido não viesse a saber do «caso». Mas o «gatuno» era o próprio marido, que, em estado de embriaguez, nem sequer conseguia identificar-se, ao ser preso. — (A. N. I.).

Os 3.000 contos saíram a uma idosa criada de servir que pôde comprar as duas séries porque há meses ganhara 2.500 escudos

A humilde e idosa criada de servir que, no passado domingo, às 10 horas, ao voltar das compras no

Mercado 31 de Janeiro, comprou as duas séries do bilhete n.º 33.800 da lotaria do Carnaval, tudo isto há-de parecer um conto de fadas...

De vez em quando, com o produto das suas economias, com prava uma cautela, ou um décimo, ao cauteleiro-engraxador Julio de Sousa Pereira, vendedor de lotaria n.º 578, residente na Rua Sebastião Saraiva Lima, 55, r/c., esquerdo. Se apanhava a «terminação», ou qualquer outro prémio, insistia; de contrário, passava uma ou duas semanas sem se habilitar.

Há uns dois meses, saíram-lhe 2.500 escudos, por jogar com um número terminado em 800 — os três últimos algarismos do bilhete premiado com a «taluda»; e, na lotaria do Carnaval, resolveu adquirir um bilhete: o 33.800, certo do Julio Pereira, desde que começaram as lotarias populares, e chegou às mãos dele, ido da Misericórdia, através de José Barraga, que, por sua vez, o recebeu de Manuel Alves Fernandes, da Rua Martin Moniz, 31, 4.º. Mas o cauteleiro aconselhou-a:

— Leve as duas séries. Sempre podem sair-lhe 3.000 contos...

— 140 mil réis, só numa lotaria é muito para mim...

— Lembre-se de que teve um prémio bom, há pouco tempo, e de que, na lotaria do Natal, só comprou uma cautela...

A freguesa — que há vinte anos serve na mesma casa — convenceu-se — e o Julio dobrou os dois bilhetes e meteu-lhos na mala de mão.

O vendedor da «sorte grande» — que tem 48 anos — há 30 que exerce as suas funções de engraxador ambulante e de vendedor de lotarias, na zona em volta da esquina da Avenida Fontes Pereira de Melo e da Rua Engenheiro Vieira da Silva, onde existem, além do mercado, os cafés Paulistana, Monte Carlo e Monumental; e desde 1949 que tem ali uma tabuleta com jogo, onde agora o acompanha uma sobrinha, de 10 anos, Julieta Soares Teixeira, que bem se pode considerar a sua «mascotte». Essa tabuleta, onde se conserva aceso, mesmo de dia, um candeeiro «Petro-max», está rodeada de papelinhos

Maria do Rosário voltou a ser operada

Maria do Rosário Miguel Henriques está, como noticiámos, desde há dias, internada no Hospital de Jesus, onde tem recebido carinhosa assistência de directores e pessoal de enfermagem. Para iniciar uma última série de intervenções cirúrgicas que lhe restituirão os traços alterados pelo fogo, a jovem heroína da Marinha Grande foi ontem operada com todo o êxito, por um ilustre especialista de cirurgia plástica. Graças ao generoso patrocínio dos nossos leitores, de uma notável equipa de técnicos e do Hospital de Jesus, Maria do Rosário terá, dentro de pouco tempo, vencidas as máculas que o fogo lhe deixou, quando salvou do fogo duas crianças.



O feliz cauteleiro, a sua tabuleta e a sobrinha, que é a sua «mascotte»...

vermelhos indicadores, e tem, desde ontem, este letreiro que chama a atenção de toda a gente que passa: «1.º prémio — 33.800 — 3 mil contos. Vendido aqui!!!».

Este cauteleiro já vendera a «sorte grande» — 600 contos — no 4542, em 8 de Fevereiro de 1952, e, mais tarde, um bilhete com o segundo prémio.

Esta manhã, transitava nervosamente, da Avenida para a Rua e

da Rua para a Avenida, na ansia de encontrar a feliz servil, hoje já instantaneamente procurada, em vão, por repórteres da Imprensa e da Televisão.

Perguntámos-lhe:

— É verdade que a freguesa prometeu dar 20 contos à sua sobrinha, se lhe saísse a «sorte grande»?

— As outras pessoas «sabem» mais do que nós... Eu, por mim, não me lembro de lhe ouvir isso...

Morreu afogado no Tejo quando pretendia regressar a bordo da draga «Engenheiro Matos» «Faruk», o cão dos mergulhadores

Morreu o «Faruk», em condições que impressionaram não somente os seus «donos» — os tripulantes da draga «Engenheiro Matos», da Administração do Porto de Lisboa — mas todos quantos conheciam a sua história, revelada ao público pelo «Diário de Lisboa», em Agosto de 1956, a propósito das obras de construção de um novo pontão para barcos de passageiros, no Ginjal.

Sempre que um dos mergulhadores daquele barco desaparecia nas águas, o fiel cãozinho, julgando-o em perigo, lançava-se ao rio, e não deixava de nadar, no local, enquanto ele não voltava à superfície. E até chegou a estar, uma vez, quatro horas dentro de água!

Logo que o mergulhador regressava à draga, o cão imitava-o, subindo uma escada vulgar, pendurada junto ao costado.

Já nunca mais o «Faruk» poderá repetir as suas provas de dedicação aos «donos», porque, estando a draga em Cacilhas, ele saltou para terra, e, tendo o barco de afastar-se, por motivo de serviço, já não pôde regressar a bordo; e,

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 15 horas: máxima, 15,7; mínima, 7,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 16,6; mínima, 12,6.

— Temperaturas observadas hoje às 9 horas, na Costa do Sol: na atmosfera, 9,1; na água do mar, 13,9.

poucos dias depois, foi encontrado o seu cadáver a boiar no Tejo. Supõe-se que, desejando voltar à draga e, não a vendo já ali, procurou, inutilmente, alcançá-la, a nado, sendo vencido pelo cansaço.



O «Faruk» junto de um mergulhador

O ministro da Justiça visitou Alcobaça

ALCOBAÇA, 7. (Pelo telefone). — O ministro da Justiça, acompanhado pelo director-geral do seu ministério, esteve hoje nesta vila, para visitar o velho tribunal e ver a «maquette» do novo edifício. Recebido pela magistratura local, o ministro esteve nos Paços do Conselho, sendo-lhe depois oferecido um almoço íntimo.

AVIS

Os estabelecimentos bancários como de costume, na Terça-feira com excepção dos serviços de T. de Portugal.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1959
GRÊMIO NACIONAL
E CASAS



Diariamente

massagem-fricção

PANTÈNE

LOÇÃO CAPILAR VITAMINADA: O TRATAMENTO DO CABELO

O CARNAVAL MAIS ALEGRE DO ANO

será o do «BARRETE VERDE» em Benavente

O MAIS LUXUOSO E TÍPICO RESTAURANTE DO RIBATEJO

RANCHOS FOLCLÓRICOS: TÍPICO BARRETE VERDE E OS PESCADORES DE ESCAROPIM, CANTARES REGIONAIS, FANDANGO, ACORDEONS, 2 CONJUNTOS MÚSICAIS, ATRACÇÕES, Etc. — Ementas regionais, almoços, jantares, ceias e chás dançantes

DIA 7 — SÁBADO — CEIA — PARTIDA AS 21 HORAS
DIA 8 — DOMINGO — ALMOÇO — PARTIDA AS 11,30 HORAS
DIA 9 — 2.ª FEIRA — JANTAR — PARTIDA AS 20 HORAS
DIA 10 — 3.ª FEIRA — ALMOÇO — PARTIDA AS 11,30 HORAS

PREÇO ÚNICO — ESC. 100\$00

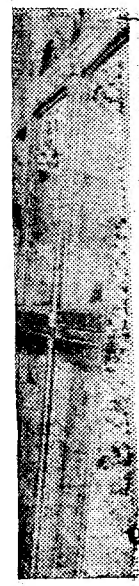
INCLUINDO O TRANSPORTE NUM MAGNÍFICO AUTOCARRO PROGRAMAS, INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES NA

(MAIORES DE 15 ANOS)

AGÊNCIA DE VIAGENS RODARTE

EXCURSÕES EM PORTUGAL E PARA O ESTRANGEIRO

RUA DA PALMA, 159-A — LISBOA — TELEFONE 861214



na ansia
rival, hoje
curada, em
Imprensa

eguesa pro-
la sobrinha,
rande?

s «sabem»
por mim,
ouvir isso...

Tejo
bordo

s»
adores

encontrado
ar no Tejo.
lo voltar á
já ali, pro-
cançá-la, a
elo cansaço.



mergulhador

Justiça

Alcobaça
(telefone). — O
panhado pelo
istério, esteve
sitar o velho
ite» do novo
magistratur
os Paços do
ois oferecido

Autoridade bem exercida

TAUNTON (Inglaterra), 7 — Ao multar o veterinário Gordon Cox, a Polícia explicou-lhe os perigos de deixar o automóvel, na rua, num local em que o estacionamento era proibido, com a chave na ignição.
Horas depois, Cox encontrou um carro exactamente nas mesmas circunstâncias: retirou-o daquele local, levou-o até ao parque de estacionamento mais próximo, fechou-o e foi entregar a chave ao proprietário: a esquadra de Polícia onde pouco antes fora multado.
Só depois de mais de uma hora é que os agentes reconheceram que, realmente, por vezes, é impossível deixar de estacionar, devido á urgência, em qualquer local. E a multa de Gordon Cox foi anulada. — (A. N. I.).

Um bairro

de casas económicas em Portimão

O sr. ministro das Corporações e Previdência Social autorizou por despacho, a construção de um bairro de casas económicas em Alvor, Portimão, destinado aos pescadores daquela localidade.
O ante-projecto, já elaborado para a primeira fase de construção, prevê a edificação de 16 fogos em três blocos, sendo um bloco de 8 fogos, com 2 quartos, e 2 blocos de 4 fogos, com 3 quartos.
Além do numero de quartos indicado, em cada tipo de casas a construir, as moradias incluem cozinha, sala comum, instalações sanitárias e um pequeno logradouro.
O ante-projecto, que se baseia nos tipos de construção económica já adoptados pela Junta Central, será executado com a cooperação financeira e técnica do Ministério das Obras Publicas e em terreno cedido pela Camara Municipal de Portimão, competindo a esta os encargos com a urbanização.
Pelo mesmo despacho, o ministro das Corporações autorizou aquela Junta Central a aceitar com isenção do pagamento do imposto sobre sucessões e doações, da Camara Municipal de Portimão, a cedência do terreno, com 6.334 metros quadrados no qual será construído o novo bairro de casas económicas para pescadores.

Cerca de dois mil contos

para melhoramentos agrícolas
Por despacho do secretário de Estado da Agricultura, a Junta de Colonização Interna foi autorizada a conceder diversos empréstimos para melhoramentos agrícolas, no montante total de 1.985.700\$00.
Desta importância, destinaram-se 219.620\$00 a obras de rega, defesa, enxugo e contra a erosão e 16.080\$00 a construções rurais, a realizar por agricultores dos distritos de Porto, Viseu, Castelo Branco, Santarém, Setúbal, Beja e Faro.
Os restantes 1.750 contos correspondem a um unico empréstimo, concedido á União de Cooperativas Agrícolas de Lacticínios e Produtores de Leite da Ilha de São Miguel, que se propõe fabricar manteiga, queijo e caseína e abastecer em leite aquela ilha.

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257

VISO

imentos bancários estarão encerrados, e, na Terça-feira, dia 10 do corrente, e serviços de Tesouro a cargo do Banco

Fevereiro de 1959.
MIÓ NACIONAL DOS BANCOS E CASAS BANCÁRIAS
A DIRECÇÃO

Amália conquistou Paris onde os jornais lhe dedicam extensas e entusiásticas referências

Amália Rodrigues é hoje a «coqueluche» de Paris. O seu nome ocupa todos os jornais, páginas inteiras, onde lhe chamam tudo: «o anjo do fado», a «alma de Portugal», o «cisne negro da melancolia», «Le Figaro», «Paris-Presse», «Arts et Spectacles», «Nouvelles Littéraires», «Aux Écoutes», «Jours de France», «France Dimanche», «Ici Paris», e muitos outros, na apaixonado. O êxito absoluto, conselgado de todos os astros da noite.
Rainha do fado e rainha de Paris — Amália partirá da Cidade-luz para Israel, mas não se despede da capital do Mundo, se é que, como andorinha, de asas trajadas de luto, não voará até Portugal, procurando na calentura azul do céu, novas canções, novas penas — e novos triunfos.



Reprodução da página que o ultimo numero de «Ici Paris» consagra a Amália Rodrigues

mais espectacular e sensacional parada de ditirambos, lançaram-na como um missile atómico sobre o publico magnetizado por aquela voz espectral, branca, desgredada de lágrimas a cairem-lhe no coração, como cinzas de fogo.
Num circuito internacional, de Nova York a Caracas — Paris entregou-se a Amália, agora trabalhando no Olympia, uma vedeta coruscante de estrelas, apesar do seu negro vestido de infanta, de onde emerge, apenas, aquela cabeça crispada e dolorosa, cantando as ruas azuis de Lisboa, as endeixas do Mondego, os pregões alaranjados e prateados da manhã, ou os amantes do Tejo. E' a glória «urbi et orbi». Amália igual á Damia, á Patachou, á Gilbert, histórica, definitiva, irrevogável, — electrizante e mórbida, sensível como um eltro musical, abrindo o peito a todos os ritmos de saudade e de lirismo lusitadas.
O publico não entende o que ela diz, nem é preciso, no seu português de longas sílabas poéticas, mas a musa negra faz-se compreender, através da alma das guitarras, sobre as quais põe o coração ferido, a sangrar, no mais luminoso calvário de amor e de paixão.
No palco do Olympia, onde a rainha do fado já trabalhou noutras épocas, quando rasga as cortinas, e os projectores beijam, sedentos, a sua boca angustiada, vermelha chaga de martírio, destaca-se a augural e monacal, tal uma estatua de mármore negro. O publico estremece sob o fluído telepatizante daquela emoção carnal.
Deliram com ela! Esperam-na á saída do teatro! Pedem-lhe autógrafos, e mais de um Armando Duval, por esta nova «Dama das Camélias» morrerá romantico e inutilmente

OURO e PRATA
Compra e vende aos melhores preços
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 • Telef. 24564

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:
SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco de Noroeste e o céu estava muito nublado por acção duma massa de ar humido transportada na circulação duma depressão centrada a Sudoeste da Irlanda.
Temperaturas ás 9 horas: Portalegre, 5°; Coimbra, 6°; Porto, 7°; Lisboa e Faro, 9°; e Funchal, 14°.
PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado. Vento fraco de Noroeste, tornando-se moderado de Sudoeste. Chuva para o fim da tarde e noite, seguida de aguaceiros, e vento moderado de Noroeste.



O novo comandante

da Policia de Segurança toma posse

no próximo dia 16
Está marcado para dia 16, no gabinete do ministro do Interior, o acto de posse do novo comandante-geral da P. S. P., sr. coronel Fernando Magalhães Abreu Marques Oliveira, que desempenhava as funções de comandante do Regimento de Infantaria 1, aquartelado na Amadora.
O coronel Fernando Magalhães Abreu Marques Oliveira, que tem 55 anos, foi presidente da Camara Municipal de Tomar e a sua folha de serviço regista vários louvores, nomeadamente pela sua acção durante a ultima conflagração mundial, como membro da expedição a Cabo Verde.
Deixa o cargo de comandante-geral da P. S. P., o sr. coronel Mário Cunha que exerceu aquelas funções durante alguns anos, impondo-se á consideração de todos, pelo apurmo e consciência que sempre foram apanágio da sua conduta.

Figuras conhecidas

da sociedade lisboeta dançaram em Queluz perante a câmara da TV americana

O palácio de Queluz transformou-se em estúdio da televisão. O sr. Sullivan, grande astro da produção americana, veio com os seus técnicos e os seus artistas dar «rendez-vous» em Portugal. Foram á Nazaré, á Quinta do Cabo, pertencente ao sr. José Palha, em Vila Franca, onde assistiram a uma festa folclórica e toureira, andaram pelo Bairro Alto a ouvir Celeste Rodrigues, estiveram no Casino Estoril, e acamparam agora em Queluz, onde se conservarão, se as boas fadas o ajudarem, possivelmente, até segunda-feira, com algumas fugas ao Estoril, onde vão dar-nos a imagem de um Carnaval que retoma as tradições do Corso na Avenida. Entretanto, 60 milhões de telespectadores americanos estão desde há dias a ver imagens de Portugal para ele inéditas e sugestivas.
Foi integrado neste programa monstro que o S. N. I. deu ontem uma festa expressamente organizada, para ser eleito o rei do Carnaval de Queluz — Maurice Chevalier, que foi, como tal, proclamado a 22 e 30, subindo ao estrado do trono, dos reis de Portugal, para agradecer a proclamação. Na Sala do Trono do palácio de Queluz decorreu a festa, a que acorreram membros do Governo, titulares, oficiais do Exército e da Marinha, com suas condecorações, senhoras das melhores famílias lisboetas, algumas das quais, não querendo participar na figuração, se retiraram antes das filmagens.
Entretanto, o programa prosseguia. O ilustre Anton Dolin que se deslocara a Lisboa com Marly Burr e John Gilbert — Lisboa viu-os em S. Carlos integrados no London Festival Ballet — punham de pé um lindo «pas de deux», «Emeraude», sobre musica de Cesar Punay.
Depois, foi a ceia — cento e noventa e três convivas — e o baile prosseguiu, já depois de terminarem as filmagens, até cerca das 4 da madrugada. E se houve na verdade quem não gostasse, outros gozaram tanto, que voltaram hoje.
Todo o dia as máquinas da televisão estiveram em função. Repetiram-se os bailados que não tinham ficado a contento de Dolin ou produtor, fizeram-se novas tomadas de figuração.
A Sala do Trono e a Sala de Música, porém, não têm a solenidade das grandes recepções. As mesas estão tristes, á figuração falta classe da autenticidade.
Mas isso, afinal, que importa? Sessenta milhões de telespectadores vão amanhã ou depois ouvir «aquí é Portugal!» E se não vierem esses sessenta milhões de norte-americanos, espera-se que, pelo menos dez por cento, venham correr com os seus dólares, para tentarem comprar o trono dos reis de Portugal...
EM 3 LINHAS
Vai proceder-se á cunhagem moedas de prata, do valor facial 10 e 5 escudos e 2\$50, comemorativas do 5.º centenário da morte Infante D. Henrique.
Em Valença, vão ser construídas uma nova estação fronteiriça e uma pousada. As obras estão orçadas respectivamente, em 2.992 e 3.000 contos.
Foi prorrogado, até 6 de Setembro próximo, o prazo de início da abertura do Restaurante Folclórico de Lisboa, declarado previamente de utilidade turística.
O coronel Francisco Monteiro Carvalho Lima, foi nomeado presidente da Camara Municipal de Amarante.
O sr. José Octávio Lopes foi nomeado chanceler do consulado de Portugal em Copenhague.
O dr. Mário Carmona, enfermeiro-mór dos Hospitais Cívicos de Lisboa, foi designado para exercer também, as funções de director do serviço geral de clinica cirurgica

ESTE VINHO

ROMEIRA, é um vinho com um envelhecimento natural e lento, em pequenas vasilhas, nas adegas CAMILLO ALVES

ROMEIRA

é apontado pelos grandes apreciadores como um vinho tinto velho de elevada categoria

É UM VINHO DE **João CAMILLO ALVES, Lda.**
CASA FUNDADA EM 1881
RUA FERNAO LOPES, 9 • LISBOA • TELEF. 40261

Livros novos

1 De Mário Sacramento, um penetrante estudo, com aspectos novos, intitulado: «Fernando Pessoa, poeta da hora absurda» e «Lírica e Dialética em Cesário Verde».

2 O ensaísta espanhol José María Viqueira Barreiro publicou um estudo sobre a obra do brilhante romancista de «Ana Paula», intitulado, «Joaquim Paço d'Arcos, um escritor português del século XX», Editores Cultura Hispanica).

3 Está publicado o fascículo VII de «Os Descobrimientos Portugueses», notável obra histórica do dr. Jaime Cortesão.

4 «D. José do Patrocinio Dias, bispo-soldado» notável biografia do ilustre e valeroso prelado que esteve em França, com o corpo expedicionário português, na primeira guerra mundial. É uma larga e documentada obra, com numerosas fotografias, do sr. cónego José de Jesus Gonçalves.

As bodas de prata

do fabrico de produtos Nestlé em Portugal

Há um quarto de século — em 1933 — a famosa organização de prestígio mundial «Nestlé» concedeu à Sociedade de Produtos Lácteos o exclusivo do fabrico e da venda em Portugal dos seus artigos. Ampliou-se, então, a sua pequena fábrica de Avanca que, pouco tempo depois, devidamente apetrechada, podia iniciar, sucessivamente, a preparação do «Nestogeno», da «Farinha Láctea Nestlé» do «Eledon», o «Leite Condensado» o «Pelargon» e de muitos outros produtos; e, das poucas centenas de litros iniciais, chegou-se após 25 anos, no fim de 1958, aos 40.000 litros de leite diariamente industrializados.

Comemorando as suas bodas de prata, aquela Sociedade publicou uma «plaquette», em excelente papel, profusamente ilustrada, dedicada ao douto corpo médico português, e intitulada «25 anos ao serviço da criança», que é um eloquente documentário das suas vastas e utilíssimas actividades e que tanto têm beneficiado os Portugueses, e em especial os jovens.

Em ALGES o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Agência Cultural, Avenida Combatentes da Grande Guerra

Festejos de Carnaval

(Continuação da 1.ª página)

serpentinhas enleantes, e ainda a teoria empolgante das «vedetas» com doiradas legendas no mundo das retumbantes celebridades.

O dia rompeu numa festiva aleluia de Sol e, para melhor compor o cenário, desenhavam-se a largas pinceladas, molhadas em tons róseos, matizando vaporosos tules que subiam dos horizontes lavados imponentes e caprichosos castelos de nuvens a quebrarem a monotonia da vastidão azul. Logo de manhã, montado já um exemplar serviço de policiamento, na estrada marginal e suas derivações, sob a proficiente direcção do comissário Belarmino, da P. V. T., começou a torrente de automóveis a caminho do Estoril, onde os «omboios» am despejando a multidão atraída pela fama do grande espectáculo. Logo a partir de São João, mastros coloridos com ondeantes bandeiras iam um ar de festa que, no Estoril, se tornava em soberba apoteose com a visão imponente e deslumbrante do belo parque onde ia desfilor o magnífico e empolgante cortejo. Lá em cima, o casino, a refulgir na exuberante vegetação por sobre a qual respigam os leques das palmeiras espreguiçando-se, nostálgicas e indolentes, no sfoleito de verduras, bordado com os novelos de ouro das mimosas de voluptuoso esplendor, transformouse num mundo de sonho. O grande salão do restaurante, envolto em vaporosidades cor-de-rosa com elegantes pilastras estilizando palmeiras que abrem seus capitéis de folhagens em delicadas tonalidades e graciosos recortes. Ali se ergue o trono do Rei Carnaval, com a coroa simbólica e um Sol e estilizada car-se em gargalhadas de ouro, de cada vez que o divertido soberano Chevalier o faz rir com as suas piadas, a sua graça irresistível, a comichão contagiante. O «hall» é uma floresta tropical, todo embebido em suaves roxos e transparências esmeraldinas, onde macacos dependurados de lianas fosforescentes fazem travessuras; e, no seu prolongamento, o cinema foi modificado para dar a ilusão emocional de um mergulho nos glaucos mágicos abismos do oceano que ondula no tecto, cortado pela quilha de um barco a fender as ondas luminosas ostentando-se, ao fundo, um quadro com toda a fascinação do mistério no fundo do mar, rebrilhando entre as algas tentaculares e coleantes uma arca tauxiada de ferragens e pregarias, que aferrolha fabuloso tesouro de piratas, enquanto um ágil caçador submarino volta em emocionantes curvões.

A noite, ao som de orquestras de ritmos dolentes nas epilepsias das danças excêntricas ou nas extravagantes estiracências do «jazz» entre a espuma do «champagne», os cristalinos sorrisos das lindas

mulheres, com a presença das celebridades, são os deslumbrantes bailes, um delírio de luzes e cores vibrantes, enquanto pelo parque florescem iluminações em deslumbramentos com lagos onde fantásticas claridades coalham em estrelas que compõem a policromia fascinante de soberbas constelações.

Tudo isto, que parece um prodígio ao toque de uma varinha mágica, foi possível graças a uma iniciativa arrojada e ao dinamismo e incalculável esforço dos seus realizadores, que ali têm trabalhado continuamente, prolongando-se pela noite fora e uma tarefa, nas quais se multiplicou o principal organizador, o sr. Teodoro dos Santos, director da Sociedade Estoril-Sol, com a precisa colaboração de valiosos elementos e dos componentes da comissão presidida pelo sr. coronel Costa Junior e a qual faz parte do nosso prezado colega na imprensa Mário Rosa — todos merecendo o mais rasgado elogio e caloroso aplauso.



O industrial Teodoro dos Santos

Os cortejos do novo Carnaval do Estoril são os momentos de grande espectacularidade que entusiasma a multidão. Hoje foi o primeiro desfile, e desde manhã que havia um movimento febril e entusiástico na preparação do primeiro cortejo, ao mesmo tempo que percorriam as alamedas do parque os estrondosos grupos de «vés-peras», «cabecudos» e «gigantones», acompanhados pela zoeira musical das gaitas de foles, enquanto ia crescendo a fila coleante e interminável dos automóveis, o zumbido das «vespas» e subia, como o crescer da maré, a multidão que moldou o deslumbrante cenário.

Três dezenas de carros alegóricos, seguindo o do Rei do Carnaval, onde Maurice Chevalier proclamava o seu reinado de delirante folia, ladeado pela sua corte hilariante e pitoresca, alternavam com as bandas de música e os grupos coloridos e gargalhantes. No carro de Salvador ali, uma girafa mosqueada de ouro chispando chamas, entre gigantescas fiadas de missanga policromada, Cabré revivia a cromia amorosa e aventureira de D. Juan, o burlador. E nos carros italianos e espanhóis, escorrendo oiro, com simbólicas figuras em movimento, lindas mulheres, de cálica formosura, distribuíam sorrisos e beijos, enleadas em serpentinhas,

enquanto caía a chuva de pétalas e confetti.

Grande sensação provocou o desfile e estrugiam aplausos quando passavam os soberbos carros como o do «Sol», de «Miss Universo», de «Lisboa», da Junta de Turismo da Costa do Sol, á medida que todos iam passando, entre o delírio da multidão — pois todos eles são belos e imponentes.

O momento culminante é a passagem diante do terraço do casino, onde, na varanda diante das bandeadas apinhadas de gente entusiasmada, sob o toldo colorido e a simbólica Vénus de Milo, refulgem as celebridades: «lady» Docker, de refinada elegancia, formosa e um pouco petulante, como a «fanar-se do escândalo» mundano em Monte Carlo; Nadia Gray, Micheline Presle e Françoise Cristophe, tão sedutoras como nos filmes, e outras personagens célebres e de requintada distinção.

Em tribunas laterais, quase centena e meia de jornalistas estrangeiros ao lado dos portugueses. E aguarda-se a chegada de Vittorio de Sica, Cosetta Greco, Rossana Podestà, Jacques Sernas, Lea Massari, Jacqueline Sassard e Maria Mercader, artistas do cinema italiano, cuja presença aumentará o interesse dos desfiles que se repetirão amanhã e na terça-feira. Ficarão hospedados no Hotel Cibra.

O grande espectáculo está a decorrer, no meio de crepitante entusiasmo da multidão, que estrava sa do parque e se comprime para lá da vedação.

Ao fim da primeira volta do desfile, que rompeu do lado norte, percorrendo o parque e torneando o casino, revoadas de bombos, largos diante da tribuna e noutros pontos do percurso, assinalarão o novo reinado triunfal deste espectacular e pomposo Carnaval europeu.

A Sociedade Estoril tomou todas as providências para assegurar a ida e o regresso nos seus comboios normais e especiais, das pessoas que se deslocam nos dias 7, 8 e 10, ao Estoril.

No Tivoli

Começam hoje os festejos de Carnaval no cinema Tivoli, com um extraordinário programa de categoria internacional.

No espectáculo de «music-hall» colaboram as vedetas Luce e Daniel Remy, notabilíssimos ventríloquos, que com os seus bonecos apresentam um numero de graça irresistível; Dany Ray, o mbo do ilusão, que com a sua «partenaire» executa de uma forma absolutamente nova e cheia de elegancia, os seus trabalhos; Tolino & Galy, engraçadíssimos «clowns» musicais e a Orquestra Casino de Madrid.

Em estreia, o programa contém ainda o mais recente filme de Fernandell, «As vinhas do Senhor», certamente um dos mais cómicos filmes da produção moderna francesa.

No salão de festas e no «foyer» haverá animados bailes até de madrugada, ao som de duas orquestras, uma das quais a do Casino de Madrid.

Na Casa de Figueiró dos Vinhos

Principiam esta noite, na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, os festejos carnavalescos, com a participação do conjunto Musical «Ases do Ritmo». Todos os bailes começam às 22 horas.

Na Casa de Pedrógão Grande
Também na Casa de Pedrógão Grande se realizam hoje, amanhã, segunda e terça-feira animados bailes de Carnaval.

No Cinema Capitólio

O popular Cinema Capitólio vai estar em festa, a partir de hoje, durante as quatro noites de Carnaval Na tela, far-se-á a estreia de uma alegre comédia musical, «Intriga nos Bastidores», filme de típico sabor espanhol, com música deliciosa, lindas canções, magníficas

cas mulheres, muita graça e colorido folclórico. Um filme notável, será também exibido de madrugada: «Arsene Lupin».

No palco, num surpreendente «show», actuará um conjunto de categorizados artistas internacionais, em numeros de ilusionismo, bailados fantasistas e regionais, canções e pantomimas, apresentados pelo conhecido locutor-animador José Castelo e acompanhados pelo famoso conjunto de José Magalhães, que também tocará para que o publico dance até de manhã.

As crianças também terão, no Capitólio, o seu alegre e divertido Carnaval, com variedades, palhaços, filmes cómicos e desenhos animados, em espectáculos amanhã, segunda e terça-feira, às 15 horas.

Na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal

Hoje e depois de amanhã, á noite, a Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal promove, na sua sede, dois bailes de Carnaval abrilhantados pelo conjunto musical «Trio Assis».

Na Casa dos Tabuenses

Na Casa dos Tabuenses haverá bailes durante as noites de hoje, amanhã, segunda e terça-feira e, ainda na tarde de domingo. Estes bailes serão abrilhantados pelo conjunto musical «Pinóquios».

No Grupo Excursionista «Os Desejados»

Na sede do Grupo Excursionista «Os Desejados», Largo da Anunciada, 9, começam hoje, até terça-feira, as festas nocturnas de Carnaval, com bailes que se prolongarão toda a noite.

Na Casa da Madeira

Com a colaboração da orquestra «Vera-Cruz», o Carnaval na Casa da Madeira será uma evocação do Carnaval no Rio de Janeiro. Haverá bailes nas noites de hoje, amanhã, segunda e terça-feira, e nas tardes de domingo e segunda-feira.

No Desportivo da Mouraria

O Grupo Desportivo da Mouraria organiza hoje, amanhã, segunda e terça-feira, bailes, com a presença de vários artistas e a realização de diversos concursos.

Um espectáculo de Max Lossafan

Amanhã, á tarde, o conhecido ilusionista Max Lossafan apresenta um espectáculo em Vila Franca de Xira, que terá a colaboração dos artistas Ermelinda Andrade, Baptista Martins, Teresinha do Montijo e dos palhaços Emiliano, Kinito & C.ª.

Festejos em diversas colectividades

Hoje, amanhã, segunda e terça-feira realizam-se, também, festas de Carnaval nas seguintes agremiações:

Casa do Concelho de Tondela
Casa das Beiras, Ateneu Ferroviário, Academia 1.ª de Setembro de 1867 e Academia Musical 1.ª de Junho de 1893.

FESTAS DO CARNAVAL NO ESTORIL

(nos dias 7 a 10 de Fevereiro de 1959)

A C. P. vende nos próximos dias 6 a 10 de Fevereiro para a estação de Estoril, bilhetes especiais, de ida e volta, a preços reduzidos, nas estações e apadeiros desde Meleças até Caldas do Tel. Braga Régua, Porto (São Bento), Porto (Campanhã), Gaia, Espinho, Aveiro, Viseu, Guarda, Coimbra, Figueira da Foz, Leiria, Valado, Covilhã, Castelo Branco, Portalegre, Elvas, Vila Viçosa, Estremoz, Beja, Lagos, Portimão, Loulé, Faro e Vila Real de Santo António.

Estes bilhetes são válidos para regresso nos dias 8 a 11 de Fevereiro.

Os cartazes anunciadores deste serviço especial podem ser consultados nas estações.

DISCOS DE CARNAVAL



45
r. p. m.
MARLENE
Zézé — Com-jeito-vai
Maracangalha — A saudade mata a gente
Col. SLEG 5009

OS BRASILEIROS
Bá — Benzin
Fantasia carioca — Asa branca
Parl. LGEP 4095

OS BRASILEIROS
Zézé — O baião em Paris
Vai com jeito — Acariciando
Parl. LGEP 4006

78
r. p. m.
WALTER LEVITA
Montanha russa — marcha
Falam tanto de mim — samba
Parl. PDP 5019

FRANCISCO EGYDIO
Se essa negra fosse minha — marcha
Samba de negro
Parl. PDP 5042

MURILLO CALDAS
Já sei tudo — marcha
Que papelão — marcha
Parl. PDP 5043

ORLANDO SILVA
Bentevi — marcha
E' ou não é — marcha
Parl. PDP 5044

O E L
Quem sabe, sabe — marcha
Ensaio geral — samba
Parl. PDP 5045

EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.

RUA NOVA DO ALMADA, 97

LISBOA

Prédio na Baixa de grande volume

Ocasão única para invugar aplicação de Capital!

Peça rara Pombalina c/ todos os modernos confortos e requisitos, grande numero de divisões, inquilinos de excepcional categoria. Rendas garantidíssimas. Vende-se a dar 214.800\$00 anuais. Preço sujeito a oferta 3.800 Contos. Facilitam-se 1.400 contos á Caixa G. Depósitos. NORTENHA — Praça da Alegria, 58-2.º. Telf. 366731.

Teatros e Cinemas

(Continuação da 6.ª página)

a comédia em 3 actos «O cão e o gato».

— Um trio musical brasileiro será a atracção da revista «Com feito vai», na sua próxima representação no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.

— No Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», realiza-se hoje um espectáculo com a representação da comédia «Os Inquilinos do sr. Zacarias».

— O Orfeão Misto da Universidade de Coimbra vai efectuar uma digressão artística, apresentando-se hoje em Ilhavo, amanhã em Estarreja e depois em Pardilhó.

— O Teatro-Cine Avenida de Vila Real de Trás-os-Montes vai sofrer grandes beneficiações.

A hora imprópria

do espectáculo para crianças

O «Diário de Lisboa», através das suas críticas teatrais e notas sobre teatro, muitas vezes se tem referido à hora imprópria a que começam os espectáculos de teatro e cinema para crianças.

A carta que a seguir se transcreve reforça e actualiza os nossos conceitos, do ponto de vista higiénico e de disciplina mental. Assina-a o sr. Paulo Branco Ferreira e é com o maior gosto que lhe damos publicidade. As entidades competentes não deixarão de ponderar as razões postas, dando natural solução ao que está por resolver.

«Sr. director: — Como leitor habitual do vosso prezado jornal, permito-me recorrer ao mesmo, e lembrar que, no que respeita a espectáculos para crianças, o quase nada existente ainda é agravado com falta de respeito pelas conveniências e saúde das próprias crianças.

E, assim é, por exemplo, no caso das «matinéas» infantis no Teatro Monumental, as quais deviam começar mais cedo. Assim não acontece, infelizmente. Por motivos com toda a certeza alheios à saúde da criança, as ditas «matinéas» começam às 18 e 30, para acabarem pelas 20 e 30. O sair e não sair, o transporte, o jantar, o começar a dormir, etc., a criança começará realmente o seu santo soninho lá para as 22 horas. E' francamente mau este proceder, que não tem em conta a

criança que é a quem se dirige o espectáculo.

Haverá que inverter as horas das «matinéas» dadas pelo Teatro Monumental aos domingos, a bem da miudagem, e, neste sentido, apelo para V., certo de reflectir a opinião dos pais das crianças que desejam habitar os seus filhos de muito cedo a amar a cultura e os que a servem. Porém que o preço não seja o de um bom pedaço de repouso que tão fundamental é para o seu equilíbrio físico-psíquico».

A próxima estreia

da peça «Pássaros de Asas Cortadas»

A maior espectativa rodeia a estreia, no Trindade, de «Os Pássaros de Asas Cortadas», que Luís Francisco Rebelo escreveu propositadamente para o elenco do Teatro Nacional Popular. A estreia está marcada para dia 13. Nesta peça reaparece Eunice Lúiz, uma das melhores atrizes do teatro português, que interpreta o papel principal de «Os Pássaros de Asas Cortadas».

Luís Mariano

vem cantar a Lisboa

Contratado em exclusivo pelo Clube Radiofónico de Portugal, chega a Lisboa, no próximo dia 13, o cantor Luís Mariano, acompanhado do seu pianista privativo, Maurice Darnell. E' a primeira vez que este artista se desloca ao nosso País, onde dará apenas um recital, no Cinema Império, no dia 14, às 18 e 30.

E' de louvar a iniciativa desta estação dos Emissores Associados de Lisboa, que se propõe trazer a Lisboa outras grandes atracções internacionais, como Catarina Valente e Renato Carozzone.

Primeiras exhibições

«Pobres, mas belas», no Eden

O cinema italiano tem ainda a frescura da juventude e de uma enorme alegria. «Pobres, mas belas» é uma reminiscência do neo-realismo inicial mas é também e sobretudo uma comédia colorida e

movimentada. Um punhado de jovens actores italianos trazem até nós o calor e a boa disposição de uma felicidade adolescente. «Pobres, mas belas» é o problema do amor entre jovens, que não é apaixonado e permanente, antes leve e passageiro.

O caso estará simplificado, o assunto não nos é entregue em toda a sua plenitude, porque não era isso que se queria. A alegria e a luz desprendem-se destes corpos ágeis e belos. O cenário das suas aventuras é a sempre surpreendente Itália. Filme notável no seu género, «Pobres, mas belas» é muito bem apresentado por Marisa Allano, Maurizio Arena, Renato Salvatore, Lorella de Luca e outros. Bons complementos — *Visor* 100.

«Norman na tropa», no São Jorge

Entre os povos que melhor sabem rir, sem duvida, o inglês ocupa um dos primeiros lugares. Evidentemente, nos denominados países do silêncio, esse humor específico deve ser considerado uma espécie de fenómeno. No entanto, o humor

britânico tanto se deve considerar um positivo sintoma de saúde mental, como mesmo uma filosofia natural do cómico. Riu Tackeray, Bernard Shaw, Dickens, Wilde, até o próprio Shakespeare, esse terrível e cruel génio dramático.

Que estas ligeiríssimas considerações sirvam de apresentação à estreia, no São Jorge, da endiabrada farsa «Norman na tropa». Não é, apenas, desopilante, é revulsiva! Dir-se-ia que o realizador descobriu o segredo de desconstruir os zigmáticos do publico, e pô-lo alucinantemente em estado de «shock» hilariante. De resto só os britânicos nos dariam um filme do género, em que brincam com o seu heroico exército, sem que os galões se ofendam, embora a disciplina possa sofrer entorses.

Norman tornou-se um dos artistas famosos da sétima arte. Alegre, optimista, inventivo, contumaz, tem nesta obra uma das melhores (mais explosivas) encarnações. Trata-se das aventuras de um modesto operário camarário, que trabalha nas estradas. Depois de várias peripécias, é incorporado no exército, durante a guerra. Ele e outro en-

ganam-se e vão parar a uma unidade de pára-quedistas, sendo lançados sobre a França, ocupada pelos alemães. Norman, sosia de um general nazi, faz-se passar por ele, é condenado à morte e salva-se com uma piroeta e um estratagemas difíceis.

Evidentemente, a linha geral do entrecio não sugere — porque é uma seca ordenação incompleta de factos — os férteis incidentes e espantosos «gags» de que Norman é protagonista. As gargalhadas rebotam constantemente na sala em delírio, que, por vezes, dá a impressão de estar a ser bombardeada.

Norman faz um duplo, e tanto num papel como noutro é, na verdade, irresistível, eletrizante de comicidade. Enfim, um programa de Carnaval, com alguns complementos bons, entre os quais uma divertida e colorida banda de música de bonecos. — *Visor* 57.

«Daqui fala o morto», no Politeama

O malgrado Vasco Santana transformou num grande êxito, bem do

(Continua na 14.ª página)

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE:



21.30 (M/15 anos)
ESTREIA
VIVA O PALHAÇO
com Danny Kaye e Pier Angeli

NO PALCO

IVON CURI

o maior intérprete da canção brasileira que será acompanhado pelo

CONJUNTO HELDER MARTINS,

na qual se integrará o pianista privativo do grande artista brasileiro,

JOSE SCARAMBONE

AINDA: **BADARÓ**, o homem-espectáculo — **ADELAIDE RIBEIRO** —

revelação da Rádio apresentados por

ARTUR AGOSTINHO

2 salões de Baile — 2 orquestras:

Abril em Portugal e Estrelas da Noite

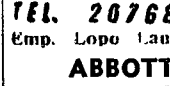
DE MADRUGADA, uma grande comédia em Cinemascope

MATINÉES INFANTIS

A's 15 horas — Domingo e 3.ª-feira

(12 anos)

2.ª-Feira-Infantil — Eleição dos Príncipes do Carnaval — (6 anos)



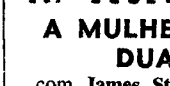
15.30 - 18.30
e 21.30
O filme de gargalhada

ABBOTT, COSTELLO

E OS GANGSTERS

A preços normais

(Para todos maiores de 6 anos)



15.15 - 18.15 e 21.30
(M/17 anos)

4.ª SEMANA

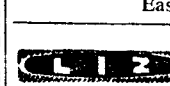
O emocionante filme de Hitchcock

A MULHER QUE VIVEU

DUAS VEZES

com James Stewart e Kim Novak

Vistavision e Technicolor



15.15 e 21.30
(M/12 anos)

Um verdadeiro mosaico musical e coreográfico

MARICRUZ

com Lola Flores e Felix Gonzalez

Eastmancolor



21.30 (M/15 anos)

Início dos espectáculos de Carnaval

O PINGA AMOR

Aconteceu na 5.ª Avenida

Baile até de madrugada num ambiente acolhedor.



A's 21 (M/12 anos)

Cinemascope

A AGUIA SOLITARIA

Complementos vários



21.30 (M/15 anos)

ESTREIA

VIVA O PALHAÇO

com Danny Kaye e Pier Angeli

NO PALCO

IVON CURI

o maior intérprete da canção brasileira,

acompanhado pelo CONJUNTO HELDER MARTINS,

na qual se integrará o pianista privativo do grande artista brasileiro,

JOSE SCARAMBONE

AINDA: **BADARÓ**, o homem-espectáculo — **ADELAIDE RIBEIRO** —

revelação da Rádio apresentados por

ARTUR AGOSTINHO

2 salões de Baile — 2 orquestras:

Abril em Portugal e Estrelas da Noite

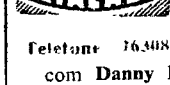
DE MADRUGADA, uma grande comédia em Cinemascope

MATINÉES INFANTIS

A's 15 horas — Domingo e 3.ª-feira

(12 anos)

2.ª-Feira-Infantil — Eleição dos Príncipes do Carnaval — (6 anos)



15.15 - 18.15 e 21.30

ESTREIA

VIVA O PALHAÇO

com Danny Kaye e Pier Angeli

NO PALCO

IVON CURI

o maior intérprete da canção brasileira,

acompanhado pelo CONJUNTO HELDER MARTINS,

na qual se integrará o pianista privativo do grande artista brasileiro,

JOSE SCARAMBONE

AINDA: **BADARÓ**, o homem-espectáculo — **ADELAIDE RIBEIRO** —

revelação da Rádio apresentados por

ARTUR AGOSTINHO

2 salões de Baile — 2 orquestras:

Abril em Portugal e Estrelas da Noite

DE MADRUGADA, uma grande comédia em Cinemascope

MATINÉES INFANTIS

A's 15 horas — Domingo e 3.ª-feira

(12 anos)

2.ª-Feira-Infantil — Eleição dos Príncipes do Carnaval — (6 anos)



15.15 e 21.30
(M/17 anos)

O grande espectáculo feérico

TABARIN

com Misha Auer, Jean Pierre Kerin

e Los blue-Bal girls e Le French cancan

Bailes até de madrugada — Alegria

Divertimento — Animação.

MATINÉES INFANTIS

A's 15 horas — Domingo e 3.ª-feira

(12 anos)

2.ª-Feira-Infantil — Eleição dos Príncipes do Carnaval — (6 anos)



21.15 (M/12 anos)

Panorâmico

TOTO, FERNANDEL E A LEI

A's 21 (M/12 anos)

Cinemascope

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

com Cantinflas

Carnaval e tardes infantis — Venda de bilhetes.



21.30 (M/15 anos)

ESTREIA

FÉRIAS EM PARIS

com BOB HOPE e FERNANDEL

NO PALCO

Maria de Fátima Bravo

— **Duo Rio Grande** — **Mini-Mini** —

Luís Horta, acompanhados pela Orquestra **LUA AZUL**.

3 ORQUESTRAS DE BAILE

LUA AZUL — **ODEON** — **VELEZ LIMA**

DE MADRUGADA: Um filme de êxito.

MATINÉES INFANTIS

Lotação esgotada



15.15 18.15
(M/12 anos)

Norman Wisdom

no mais cómico dos seus filmes

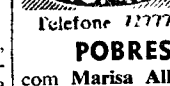
NORMAN NA TROPA

Um grande êxito de gargalhada!

A's 21.30 — (M/12 anos):

GRANDE FESTIVAL DO RISO

(Ver anúncio especial)



15.30 - 18.30 (p. r.)

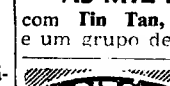
e 21.45 (M/17 anos)

Dois galãs incorrigíveis nas mais loucas aventuras

POBRES MAS BELAS

com Marisa Allasio e Renato Salvatore

Uma hilariante comédia que é uma mensagem de alegria e felicidade.



15.30 - 18.30 (p. r.)

e 21.45 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

Um espectáculo belo e hilariante

AS MIL E UMA NOITES

com Tin Tan, Maria Antonieta Pires

e um grupo de esculturas bailarinas



21.30 (M/15 anos)

O mais alegre e familiar Carnaval de Lisboa

Cinema! Paillet

Variedades!

ESTREIA da comédia musical

INTRIGA NOS BASTIDORES

e um conjunto de grandes atracções

Bailes até de madrugada

(Ver anúncio especial)



A's 21 (M/15 anos)

TOTO NA TELEVISÃO

Espectáculo de Carnaval com baile e variedades

«Conjunto sem nome», «Mari-Bell» e «Fernando Augusto»

Música, alegria e luz

BAILA DE GALA

(Traje de noite)

CASINO ESTORIL

NINA

Boite de Nuit

O CARNAVAL N.º 1 de Lisboa

Hoje em **ESTREIA**

AGUDIEZ Y DON PANFILO

em pleno êxito

VICTOR DEBELLO SHOW

Adultos (maiores 17 anos)

RETIRO

MAIORES 17 ANOS

Telef. 910168

DANCING - BOITE - RESTAURANT

DA MADRUGADA

Não falte ao Carnaval mais animado deste ano com o cantor **RAUL PROENÇA**, o formidável «**BALLET MADRID**», que tanto êxito tem alcançado neste **DANCING**. A graciosa parolha de baile espanhol **ISABEL** e **PAGO** e as encantadoras **IRMANAS GRACIAS**.

ORQUESTRA «BOÊMIA»

FADOS e DANÇAS REGIONAIS

Não perca as noites, passe-as no **RETIRO** ao 1.º km. da estrada de Loures.

SENHORA

V. Ex.ª encontra: Doçaria caseira, Café de Timor em balão — Inconfundível! —

UMA PEGA 6\$50 no

BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D.



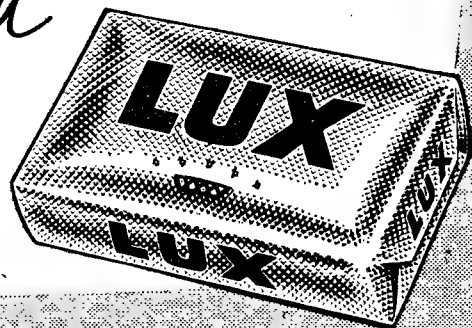
É dia a dia que se obtém a beleza da pele

A frescura aveludada, o radioso encanto da sua pele estão bem ao seu alcance : tudo isso depende só do sabonete que usa todos os dias. Saiba escolhê-lo! Escolha o mais puro dos sabonetes : escolha Lux. Lux purifica a sua pele e dá-lhe aquela radiosa e aveludada frescura que é bem característica da juventude. Por isso as estrelas do cinema preferem Lux : a delicadeza da pele, a pureza luminosa da tez é para elas uma absoluta necessidade.

Jeanne Moreau

por exemplo, para quem a beleza não tem segredos, diz :

"Eu prefiro Lux. Ele é tão puro, tão suave... é um verdadeiro tratamento de beleza".



58-LT-26

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. SACAVÉM

9 DE CADA 10 ESTRELAS USAM LUX

COMUNICADO

AUTO BOAVISTA, L.^{DA}
P. P. C. 669141 a 44

São os novos numeros telefónicos do s/stand de vendas de automóveis e acessórios, Estação de Serviço e Oficinas, que se encontram ao dispor dos seus prezados clientes e amigos.

— CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS —

MORVANDELLES

SOPAS FRANCESAS

Chegou nova remessa destas maravilhosas sopas, que devem experimentar:

Lavagante, lagostim, canja com arroz, canja com massa, cebola, cogumelos, batata com alho

A VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS DO GÉNERO Importador:

ARTUR PAIVA, LDA.

R. D. Domingos Jardo, 17-A — LISBOA

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.^ª HIPOTECAS RAPIDEZ E SIGILO A FINANCIADORA EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3 NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

DISCOS

EXITOS! NOVIDADES! DISCOTECA DO CARMO, LDA. LISBOA

Blaupunkt *Toskana*

EXCELENTE CONJUGAÇÃO DE IMAGEM E SOM
ECRAN DE 43 CMS.
DISTRIBUIÇÃO AUTOMÁTICA DA COR NEGRA
DISPOSITIVOS AUTOMÁTICOS DE LUMINOSIDADE E CONTRASTE
GERADOR DE IMAGENS NÍTIDAS
SUPRESSOR AUTOMÁTICO DE INTERFERÊNCIAS
2 ALTIFALANTES SUPERACÚSTICOS E LIGAÇÃO PARA TELECOMANDO
ANTENA BIPOLAR INCORPORADA
CIRCUITOS IMPRESSOS

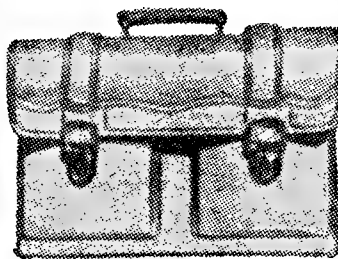
Preço Esc. 6.990\$00
A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PONTO AZUL

A-D-U-L-T-O-S

EXAMES 3.^ª E 4.^ª CLASSES rápidos com diplomas garantidos
L. Chão Loureiro, 1-2.^ª, Tel. 862244

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A. Comprido—R. Madalena, 97



Ordem dos Advogados

CONSELHO DISTRITAL DE LISBOA
ASSEMBLEIA DISTRITAL ORDINÁRIA

Nos termos do artigo 568.^º e para os efeitos do artigo 569.^º do Estatuto Judiciário, convoco a Assembleia Distrital Ordinária para reunir na sede da Ordem dos Advogados, no Largo de São Domingos, n.º 14, 1.^ª, andar, no dia 26 do corrente, às 15 horas, a fim de apreciar e votar as contas do ano civil de 1958.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1959.

O Presidente.

CONSTANTINO FERNANDES

Publicações

«Boletim para dirigentes da M. P. F.»

A Mocidade Portuguesa Feminina editou dois «Boletins para Dirigentes», um de 500 páginas, e outro de 125, referentes ao ano lectivo de 1958-59 (Fevereiro e Março).

UNI O SOL EM SUA CASA

A MAQUINA DE SECAR ROUPA QUE VEM REVOLUCIONAR OS HABITOS DAS DONAS DE CASA

Escritura no processo trabalho de secar a roupa sem desperdício de tempo.

roupa pronta para o ferro em 5 MINUTOS

Esta nova lixva Menos esforço Mais Conforto Insignificante Consumo

PREÇO 2.000\$00

A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

Refrigeração **POLAR**

Rua da Encarnação, 66 e/ou Fronte — LISBOA

FUNCHAL - RIO - SANTOS - MONTEVIDEO - B. AIRES em 17 Fevereiro

O pacote «ANNA C»

BARCELONA - CANNES e GÉNOVA em 20 Fevereiro

O pacote «FEDERICO C»

Os Agentes Gerais

SOC. COM. OREY, ANTUNES & CIA. LTD.

Praça Duque da Terceira, 4

Telef. 22272

LISBOA

Tegm. ANTUNITA



Pequenas notícias

PELA POLICIA

A PROCURA DE UM CADASTRO — A Polícia Judiciária procura capturar o cadastrado Alfredo de Jesus Dias, alfaiate, solteiro, de 34 anos, o qual é autor de um furto de várias grades de bananas, no Cais da Ribeira, quando se encontrava em liberdade condicional.

QUEM COMPROU O FRIGORIFICO? — Por sua vez, a 8.ª secção da mesma corporação está a investigar o caso dos detentores actuais de um frigorífico e de um fogão a gás, os quais foram adquiridos pelos seus actuais proprietários através de anúncios. Sucede que aqueles objectos eram provenientes de roubo.

INFIEL DEPOSITARIO — Foi enviado a Tribunal um processo em que é arguido Jaime Pacheco Rebelo, de 41 anos, barbeiro, o qual praticou um abuso de confiança. A história, que consta dos autos, é que aquele indivíduo, na qualidade de encarregado de um estabelecimento, havia combinado com dois dos seus colegas de trabalho a criação de um fundo que lhes permitisse uns passeios nas férias. A quota diária era de 2\$50. Sucede, porém, que acabou por simular um assalto ao estabelecimento e por se apoderar de todo o dinheiro, parte do qual já havia desviado.

TABUA RASA

Efectua-se no dia 12, na Casa do Alentejo, o habitual jantar mensal do cenáculo literário e artístico «Tabua Rasa». Será convidado de honra o professor e artista Armando de Lucena, que dissertará sobre pintura. O pintor Varela Aldemira falará sobre o homenageado e a sua obra. As marcações fazem-se até ao dia 11, para o telefone 35311.

DE LUTO

D. Maria da Fonseca Marcelino Teixeira

LEIRIA, 7 — (Pelo telefone) — Faleceu hoje, nesta cidade, a sr.ª D. Maria da Fonseca Marcelino Teixeira, de 67 anos, casada com o sr. António Abel Teixeira, tesoureiro do Município local e mãe do sr. José Eduardo Abel Teixeira e D. Maria Eduarda Abel Teixeira. O funeral realiza-se amanhã, às 11 horas, para o cemitério desta localidade.

Luis António Doutel

BRAGANÇA, 6. — Na sua residência, na Avenida João da Cruz, desta cidade, faleceu o sr. Luís António Doutel, de 62 anos, natural da freguesia de Izeda, deste concelho, antigo chefe da estação local do caminho de ferro, casado com a sr.ª D. Joaquina da Conceição dos Santos Costa Doutel, ex-professora do ensino primário nesta cidade. Era pai do sr. Lúcio Luís da Costa Doutel, industrial.

SUFRAGIOS

Missa pelos mortos do 7 de Fevereiro

Por iniciativa do sr. tenente Moreira Lopes, celebrou-se hoje missa na igreja dos Mártires, por alma dos militares mortos durante a revolta de 7 de Fevereiro de 1927, sob as ordens daquele oficial.

A missa começou ao meio-dia e foi celebrada no altar-mor pelo rev. padre Arnaldo Duarte, major-capelão do G. M. L. Na capela-mor e no transepto sentavam-se várias individualidades e no fim da cerimónia religiosa, o sr. tenente Moreira Lopes, acompanhado por algumas das personalidades presentes, foi em romagem ao cemitério dos Prazeres, onde colocou flores no mau-solado aos militares mortos na repressão daquela revolta.

HOMENAGEM

ao vice-presidente do município de Braga

BRAGA, 7 — Nos Paços do Concelho, realizou-se uma cerimónia de homenagem ao sr. dr. José Maria Ferreira de Araújo, que foi reconduzido no cargo de vice-presidente da Câmara Municipal de Braga. Para saudar o homenageado, usaram da palavra o chefe da secretaria sr. dr. Castro Meireles e o presidente do Município, sr. António Maria Santos da Cunha, achando-se presente todo o funcionalismo.

(Continuação da 1.ª página)

podem ser classificados em dois grandes grupos: os de contacto e os endoterápicos.

Os de contacto só actuam quando aplicados directamente na cutícula do insecto ou quando este se desloca sobre um suporte previamente tratado. Os insecticidas poderão emitir vapores tóxicos, sendo, porém, muito discutível a eficácia do tratamento ao ar livre.

Num rápido balanço, deixando os detalhes aos especialistas, recordemos os mais usados na prática de todos os dias: sulfato de nicotina, conhecido de longa data, mostrou-se (apesar de usado em grande escala) inferior aos menos activos produtos de síntese.

O D. D. T., em emulsão, destrói determinadas espécies. Tem sido profusamente espalhado nos países do Pacífico e em todos os que formam a Ásia longínqua. A lindana (isómero gama da hexaclorociclohexano) possui acção muito rápida. Tem sido empregado em regiões controladas pela Organização Mundial de Saúde.

A endrina é um insecticida limitado, estável e tóxico para os animais superiores, razão que obrigou a condicionar o seu uso.

O tiódanio (Finkenbrink, 1956) apresenta determinada analogia, do ponto de vista químico, com os grupos do clordano e da endrina. Vinte a trinta gramas de substância activa, diluída em cem litros de água, são suficientes. Tem sido particularmente estudada a utilização em escala industrial.

O T. E. P. P. (tetraetilpirofosfato) possui a particularidade de se hidrolisar com relativa facilidade, perdendo de seguida a acção insecticida e tóxica para os animais de sangue quente. Na prática diária utiliza-se na seguinte concentração: dez a quinze gramas para cem litros de água.

O malation é muito instável em presença da humidade. Emprega-se na seguinte diluição: trinta a cinquenta gramas para cem litros de água.

O diazinon foi particularmente estudado com o fim de destruir as moscas, resistentes aos insecticidas corados.

O paration, composto organo-fosforado, resultou eficaz na França, onde foi distribuído, em grande escala. Produto activo e muito económico, utiliza-se na percentagem de dez a vinte gramas para cem litros de água.

O metilparation é muito semelhante ao anterior; substituição do grupo etil pelos grupos metil. Menos activo e menos tóxico para os animais de sangue quente.

O clorion ataca as larvas dos mosquitos e as moscas resistentes aos insecticidas corados.

Completando a lista dos mais vulgares, cita-se ainda o paraoxon, o E. P. N., muito activo contra os ácaros, o D. D. V. P., o Shell O. S. 1046, em adiantado estado de experiência, o Hercules A. C. 528 e o Dow S. T. 14.

De uma maneira geral, todos os insecticidas apontados, citados quase de passagem, são activos na luta contra os vectores das viroses, sendo empregados, com óptimos resultados, no nosso País.

Os chamados insecticidas endoterápicos possuem limitada acção de contacto. Têm primeiro de ser

fornecidos às plantas, vegetais e frutos, em doses previamente estudadas. Só, então, actuam sobre os insectos. O tóxico é transmitido ao vector através da seiva (Viel, 1956), desconhecendo-se, no entanto, o mecanismo íntimo da acção.

São estes os principais: Demeton (vinte a quarenta gramas por cem litros de água), metil-demeton (quinze vezes menos tóxico do que o primeiro), timet, O. N. P. P. (scradano), hanano, isopextox, pirozoxon, endotion e isolano.

Têm sido realizadas experiências, em grande escala, com os vectores das viroses da beterraba e das batatas. Limasset, Grente e Bonnemaison (1949) verificaram que a nicotina, velha como os tempos arcaicos, possui acção muito fraca.

A escolha de um insecticida é muito importante, divergindo as opiniões dos investigadores. Leibovici (1952) e Bonnemaison (1956) inclinam-se, respectivamente, para o scradano e para o paration. Também não se pode afirmar, com segurança, que os insecticidas de contacto são mais eficazes do que os secundários citados.

Bawlen (1950) obteve brilhantes resultados com os de contacto e Hull e Gates (1955) com os que actuam através da seiva das plantas.

Stendel e Helling (1954), debruçando-se a fundo sobre o magno

Jantar de homenagem ao inspector do Ultramar Arnaldo Pimentel

Com a assistência de muitas individualidades, realizou-se, num restaurante dos arredores de Lisboa, um jantar de homenagem e despedida ao intendente do Ultramar sr. Arnaldo Pimentel, recentemente aposentado, a seu pedido, por motivo de saúde, e que exerceu, durante mais de quarenta anos, funções no próprio Ministério, onde era geralmente estimado pelo seu apuro e dedicação pelo serviço, a ponto de ter ouvido os mais justos elogios de todos os directores gerais daquele departamento do Estado.

Na mesa de honra, onde o homenageado tomou lugar, sentaram-se, indistintamente, os inspectores superiores do Ministério do Ultramar, drs. António Manuel da Costa Moreira, João da Costa Freitas, José de Oliveira Boléo, o professor da Faculdade de Letras dr. Francisco Vasques Tenreiro, os chefes de repartição drs. Adriano Borges Pires e Raimundo Brites Moita, D. Caetano de Lencastre, director de Fazenda José Mourão de Melo, inspector administrativo Ernesto António Pereira Enes, e os intendentes drs. António José Gouveia Lopes, Feliciano Marques, António Joaquim da Fonseca, António Teles de Vasconcelos e António Emilio Gomes. Agrupavam-se, ainda, em mesas contíguas o intendente D. Pedro da Costa e Silva, e ainda os funcionários superiores da mesma secretaria de Estado, Wellington Saraiva Bravo, João Aurélio de Miranda Pascoal, Vasco de Oliveira e Cunha, dr. Manuel Ferreira Osório, Salvador Duarte Dias da Silva, Manuel Moraes de Carvalho, António da Silva e Cunha, David Pais Ferreira, Nelson Soares Leitão, Justino Bento Machado, etc.

Foram recebidos muitos telegramas de amigos, que desejaram associar-se à homenagem.

No final, o inspector-superior dr. Costa Moreira enalteceu as qualidades morais e profissionais do homenageado, que apontou como exemplo.

O sr. Arnaldo Pimentel agradeceu muito emocionado.

IMPrensa

«Correio do Sul»

Entrou no 4.º ano de publicação o nosso prezado colega «Correio do Sul», que se publica em Faro, sob a direcção do escritor e jornalista dr. Mário Lyster Franco. Jornal de brilhantes tradições, marca posição de grande relevo entre os melhores do Algarve e na Imprensa regional, incluindo nomes de alto prestígio entre os seus valiosos colaboradores. As nossas felicitações e desejos de prosperidades.

DIZ O MÉDICO...

problema dos vírus, problema de grande actualidade para a agronomia e a medicina (a saúde do homem depende do que ingere e absorve), defendem a opinião de que devem ser utilizados os dois.

Muito importantes são os trabalhos realizados com as batatas, principal alimento do trabalhador dos campos em quase todas as regiões agrícolas do Globo.

Os ensaios foram efectuados com o sulfato de nicotina (Simpson, 1932), D. D. T. (Bronson, Smith e Simpson, 1946), paration (Ronnebeck, 1952) e scradano (Bonnemaison, 1956). Todos foram francamente positivos, tendo o D. D. T. sido aquele que melhor provou no decurso de repetidas experiências.

No condado de Essex, na Inglaterra, e em Harlow, verificou-se que a acção dos insecticidas era maior e persistente, quando aplicados durante três anos seguidos. Os resultados, porém, foram diferentes nas zonas de clima marítimo e nas de clima montanhoso. O clima parece ter particular importância no desenvolvimento e propagação das viroses das plantas e dos animais, em especial do Homem.

As hepatites infecciosas, tão vulgares e comuns depois da última guerra, parecem ligadas, em grande parte, ao problema em questão.

A luta contra os vectores deverá beneficiar das condições ecológicas e da fauna em particular.

A F. A. O. e a Organização Mundial de Saúde, em seus relatórios técnicos, têm ventilado o problema e chamado a atenção dos respectivos governos para a importância do assunto que interessa o homem singular e colectivo («Insecticides: Recueil de normes applicables aux insecticides et aux appareils de pulvérisation et de poudrage», Genève, 1953-58).

A medicina actual, social e colectiva, vai mais além do leito do enfermo: projecta-se e sente-se a sua presença em todos os sectores comunitários. O conhecimento das viroses não é muito antigo. Foi no princípio do presente século que a Comissão de Habana (Cuba, 1900-1901), estabeleceu que a febre amarela era devida a um vírus filtrável e não a uma bactéria (Sanreli), dando razão a Carlos Finlay e confirmando que a transmissão ao homem era feita através de um mosquito de uma única espécie (Aedes Aegypti).

Foi esta a primeira vez que a noção de vírus (W. Reed, Carroll, Agramonte e Lazear) foi aliada à inoculação por um insecto vector.

Seis anos mais tarde (Ashburn e Graig) verificou-se que o «dengue» era igualmente devido a um vírus.

E a história do tal vírus passou a interessar os homens de laboratório: Salk, há poucos anos, conseguiu a grande vitória...

A. d'E.

Restaurante Cortador

OH! LACERDA

Avenida de Berna, 36-A

PRATOS DO DIA

Domingo — Cabrito Assado

Segunda-feira — Dobrada à Portuguesa

Terça-feira — Cozido à Portuguesa

Quarta-feira — Bacalhau

Quinta-feira — Chaminé à moda da casa

Sexta-feira — Caldeirada

Sábado — Chispe com todos

Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57

CAMISAS

POR MODELO OU POR MEDIDA

FEITOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE

13 modelos em exposição

Consertos e transformações por pessoal especializado

ROVIL

Rua Arco Marquês do Alentejo, 50, 1.º — Telef. 862402

Envio à cobrança pelo correio

Vida musical

Sociedade de Concertos de Lisboa

Já nos acostumámos a ver o público encher literalmente o teatro, nestes concertos; e era naturalíssimo que a apresentação em recital pela exímia cantora Thereza Stich-Randall, com Helena Moreira de Sá Costa ao piano, tornasse a expectativa especialmente confiante, sorridente e animada. Confirmou-se, de facto, o elevado agrado que se esperava, e Thereza Stich-Randall triunfou no palco do São Luís, como tinha triunfado, com menos reservas ainda, a sua irradiante simpatia, a sua arte subtilíssima, a sua escola de primeira ordem, nos espectáculos de ópera em S. Carlos.

O programa, embora não grande, deu a Thereza Stich-Randall o ensejo de cantar com igual pureza de emissão em italiano, alemão, francês e inglês; e o timbre muito claro da voz achava-se enriquecido pelo frêmito duma sensibilidade sempre aguçada, de que a técnica se serve poderosamente para fins expressivos, porque a domina. Um pouco de Haendel, um pouco mais de Mozart renovaram logo a admiração do público pela intérprete; Schubert, e sobretudo Ravel, — as Cinco Canções Populares Gregas, de requintada escrita pianística, tiveram uma ou outra pequena desigualdade, e Helena de Sá e Costa teve de fazer prodígios para em poucos dias se ajustar à cantora. As Canções Populares dos Estados Unidos, de felizes caracterizações na sua sobriedade, e sobretudo a primeira, um longo canto de Natal, que é uma lição de dicção, voltaram a triunfar plenamente, assim como um Ricardo Strauss e um Schumann, extra programa, aqui secundada Thereza Stich-Randall por Helena de Sá e Costa, com todo o rasgo.

FRANCINE BENOIT

As Sonatas de Brahms

A Emissora Nacional transmite hoje, às 20 horas, a 3.ª e última audição das Sonatas de Brahms, para piano e violino, por Mina Marques Pereira e Paulo Manso.

Serviços clínicos

de urgência

em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 6 (Pelo telefone). — A mesa da Misericórdia acaba de criar um serviço público de urgência, no seu estabelecimento hospitalar central e no pavilhão cirúrgico, instalado no caminho do Monte de Santa Luzia. O corpo clínico da benemérita instituição, que é dirigido pelo sr. dr. Elío de Vasconcelos Dias e prestará serviço permanente naqueles dois postos, é constituído pelos sr.s, dr. Eduardo Valença, Carlos Carvalho, D. Flora de Vasconcelos, Pinto da Cunha, Alberto Ferreira de Lemos, Pinto Cardoso e Candido de Sá. Enquanto não se fazem as necessárias obras de adaptação do antigo balneário do hospital, para as instalações dos clínicos, por períodos de 24 horas de serviço permanente, será o mesmo efectuado, sob vigilância daqueles médicos por períodos semanais. Esta resolução veio ao encontro das necessidades prementes, as quais, com grande agrado do público, acabam de ser satisfeitas.

VIDA RELIGIOSA

Retiro espiritual em Fátima

Como nos anos anteriores, a Direcção Nacional da Liga Católica promove, desde a tarde de sábado de Ramos, até quarta-feira de Trevas, no Santuário de Fátima, os tradicionais exercícios espirituais para diplomados ou homens com cultura equivalente, quer sejam ou não filiados na Acção Católica.

Os pedidos de inscrição devem ser dirigidos à Direcção Nacional da Liga Católica.

CORPOS GERENTES

Na sua ultima assembleia geral, a Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos elegeu os corpos gerentes para este ano. Os sr.s, dr. Fernando Lacerda, dr. Herlander Alves Machado, Franklin Costa e dr. Jorge Godinho Ferreira, foram eleitos para presidentes, respectivamente, da assembleia geral, direcção, conselho fiscal e conselho regional.

Em ALTER DO CHÃO o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por José Nunes

ASPIROQUINAL

JÁ PROVOU

SER O MAIS

ACTIVO

anti-gripal

PODE ADQUIRI-LO EM QUALQUER FARMÁCIA OU NO DEPOSITÁRIO

FARMÁCIA SILMAR LISBOA

RUA DE S. LÁZARO, 118

DESSPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

O F. C. Porto em Coimbra o grande acontecimento da jornada

O campeonato da 1.ª Divisão, por enquanto limita-se a observar os movimentos dos perseguidores do Benfica — «alcader» com três pontos de avanço. Um contratempo de um deles, Belenenses ou F. C. Porto, pode tranquilizar sobremaneira os «encarnados», à espera do período dos grandes embates que, na altura, podem não representar qualquer contrariedade.

A deslocação dos «portistas» a Coimbra encaixa-se na anterior referência, visto que as dificuldades para os visitantes são em maior percentagem que as facilidades. Um empate ou uma derrota interessa, evidentemente, ao Benfica.

A jornada de amanhã, a 20.ª e 7.ª da 2.ª volta, apresenta os seguintes jogos:

Académica-F. C. Porto
Benfica-Barcelonense
Belenenses-Torrijense
C. U. F.-Sporting
Guimarães-Lusitano
Caldas-Setúbal
Covilhã-Braga

Além do jogo de Coimbra, aponta-se o do Estádio da Luz como um dos mais importantes. Basta a presença dos «guias» do campeonato.

Os cuidados redobram...

Nesta arrancada para o termo do torneio, não será uma redundância afirmar-se que cada jogo, especialmente os que contam com a intervenção dos primeiros e últimos, exigem particulares cautelas. O afluxo nervoso dos «afitos», representa um sério aviso para qualquer contendor. Portanto, nada de subestimar o valor dos antagonistas.

Em Coimbra, a tarefa dos Norteños está fadada ao sofrimento, não obstante a capacidade rematadora de Teixeira e seus acólitos inspire certa confiança, susceptível até de contrariar os desígnios dos estudantes. Prevê-se um encontro viril e entusiasta, com o fiel da balança a pender para o grupo que souber aproveitar as oportunidades que se depararem para visar a baliza. Neste aspecto, o F. C. Porto pode solucionar a questão.

Os seis golos enfiados pelo Barcelonense nas redes do covilhanense Rita já puseram o Benfica de atalga. Em terreno seco, os visitantes são capazes de delinear lances jeitosos, mas se um lençol de água cobrir a relva então serão os «encarnados» a comandarem as operações.

TAUROMAQUIA

Espectáculo do Carnaval

No Campo Pequeno, amanhã e terça-feira, espectáculos de Carnaval com D. José Jr., Totó e Charlot, o cavaleiro Quim-Zé e alunos das Escolas Luciano Moreira, Alfredo dos Santos e Arena.

Em Salvaterra de Magos, amanhã, festival de variedades, com cavaleiros e «diestros», previa entrada de gado e desfile de toureiros pelas ruas da vila.

E em Vila Fernando, Alentejo, amanhã, tourada à vara larga, em benefício das crianças pobres.

«Chamaco» como «Litri»

MADRID, 7. — «Chamaco» deixou de ser apoderado por «Camará» e não toureará este ano, dedicando-se a fazer um filme da sua vida, tal como o seu conterrâneo «Litri», — (E.).

ções. A confiança do Benfica é todavía um excelente trunfo que reforça o prognóstico de uma vitória, aliás, normal.

Nem tudo está perdido para o Belenenses, se bem que os seus anseios hajam sofrido uma relativa decepção no passado domingo. A história do golo anulado terá que dar lugar a outra história — a continuidade de pensamento no título. Conceder o favoritismo aos «azuis» é coisa natural.

Nos dois encontros, sem influência na tabela apresenta-se como provável vencedor o grupo de Guimarães, dado que, no Barreiro, a C. U. F. é capaz de se impor ao Sporting. Este, no entanto, se os seus dianteiros rematarem obterá o triunfo.

Nas Caldas e na Covilhã, asfigura-se mais fácil a tarefa dos Setubalenses, embora o Caldas ainda tente fugir do último lugar. Os Bracarenenses sentirão o desejo de reabilitação por parte dos Serranos.

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Os «guias» devem vencer e o Atlético assegurará o regresso à 1.ª Divisão

Cada vez mais perto do seu termo, a primeira fase do campeonato nacional da 2.ª Divisão tem amanhã a sua 23.ª jornada, com um «panorama» em tudo igual ao das ultimas «rondas»: posição tranquilizadora dos guias e subguias de cada Zona, luta acesa para o 3.º lugar, também, nas duas competições e não menos acesa com vista ao último posto na Zona Sul.

E' neste ambiente que decorrerá a jornada de amanhã, que na Zona Norte tem os seguintes encontros:

Leirões (35)-Chaves (23) (1-0)
Oliveira (21)-Tirsén. (21) (1-4)
Boav. (32)-Peniche (24) (1-5)
Gil Vic. (18)-Marin. (23) (0-3)
Vianen. (17)-Portal. (5) (0-1)
Espinho (24)-Salg. (24) (0-4)
V. Real (21)-Sanjoan. (20) (01)

Entre parentesis indicá-se a pontuação actual de cada equipa e os resultados dos encontros da 1.ª volta.

O «Nacional»

da 3.ª Divisão

Os 31 desafios da 4.ª jornada

A quadra carnavalesca não prejudicará a regular sequência do campeonato nacional da 3.ª Divisão, que amanhã tem a sua quarta jornada comportando os seguintes 31 desafios:

ZONA A — 1.ª SÉRIE — Limianos-Fafe, Régua-Bragança, Paredes-Murça e Mirandela-Monção. 2.ª SÉRIE — Águeda-Feirense, Boira Mar-Ovarense, Leça-Avintes e Académico-Penafiel.

ZONA B — 3.ª SÉRIE — Cebolense-Castelo Branco, Guarda-Mortágua, Acad. Viseu-Cernache e Mangualde-Lusitano. 4.ª SÉRIE — Marrazes-U. de Coimbra, Naval-Alcobaca, Mirense-Lousanense e Recreio-Marialvas.

ZONA C — 5.ª SÉRIE — «Leões»-Operária, Torres Novas-Vilafranquense, Tramagal-Ferrovários e Alhandra-Vitória. 6.ª SÉRIE — Cova da Piedade-Casa Pia, Amora-Olivais, Luso-Seixal e F. Benfica-Sesimbra.

ZONA D — 7.ª SÉRIE — Estrela Portalegre-S. L. Évora, Estrela de Vendas Novas-Elvas, Campomaio-rente-Montemor. 8.ª SÉRIE — Desportar-S. Domingos, Louletano-Aljustrelense, Silves-Moura e Lusitano-Sambraense.



«Veteranos» e «Enemigos»

(Continuação da 11.ª página)

agrado do publico, a pega espanhola «Daqui fala o morto». O mesmo aplauso deve ter merecido a peça nos outros países onde foi apresentada, nomeadamente na América espanhola, para que a cinematografia mexicana se tentasse a realizar um filme sobre «Daqui fala o morto».

O filme ontem estreado no Politeama tem a graça e o picaresco próprios desta época carnavalesca, mas Pedro Infante não consegue atingir o alto nível de Vasco Santana. A comparação era inevitável e se Pedro Infante pode julgar-se mais situável para o «écran», nós preferiríamos ver Vasco Santana no palco... — Visor 32.

«Abbott e Costello e os gangsters», no Eden

Neste tempo de riso que é o Carnaval, agora sacudido pela apoteose estorilense, «Abbott e Costello e os gangsters» é das mais fortes gargalhadas. Trata-se de um dos melhores filmes deste par de comédicos. Agitado, recheado de situações hilariantes, com uma intriga plena de mistério, o filme apaixonou o publico. Abbott e Costello, o gordo e o magro, são os heróis de um dos mais espantosos filmes policiais de todos os tempos. Têm sempre tempo para rir e provocar o riso, mesmo diante de um revólver. Além dos dois notáveis actores, interpretam a película Gigi Perreau Rusty Hamer, Mary Wickes e Ted de Corsia.

Bons documentários.—Visor 100.

No Odeon

continua «Maricruz»

No cartaz do Odeon continua o filme «Maricruz», que oferece quadros coreográficos surpreendentes e melodias do folclore espanhol e mexicano em interpretações de Lola Flores, uma artista castiça do bailado e da canção espanhola, com a colaboração de vários conjuntos regionais do país vizinho: Orfeão da Catalunha, Centro Asturiano, Centro Galego e «Ballet» Sevillano.

No S. Jorge

exibe-se «Norman na tropa»

O S. Jorge não podia ter escolhido melhor e mais apropriado programa para a quadra carnavalesca. Na verdade, «Norman na tropa» é uma comédia esfusante de comicidade.

«Daqui fala o morto» e «Enemigos» são dois filmes que, por engano na retaguarda das tropas alemãs e que, para cumulo, é perfeito sósia do general-comandante inimigo.

«Music-hall»

O magnífico programa da «Tágide» e «Palm Beach»

Se todos os programas forem do nível do que ontem foi apresentado nas elegantes «boites» da Tágide e Palm Beach então o Carnaval, em Lisboa, ficará assinalado como um dos melhores de sempre. Na verdade, o «show» é um êxito porventura o mais caloroso registado nas casas de Campos Ferreira. O publico aplaudiu demoradamente todos os artistas, obrigando alguns a repetirem as suas interpretações. Um excelente espectáculo de «music-hall», moderno, trepidante e alegre — francamente agradável.

Suzy Solider maravilhou. Cada canção e cada anedota assumem uma expressão de singular encanto. «The Modern Jazz Dancers», dois rapazes e duas raparigas, electrizarão a sala «The Laszlo's» empolgou com as suas inverosímeis acrobacias, sempre em movimento. Line e Miguel, com o guitarrista Juan Rivas, trouxeram-nos uma espalha de sadio optimismo. Um numero de categoria, demoradamente aclamado, Jean Louis Tristan revelou-se um bom intérprete da canção francesa. O naipe português contou com Helena Tavares, a fadista que sobe a olhos vistos; Maria Candal, graciosa e interessante; e Ivone e Clara, uma parilha que nos sabe dar o folclore nacional.

Os conjuntos de Alex William's e Tobias Valido animaram o espectáculo que na época entrudisca há-de ficar como um dos mais notáveis. — S

Maior rendimento. Menor consumo de gasolina

KLG NOVA CORUNDITE

Marcha do CARNIVAL do Estoril

a canção que todo o mundo
vai cantar foi posta à venda
na voz de

Maria de Fátima Bravo

MARCHA DO CARNAVAL DO ESTORIL
CANÇÃO DO ESTORIL

OUTRA NOVIDADE
JERRY LEWIS

em canções do filme

JERRY AMA-SECA

DORMI DORMI DORMI • O AMOR É SOLIDÃO

DOIS DISCOS



VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
Rua Nova do Almada, 97 — LISBOA

SPORTING

EM TORRES VEDRAS

Terça-feira 10 de Fevereiro

1.ª PARTIDA AS 10.30

2.ª PARTIDA ÀS 13 HORAS

PREÇO ÚNICO : 25\$00

* * *

Informações e inscrições na

RODARTE

R. da Palma, 159-A — T. 861214

SPORTING

EM TORRES VEDRAS

3.ª FEIRA DE CARNAVAL

Pulmans CAPRISTANOS

Av. Liberdade, 72 A

Telef. 35505

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—As 18, Noticiário e danças; 18 e 30, Rádio-rural; 18, Desdobramento; 21, Noticiário, 2 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A»—As 19, Emissão infantil; 19 e 30, O pianista Luciano Sangiorgio; 19 e 45, Aguarda brasileira; 20, Jornal sonoro, 20 e 15, Música ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; Junção dos emissores; 21 e 15, Trechos em via espanhola; 21 e 30, Duas Gerações; 21 e 45, Programa de variedades; 22 e 30, Vozes do Mundo; 22 e 45, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B»—As 19, Aspectos da música moderna; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Concerto de câmara, pelo Duo Paulo Manso-Nina Marques Pereira; 20 e 20, «O Morto Vivo», palestra por Maria de Carvalho; 20 e 32, «Compadecete de Mim, ó Deus», cantata de Buxtehude, pelos soprano Guilherme e baixo Lühr; coro do Círculo Musical de Hamburgo e conjunto instrumental do aniversário de Bach, de Hamburgo, sob a direcção de Marie Louise Bechert; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, 1.º acto da ópera «Eugene Oneguine», de Tchaikovsky; solistas, coro e orquestra sob a direcção de Orlov; 22 e 30, Música, de Carlos Seixas, por Felícia Blumental; 22 e 45, Que quer ouvir? «Matias, o Pintor», de Hindemith, pela Orq. Fil. de Berlim, dirigida pelo autor; «Dioti Giocondi», ducto do «Otello», de Verdi pelos soprano Tebaldi e tenor del Monaco, e a Orquestra da Academia de Santa Cecilia de Roma, sob a direcção do maestro Erede; «Idílio de Siegfried», poema sinfónico de Wagner, pela Orq. Fil. de Berlim, dirigida por Markewitch; 23 e 45, Junção dos emissores.

RADIO CLUBE—As 17 e 30, Variedades; 18, Teatro de brincar; 18 e 15, Jornal feminino; 18 e 45, Ritmos de baile; 19, Quer um conselho?; 19 e 15, Orquestras; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Imagens por música; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Trechos recreativos; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Canções; 23, Concerto; 23 e 30, Sara Montiel; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Conjuntos; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Ritmos de baile.

Estação de Miramar—As 18, Paisagem infantil; 18 e 30, Orquestras e canções; 19, Repetição de uma palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Um artista: Aimable Donfu; 21 e 30, Uma orquestra e uma voz; 22, Brasil; 22 e 30, Vozes e músicas da América; 23, Trechos de zarzuelas; 23 e 30, Fados; 23 e 45, América Latina; 0, Ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA—As 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, Horizonte do Mundo; 19 e 45, Guirlandas; 20, Música para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditação; 21 e 5, As últimas novidades; 21 e 30, Ecos de Espanha; 21 e 50, Melodias; 22, No reino das musas; 22 e 20, Música seleccionada; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 14 e 30 às 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; das 22 às 2, Clube Radiofónico de Portugal.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNOS—Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — Rua da Beneficência (ao Rego) 91, Telefone 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Moraes, 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira, 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefânia, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Lda. — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluiz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz

DIÁRIO DE LISBOA

de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis 199-A, Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 843361. Donil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153 T. 683438; Salutar — Rua B. 75-A/B, Bairro da Liberdade Tel. 683641. Amoreiras (Das) — Praça das Águas Livres, S-D Tel. 681513; Maria Pia — Rua D. Maria Pia 514, T. 687949; Linada — Rua Ferreira Borges, 20, Tel. 660955; Confiança — Praça das Flores, 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, à Lapa, 156, Tel. 663532; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — (alçada da Ajuda, 222, Telef. 638253; Botânico-Química, Lda. — R. da Junqueira 38-40, Tel. 638132; Ester Noqueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 21, Tel. 663117; Neves — Rua do Povo dos Negros, 36-38, Telefone 25636; Luis Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B T. 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telef. 860464; Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova do Almada, 71 Tel. 30521 — A —.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS. — Estão a pagamento durante este mês, com juros da mora, as seguintes:

Contribuição Predial. — Toda a contribuição inferior a 100\$00 e a primeira prestação dos conhecimentos divididos em duas ou quatro prestações.

Contribuição Industrial. — Toda a contribuição quando não tenha sido paga a primeira prestação dos conhecimentos divididos em duas ou quatro prestações.

Imposto Profissional. — Empregados por conta de outrem, Profissões Liberais e Assalariados (que não descontaram em folha de férias). — Todo o imposto se não tiver sido pago a primeira prestação em Janeiro findo.

Imposto sobre a aplicação de capitais. — Secção A. — A totalidade do conhecimento qualquer que seja o quantitativo do imposto a pagar.

Imposto sobre as sucessões e doações. — Estão a pagamento, as anuidades de usufruto vencidas e não pagas no dia 2 de Janeiro findo.

DIVERSOS

Operações do comércio bancário. — Acções caducadas e dividendos prescritos. — Deverão ser apresentadas até ao fim do corrente mês, as relações que compreendam os valores, depósitos e créditos caducados até 31 de Dezembro de 1955 ou certificados negativos, apresentação que se fará nas secções de finanças da área da sede da companhia, sociedade ou banco, sendo feitas em quadruplicado.

Reclamações — Prédios devolutos. — Podem apresentar-se as reclamações para a anulação dos correspondentes duodécimos da colecta, respeitantes a prédios ou andares devolutos durante o ano de 1958.

Contribuição industrial e imposto profissional. — Pode reclamar-se sobre a anulação de colectas respeitantes a anos posteriores àquele em que se tiver verificado a cessação de factos tributários.

Imposto complementar. — Declaração do modelo 1. — Devem ser apresentadas as declarações deste modelo por todos os contribuintes que estejam colectados por qualquer concelho ou bairro diferente do da sua residência. Todavia, se a declaração já tiver sido apresentada e não tiver havido alteração na residência do contribuinte ou de secção de finanças onde deve ser apresentada a declaração modelo 2, o modelo 1 não é de apresentar.

Declaração modelo 1-A. — Esta declaração deve ser apresentada por parte das pessoas que, além dos rendimentos de contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre a aplicação de capitais, recebem vencimentos, pensões, rendas, emolumentos, multas ou quaisquer outras remunerações, que com aquelas perfazam quantitativo superior a 60.000\$00.

IMPOSTO PROFISSIONAL. — Assalariados. — Pagamento até ao dia 15 do corrente mês, por parte das

entidades responsáveis, do imposto descontado aos assalariados abonados por folhas de férias, pagamento que já é feito acrescido de juros da mora. No dia 16 relaxam todas as importâncias em dívida.

Nota — A falta de pagamento deste imposto é da exclusiva responsabilidade das entidades patronais, visto ser a elas que compete o desconto e a apresentação até quinze de Janeiro de cada ano, nas secções de finanças respectivas, da relação de todos os assalariados com o pagamento de imposto por desconto em folha de férias.

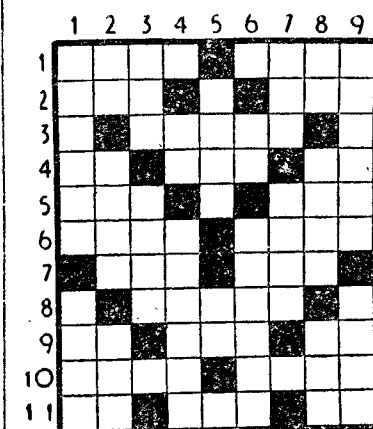
TELEVISÃO

Hoje, às 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, Jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, «Juventude no Mundo» (serviço internacional de actualidades para crianças); 21 e 35, «A pensão da D. Esperança»; 22 e 15, «Teledesporto» (programa semanal de actualidade desportiva); 22 e 40, «Modas e máscaras» (filme); 22 e 55, «Na rua e na estrada» (um programa para automobilistas e peões); 23 e 15, actualidades nacionais e últimas notícias; 23 e 30, fecho da emissão.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n. 1501



HORIZONTAIS: 1 — Em grau superior. Habilidade. 2 — Cólera. Dirigis-te. 3 — Tirar. 4 — Letra grega. Nome de um astro. Freguesia do concelho de Ponte de Lima. 5 — Sulca. Nome que vulgarmente se dá ao comboio expresso de Paris. 6 — Assassina. Epítome. 7 — Ribeira do distrito de Portalegre que junta a outra formam o rio. Nome de uma letra. 8 — Artigo definido. Lugar à proa de um outro bordo. 9 — Abreviatura usada nas receitas com o sentido de «quanto bastar» (inv.). Pronome pessoal Certo. 10 — Cheguei ao auge. Um dos pecados mortais. 11 — Pronome reflexo. Pronome possessivo. Artigo definido.

VERTICAIS: 1 — Ressecam. Faldas. 2 — Figura. Pregas. Pronome relativo. 3 — Seguias. Leva à sirga. 4 — Carta de jogar. Equipéis. 5 — Ave de rapina. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. 6 — Artigo definido. O mais. Apelido de origem judaica. 7 — Graçear. Chuva. 8 — Basta. Planta medicinal. Grito. 9 — Arma branca. Certas.

Resolva completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inserido.

Solução do problema n.º 1500

HORIZONTAIS: 1 — Eros. Asas. 2 — SE. Impele 3 — Tem. Aar. 4 — Amor. Ld. 5 — Ela. Sés. 6 — Ela. Mar. 7 — Agá. Sob. 8 — Vá. Será. 9 — Sud. Rab. 10 — Dorme. Bi. 11 — Ossa. Seio.

VERTICAIS: 1 — Estas. AVIDO. 2 — Vêem. Ega. Os. 3 — Moela. Srs. 4 — Si. Ria. Suma. 5 — Mã. DE. 6 — Apar. Mós. SS. 7 — Ser. SABER. E. 8 — Al. Ler. Rabi. 9 — SERÁS. SÁBIO.

Provérbio — SE AVIDO DE SABER E SERÁS SÁBIO.

EFEMÉRIDES

No dia 7 de Fevereiro de 1812 nasceu Charles Dickens.

PULLOVERS

para homem e senhora

Echarpes de lã Mohair

TORRE EIFFEL

104 - Rua do Carmo - 106

Dizem os leitores...

Contribuição sobre empreitadas

Pede-nos um leitor, em nome dos «interessados das classes humildes», que seja chamada a atenção das entidades oficiais para a alteração determinada no Decreto-lei n.º 42.084, de 3 de Janeiro de 1959, que manda elevar de 1 para 5 por cento a contribuição industrial sobre empreitadas. Na sua maioria, afirma-nos o correspondente, a classe afectada é constituída por pequenos empreiteiros que vivem em sérias dificuldades para se poderem manter, em virtude da maioria dos trabalhos irem a concurso por preços tão baixos que mal chegam para a boa execução das Obras Públicas.

E acrescenta:

«A manter-se, este grande aumento de contribuição lançará muitíssimos lares na miséria, porque são tantas as despesas e exigências que o empreiteiro tem de suportar, que resulta chegar ao fim de cada obra sem ver compensação alguma para o seu trabalho. Por isso supomos ser justo e humano que, para esse aumento de Contribuição, sejam só consideradas as grandes e ricas empresas, que fazem trabalhos e negócios de muitos milhares de contos, e que sejam isentos desse aumento de contribuição todos os pequenos empreiteiros, que só possuem Alvarás até a quantia de 5.000 contos. Mesmo assim ficam pagando perto de 2 por cento, contando com o imposto complementar e, mais meio por cento que lhe é descontado obrigatoriamente em todas as empreitadas, para a Caixa de Aposentações do pessoal das entidades oficiais para quem são executadas»

O «Verde Gaio» para Americano ver

Um nosso prezado leitor, o sr. Luís Marques de Figueiredo, escreve-nos para manifestar a sua estranheza, perante a notícia divulgada de que vai aos Estados Unidos, em visita aos núcleos portugueses—e, portanto, para se exibir, também, perante os Americanos—o nosso grupo de bailados «Verde Gaio».

«Ora — escreve o nosso correspondente com justiça — não seria mais natural que esses representantes do nosso folclore actuassem primeiro, e intensamente, para os diversos núcleos espalhados por terras portuguesas e que só os conhecem de nome? Não teremos nós (nascidos, criados e que vivemos cá) direito a assistir a um espectáculo de bailado, interpretado pelo nosso «Verde Gaio»? Ou será preciso deslocarmo-nos à América do Norte, para o vermos actuar? Acho que este nosso agrupamento tem responsabilidades, no que diz respeito à divulgação e progresso do bailado no nosso País e, sendo assim, e entre nós que deve trabalhar, pelo menos enquanto a sua missão não estiver cumprida. Por outro lado e atendendo à crise que atravessa, não seremos nós (que conhecemos as suas dificuldades) mais benevolentes na apreciação dos seus bailados?»

O nosso leitor termina pedindo a quem de direito que acarinhe as frequentes apresentações do «Verde Gaio», através de todo o País, porque, com tal medida, se desenvolveriam o gosto do público pelo «ballet» e as próprias qualidades artísticas do «Verde Gaio».

CAMINHOS DE FERRO

Circuito Turístico Estoril — Sintra

Na C. P. e Sociedade Estoril existem à venda bilhetes combinados com a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs para o circuito turístico Estoril-Sintra ou vice-versa, com partida das estações de Lisboa (Rossio) ou Cais do Sodré, em comboio, e passagem em autocarros da referida Cooperativa pelas povoações de Chão de Meninos, Linho, Cadeia Central, Alcoitão, Alcabideche e Amoreira.

Estamos em pleno Inverno, mas, nesta quadra do ano também em Portugal há bonitos dias de sol luminoso que convidam a um passeio agradável e tonificante.

Aproveitai os lindos dias de Inverno, não raros no nosso País, para fazer uma alegre diversão a uma das mais encantadoras regiões dos arredores de Lisboa, por preço económico, ao alcance de todos.

HA TRINTA ANOS

O advogado dr. Orlando Marçal, membro da comissão que, por parte dos inquilinos, tratava da Lei do Inquilinato, dizia ao «Diário de Lisboa» no dia 7 de Fevereiro de 1929:

«A comissão tem reunido duas e três vezes por semana, umas vezes no Ministério das Finanças, outras na Associação dos Lojistas. As rendas de 1914, que atingem presentemente 50 escudos, serão um pouco elevadas. O inquilinato comercial há-de ser satisfeito nas suas reclamações. Tenho a impressão que todos ficarão satisfeitos, senhores e inquilinos, porque não se agravam interesses. Os trabalhos da comissão têm sido demorados porque temos estado a apreciar e a estudar o aluvião de reclamações. Muitas delas foram dirigidas ao Chefe do Estado e ao ministro do Interior que, por sua vez, as enviaram à comissão.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um relógio, uma sombrinha, um porta-moedas, uma chapa de instrução para motociclo, um livro, duas pautas de música, quatro «quintos» da lotaria, um cartão sindical, uns óculos graduados, uma carteira, um saco, um linpa pára-brisas, uma bota, um tubo de escape para automóvel, um bilhete de identidade com fio de prata, um par de luvas, cinco luvas desirmanadas e diversas chaves.

Também se encontram, no Sindicato Nacional dos Motoristas, uma caneta de tinta permanente, duas luvas desirmanadas e uma mala.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21.30 — «O processo de Jesus».

VARIEDADES — A's 20.30 e 22.45 — «Com jeito, vai!»

TRINDADE — A's 21.45 — «Um homem só»

AVENIDA — A's 21.45 — Um marido em rodagem.

A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».

MONUMENTAL — As 20 e 45 e 23 e 30 — «La Chunga».

COLISEU — A's 21.30 — N o v a Companhia de Circo.

CINEMAS

FIVOLI — «A pousada da sexta felicidade».

SAO LUIS — «Viva o palhaço».

SAO JORGE — «Norman na tropa».

IMPÉRIO — «Férias em Paris».

EDEN — «Abbott, Costello e os gangsters».

POLITEAMA — «Daqui fala o morto».

CONDES — «A mulher que viveu duas vezes».

ODEON — «Maricruz».

CAPITÓLIO — «Intriga nos bastidores».

ROMA — «Pobres mas belas».

AVIS — «As mil e uma noites».

MONUMENTAL — «Tabarin».

ALVALADE — «Viva o palhaço».

OLIMPIA — «Vencer ou morrer».

RESTELO — «Tótó, Fernandel e a lei».

JARDIM — Festejos de Carnaval e variedades.

PROMOTORA — «Um diabo de saias».

CAMPOLIDE — «Pintores e raparigas».

A «COMPANHIA»

morreu afogada

LINZ (Alta Austria), 7. — Um automóvel em que seguiam dois saltimbancos com os seus animais — um urso, um macaco, uma raposa e uma tartaruga — caiu no lago do Attersee depois de derrapar na estrada coberta de gelo. Só a tartaruga sobreviveu. O urso, assustado, agarrou-se aos dois homens e impediu-os de nadar. — (F. P.).

MORTE SÚBITA

em Évora

EVORA, 7 — Apareceu morto junto das cocheiras do Centro de Trabalho do Albergue de Mendicidade de Évora, o internado Joaquim António Pinheiro, de 50 anos, solteiro, corticeiro e natural desta cidade, que, segundo o relatório médico, faleceu vítima de doença súbita.

O futuro de Berlim é o problema dominante nas conversações dos dirigentes ocidentais

(Continuação da 1.ª página)

aceitável para o Ocidente. — (A. N. I.).

A resposta sobre a Alemanha será entregue antes da visita a Moscovo

WASHINGTON 7. — A resposta ocidental à nota soviética de 10 de Janeiro sobre um tratado de paz com a Alemanha está praticamente pronta. Foi redigida, como se sabe, por especialistas americanos, franceses, ingleses e alemães, em Washington, enquanto John Foster Dulles, na Europa, conferenciava com os seus colegas de Londres, Paris e Bonn.

Crê-se nos círculos informados que a resposta ocidental será provavelmente entregue em Moscovo à volta de 15 do corrente, isto é, uns dias antes da chegada do primeiro-ministro britânico. Não pensam os mesmos informadores que o texto ocidental indique qualquer data para uma conferência eventual dos ministros dos Negócios Estrangeiros com o representante da U. R. S. S., embora saliente a necessidade da projectada reunião num futuro próximo. Não se rejeita a ideia de que, em resultado dos vários encontros marcados nas semanas que se seguem, os interessados assentem numa data próxima dos fins de Abril para o encontro quadripartido.

Tem-se aliás, como provável que durante a estadia de MacMillan em Moscovo se discuta essa data, podendo assim o primeiro-ministro britânico tratar, a seguir, do assunto, com os seus colegas ocidentais. Por outro lado, os especialistas

aliados em Washington iniciaram a discussão dos problemas de fundo, isto é, da atitude ocidental relativamente a Berlim e à Alemanha e da coordenação dos pontos de vista, preparando assim a negociação com a U. R. S. S. Estes trabalhos, que ainda estão na fase preliminar, só poderão desenvolver-se convenientemente quando Foster Dulles regressar da Europa e, sobretudo, depois de visitar Bonn, e deverão continuar, provavelmente, até que MacMillan volte de Moscovo, nos fins deste mês.

Em Março, haverá, portanto, uma série de trocas de ideias entre os aliados sobre a atitude ocidental a tomar numa conferência eventual com a U. R. S. S.

O Conselho da N. A. T. O., que celebrará nos primeiros dias de Abril, em Washington, o décimo aniversário da Organização Atlântica, será, provavelmente, precedido de uma conferência, na capital americana, dos ministros dos Negócios Estrangeiros ocidentais, que apresentarão ao Conselho Atlântico um resumo da atitude assumida relativamente à União Soviética.

Depois desta reunião, vários ministros ocidentais seguirão para a Nova Zelândia, a fim de participar no Conselho Ministerial da O. T. A. S. E. Não parece, portanto, possível que a conferência com o chefe da diplomacia soviética possa ser marcada para antes de 20 de Abril. — (France Presse).

Eisenhower e Brandt apreciarão o problema

WASHINGTON 7. — O presidente Eisenhower recebe quarta-feira, às 14 horas (T. M. G.), o burgomestre de Berlim-Ocidental, Willy Brandt, cuja visita oficial a Washington se prolonga até segunda-feira.

Considera-se certo que Eisenhower e Brandt conversarão sobre a situação de Berlim em face do ultimato do Kremlin. — (A. N. I.).

Não cessam em Cuba os conflitos sociais

HAVANA, 7. — Continuam em Cuba os conflitos sociais, o que impede o regresso à normalidade das actividades económicas do país. Assim a greve dos empregados da Companhia Cubana de Electricidade prossegue ontem no mesmo ritmo e, segundo afirmam os grevistas, não terminará senão com a remissão do presidente da companhia W. J. Amoss.

O movimento grevista desencadeado pelos três mil operários das minas de níquel e cobalto da baía de Moa, continua no mesmo pé. Por outro lado, 21 refinarias de açúcar têm ainda problemas de pessoal a resolver e diversas linhas de autocarros de Havana apresentaram também várias reclamações com o objectivo de justificar uma greve.

O movimento grevista do pessoal dos elevadores, que durante seis dias isolou em casa os inquilinos dos últimos andares dos arranha-céus de Havana, foi já solucionado. — (France Presse).

Treze fuzilamentos

HAVANA, 7. — Durante a madrugada foram fuzilados mais treze partidários do presidente Batista condenados à morte pelos tribunais revolucionários.

Outros vinte combatentes de Fulgêncio Batista foram condenados à morte e devem ser executados ainda hoje, segundo afirmou um informador de Fidel Castro. — (A. N. I.).

Foster Dulles

chegou a Bonn
onde era aguardado
por Adenauer

BONN, 7. — O secretário de Estado americano, Foster Dulles, chegou hoje, de avião, a Bonn, para conversações com o dr. Konrad Adenauer e outros dirigentes alemães. Deve principiar ainda esta tarde as conversações com o chanceler Adenauer.

Dulles disse, no aeroporto, que o Ocidente necessitava de encontrar forma de enfrentar o desafio russo, mediante uma acção comum, combinada e planeada antecipadamente.

Dulles, que foi recebido no aeroporto pelo dr. Adenauer, acrescentou: «No momento em que enfrentamos outro período de dificuldades, em consequência do desafio soviético aos nossos direitos, em Berlim, confio em que superaremos as dificuldades do futuro como fizemos no passado».

Disse que concordava com a opinião do chanceler, de que não era necessário reexaminar a base das relações entre a América e a Alemanha Ocidental. Era importante, porém, coordenar ideias, a fim de se chegar a uma posição firme e unida. — (Reuter).

Satisfeito com a visita a Paris

PARIS, 7. — Foster Dulles partiu às 9 e 35, do aeródromo de Orly para a Alemanha.

No salão do aeródromo, o secretário de Estado americano teve a última conversa a sós com o ministro dos Negócios Estrangeiros francês.

Aos jornalistas que o interrogavam, o estadista americano declarou-se muito satisfeito com a estadia em Paris. — (F. P.).

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS — Tel. 14

O maior CARNAVAL do ano no ambiente mais castiço
2 conjuntos de Acordeões 2 * 4 Ranchos Folclóricos 4
4 Noites de Verdadeira folia 4 * 2 Tardes dançantes 2
Preços todos os Dias e Noites 65\$00 por pessoa (sem taxas incl.)
NOITE 3.ª feira — Em colaboração com os PARODIANTES DE LISBOA, 80\$00 por pessoa (sem taxas incluídas) com direito ao consumo de Jantar ou Ceia

CHAS DANÇANTES: Consumo mínimo por pessoa, 25\$00 (sem taxas incl.). Informações e reserva de mesas em Lisboa: Telefone 770320

Maliores de 15 anos

A gerência informa QUE NÃO TEM QUALQUER SUCCURSAL

RESERVAS DA A. F. L.

Os encontros desta tarde não forneceram surpresas

Continuou esta tarde o campeonato distrital de reservas, tendo-se efectuado os encontros correspondentes à 4.ª jornada, de que a seguir damos breves notas.

Sacavenense, 0-Benfica, 7

Jogo no campo de Sacavém, com numeroso público. As equipas formaram:

SACAVENSE—Lino; Renato e Abreu; Belmiro, (depois Luís Filipe), Domingos e Clelio; Alvaro, Ribeiro, Cardoso, Martins e Belo.

BENFICA—Barroca; Djalme e Barbosa; Cardoso, Humberto e Jurado; Reis, Mascarenhas, Carda (depois Peres), Santana e Pedro Silva. Árbitro—Orlando de Sousa.

Ao intervalo, 0-4. Os «encarnados» foram sempre superiores, a respeito da esforçada réplica dos locais. Santana, Reis, P. Silva e Peres, respectivamente, aos 15, 35, 42 e 44 minutos, fizeram os golos.

Na 2.ª parte o Benfica elevou a marca para 7-0, com golos de Pedro Silva, Peres e Pedro Silva, aos 20, 22 e 35 minutos.

Oriental, 1-Sporting, 6

Jogo no campo «Eng. Carlos Salazar», com regular assistência. Os grupos formaram:

ORIENTAL—Carmo Duarte; Silveira e Morais; Cordeiro, Alfredo e José da Silva; Vasco, Adolfo, José Luís, Nogueira e Postigo.

SPORTING—Carvalho; Peireto e Paleje; Pêrides, Galaz e Valente; Oscar, Caraballo, Diego, Bispo e Morais.

ÁRBITRO—Arménio Cachapa.

O marechal Craveiro Lopes recebe hoje em Luanda as estrelas de ouro

LUANDA, 7. — O marechal Craveiro Lopes recebe esta tarde, num dos salões do Governo-Geral, as estrelas de ouro do marechalato e as asas — insígnia da Aviação — feitas com ouro desta província, por artífices locais.

Na mesma altura, será entregue ao antigo Presidente da República uma mensagem do povo de Angola.

Toda a imprensa angolana se refere ao acontecimento com grande relevo. — (A. N. I.).

O futuro de Chipre

ZURICH, 7. — O ministro dos Estrangeiros turco, Fatin Zorlu disse hoje que as conversações entre a Grécia e a Turquia sobre o problema de Chipre estavam a progredir. Ac ser-lhe perguntado se estava próximo um acordo, Zorlu respondeu: «Assim o espero». Não deu mais pormenores. — (R.)

Não há sobreviventes

da traineira francesa

DUBLIN, 7. — Não se encontrou nenhum sobrevivente do naufrágio da «Marie Brigitte». Três cadáveres foram recolhidos por barcos irlandeses, que também encontraram destroços da traineira.

O mar lançou à costa, perto de Kerry, o cadáver de um homem que as autoridades creem ser dos tripulantes do barco francês.

Com a participação de um avião britânico, prosseguem as pesquisas. — (F. P.).

HOTEL BEJENSE

BEJA

Telef. 480-772

— O único Hotel de Beja —
a 180 km. de Lisboa
a 200 km. de Sevilha

— Amendoeiras em flor —
— Carnaval em Sevilha —

As 22:15

Na TELEVISÃO

as Peles de David Kit
apresentadas pelas Misses
do Comité Français d'Élegance

O dr. Malan defensor acérrimo da segregação racial na África do Sul faleceu com 84 anos

CIDADE DO CABO, 7. — O dr. Daniel Malan, antigo primeiro-ministro da África do Sul, faleceu, às primeiras horas de hoje, com 84 anos, devido a um ataque cardíaco. Encontrava-se doente desde Outubro. Proeminente clérigo protestante antes de entrar na política, o dr. Malan notabilizou-se pela orientação firme que imprimiu à política de segregação racial. Tendo sido primeiro-ministro de 1948 até 1954, retirou-se do seu cargo, sendo então substituído por Johannes Strijdom.

O dr. Malan nasceu na herdade do seu pai, no ocidente do Cabo, e foi educado em Stellenbosch. Formou-se na Universidade desta cidade e dedicou-se ao professorado. Depois, seguiu para a Holanda.

No seu regresso à pátria, tornou-se ministro da Igreja Reformada Holandesa, a maior das organizações religiosas cristãs da África do Sul. Durante a segunda guerra mundial, persuadiram-no a desistir do púlpito para ingressar na política.

Quando o Governo do general Smuts foi derrotado em 1924, e o general Hertzog se tornou primeiro-ministro, o dr. Malan foi nomeado ministro do Interior da Saúde Pública e da Educação. Na altura em que o general Hertzog e Smuts formaram uma coligação (em 1934), o dr. Malan recusou-se a aderir a ela ou ao Partido Unido, que é actualmente o partido da oposição da África do Sul.

O dr. Malan enfileirou então na oposição, juntamente com outros membros do Partido Nacional, e actuou como dirigente da Oposição até o deflagrar da segunda guerra mundial, época em que Hertzog se demitiu de primeiro-ministro. O dr. Malan apoiou então Hertzog e, de novo, se tornou chefe da Oposição quando aquele se afastou da política em 1940. Em 1948 o Partido Nacionalista ganhou as eleições gerais, e o dr. Malan foi nomeado primeiro-ministro. — (R.).

A eventualidade de um bloqueio a Berlim

(Continuação da 1.ª página)

que a Secretaria do Estado desse seguimento a essa decisão, e partiram finalmente para Londres sem que o assunto tivesse tido qualquer despacho.

Nos círculos políticos norte-americanos afirma-se que o secretário de Estado, Foster Dulles, tem debatido esse problema durante as conferências que realiza neste momento na Europa e que, no regresso, na próxima semana, proporá muito provavelmente a formação de uma comissão das quatro potências para resolver o assunto. Acrescenta-se, que, no dia 21 de Janeiro, Foster Dulles declarou ao Foreign Office que considera necessário estabelecer o plano de abastecimento o mais rapidamente possível. — (A. N. I.).

O MUSEU MILITAR

está encerrado amanhã

Por determinação superior, o Museu Militar encontra-se encerrado amanhã.

A primeira parte decorreu com vantagem do Sporting que ao intervalo venceu por 5-1. Marcaram pelo Sporting: Diego (8 e 40 m.), Morais (10 m.), Pêrides (29 m.) e Bispo (39 m.). Pelo Oriental marcou José Luís.

Na 2.ª parte as características do encontro não se modificaram, tendo o Sporting obtido só um golo, da autoria de Bispo, aos 29 minutos.

Torriense, 0-Belenenses, 3

TORRES VEDRAS, 7. (Pelo telefone). — O jogo desta tarde atraiu ao campo das Covas razoável assistência. As equipas alinharam:

TORRIENSE—Idalcio; Gilberto e Luís; Margaca, Bernardes e Vitor; Jerónimo, Carlos António, Narciso, Brás e J. Francisco.

BELICENSES—Fernandes; Leonel e Rosendo; Margal, Paz e Castro; Adelino, Abdul, Mendes, Amândio e Miguel.

Árbitro—Jaime Baptista.

Ao intervalo, 0-2. Os locais tiveram vantagem nos primeiros minutos, mas depois os «azuis» superiorizaram-se tendo obtido dois golos por Mendes e Miguel, aos 16 e 18 minutos.

Na 2.ª parte o Belenenses consolidou a sua vantagem com um golo de Mendes, aos 30 minutos.

Arroios, 0-Atlético, 2

Jogo no campo «Alfredo Marques Augusto», com escassa assistência. Os grupos alinharam:

ARROIOS—Daniel; Costa e Carvalho; Tomé, Quintela e Pires; Brito, Couto, Didi e Roque.

ATLÉTICO—Oliveira (Passo); Henriques e Pereira; Mega, Perroncinho e Esteves; Florival, Espiga Lopes, Galinho (Guerreiro), Tomás e Costa.

Árbitro—Mário Costa.

Ao intervalo, 0-0. Partida sem motivos de interesse, com o Atlético a A cinco minutos do fim Tomás fez o primeiro tento do Atlético e dois minutos depois Florival fixou o resultado em 2-0.

Novos «records»

de natação e atletismo

SYDNEY, 7. — A nadadora americana Sylvia Ruuska bateu os «records» do Mundo das 220 jardas e 200 metros mariposa, com o tempo de 2 m. 40 s. 3/10.

Por sua vez, o australiano John Devitt bateu o seu próprio «record» do Mundo das 110 jardas, livres, em 55 s. 1/10. — (F. P.).

MOSCOVO, 7. — O atleta Alek Fedoseyev, estudante de Leninegrado, estabeleceu hoje novo «record» mundial, de triplo-salto, em recuato coberto, com a marca de 15.80 metros. O anterior «record» pertencia a Eugeny Chen, com 15.66 m.

João XXIII

recebeu amigos gondoleiros

CIDADE DO VATICANO, 7. — João XXIII conversou hoje com velhos amigos entre 43 gondoleiros venezianos que recebeu em audiência.

Os visitantes, que envergavam os seus trajes tradicionais, vieram de Veneza especialmente para ver o Papa, anteriormente figura muito familiar para eles nos canais sinuosos da cidade, onde foi patriarca antes de ser eleito supremo pontífice.

Os gondoleiros ofereceram ao Papa uma fina peça de vidro da célebre fábrica na ilha de Murano, na Lagoa de Veneza. — (R.).

Carnaval no Machado

Começa hoje e acaba na 4.ª feira

4 noites de alegria com bailes e fados pelo elenco privativo, composto por: Maria Marques, Natércia da Conceição, Angela Nunes, José Borges, Jaime Santos, Miguel Ramos e Machado. Os bailes das 4 noites são abrilhantados por um bom conjunto musical. — JANTARES e CEIAS

Seleção rigorosa. (Adultos maiores de 17 anos)

Marque a sua mesa, antes de a lotação estar esgotada, pelo telefone 30095

O movimento dos «jovens coléricos», ou «angry young men» constitui uma das vanguardas mais notáveis no panorama actual das letras inglesas, que, se exceptuarmos duas ou três figuras singulares, apresenta a desolação enervante de um descampado. Nunca os críticos manusearam com tão aturado interesse e uma diligência louvável os volumes ainda frescos de tinta enviados às redacções dos jornais com uma nota alvoroçada do editor. Mas a sorte continua a ludibriar acintosamente as melhores expectativas, e ainda que o talento literário abunde na Inglaterra e se escrevam al-

po, uma apreciação justa do sentido em que ela se orienta.

Para já há, pelo menos três obras — uma peça e dois romances — que convidam à reflexão: «Look back in anger», de John Osborne; «Lucky Jim», de Kingsley Amis; e «Room at the top», de John Braine. Todas elas conheceram um êxito imediato. Osborne saiu do cartaz com a casa cheia e sempre que volta, embora por uma breve temporada, garante uma lotação esgotada. Kingsley Amis fez a sua fortuna e do seu editor, tendo o prazer de ver o romance filmado, destino este que bafeja agora «Room

CRÓNICA DE LONDRES

por LUÍS DE SOUSA REBELO
LEITOR DA UNIVERSIDADE DE LONDRES

guns livros admiráveis todos os anos, a grande revelação, a obra portadora de uma nova e profunda visão do humano está por aparecer.

A esta hora de desconsolo e atonia a irreverência, o tom de revolta sincera e a raiva de uns tantos moços isolados, que se ignoravam por completo, veieram trazer um lume de esperança, como uma aragem cálida de Primavera que prenuncia os ardores do Estio. É claro que na confusão inicial e no entusiasmo um pouco precipitado da descoberta se tornou mais uma vez a nuvem por Junho e se elevaram às alturas da fama nomes que hoje caem ao nível da mediocridade.

Mas no inevitável alinhamento de valores que havia de suceder começaram-se a destacar as obras mais representativas da nova corrente, procurando-se fazer, ao mesmo tem-

UM LUGAR AO SOL

at the top» em exibição num dos cinemas do West End.

Osborne e Amis, compensados dos dias amargos de penúria, ressentidos da fealdade e dureza da vida britânica, demandaram os portos da América do Norte, onde a glória promete materializar-se em dólares. Sobre o primeiro com a apresentação das suas peças, que conquistam do outro lado do Atlântico um êxito comparável ao que tiveram nos teatros de Londres, ao passo que Amis, no conchego académico de um bom colégio universitário, acumula muito provavelmente montes de notas para o seu próximo livro.

Como a revolta destes escritores talentosos se dirigiu com rancor e

Diário de Lisboa

N. 30

Diário de Lisboa

ironia mordente contra a mediania baça, a falência do ideal, a satisfação idiota e o derrotismo da Inglaterra dos nossos dias, entrevada em apuros domésticos e na gerência do «Welfare State», há quem insinue que, tendo os autores subido à esfera da opulência, esses males se lhes tornarão agora menos visíveis, e que, portanto, a causa da sua irritação, uma vez que entraram onde queriam, está conludada a uma morte certa.

O argumento poderá ter o seu ressaibo de farisaísmo, mas não é inteiramente descabido, se olharmos mais de perto para o desfecho do romance de Amis e o compararmos com «Room at the top» («Um Lugar ao Sol») de John Braine.

«Lucky Jim» é um modesto assis-

tente universitário, flutuando entre o terror de ser despedido e a sua raiva ao catedrático que o emprega, das suas vaidades, ao seu cabotinismo, ao seu cinico bem-estar. O encontro providencial com a filha de um rico magnate abre-lhe a porta da libertação através do casamento com uma rapariga inteligente e bonita, ainda por cima... Evidentemente que o desenlace da narrativa não se atinge com esta facilidade de trajectória. Há inúmeras peripécias pelo meio, curiosas, ridículas, hilariantes, mas delas triunfa, quase por mero acaso, o bravo Jim que ganha desde logo a nossa simpatia.

Com ele se identificou desde muito. (Continua na página central)

QUE NOS MOVE AFINAL?

SÃO PAULO (Janeiro). — Na minha mesa de trabalho encontro um programa de teatro, um exemplar de «L'Express», um magazine com uma mulher seminua na capa e um numero da Revista de Antropologia.

La começar a escrever um artigo sobre política. Sinto, porém, que o meu estado de espírito não é dos mais favoráveis para mergulhar num mundo semelhante. Olho a papelada, demoro-me a observar as curvas onduladas e os lábios sensuais da «pin-up», folheio o jornal, o programa, a revista. Não posso, decididamente, escrever o artigo. Invade-me uma sensação de mal-estar, a ansia de qualquer coisa que não sei definir. Aquilo, o que

trinta e poucos anos de uma existência mediocre. Dezenas de vezes cheguei à banalíssima conclusão de que a vida não merece ser vivida. Contudo, o caminho percorrido para chegar a essa convicção não passou pelos negros meandros do pensamento de Schopenhauer, nem pelas inóspitas regiões do absurdo camusiano. Para mim, paradoxalmente, é a infinita beleza da vida que transforma a existência de cada um numa permanente frustração. Beleza em si, potencial, pairando acima dos homens, exterior a eles, mesmo quando nasce e palpita neles. Vejo a vida bela na suprema harmonia do encadeamento dos fenómenos, nos seus insondáveis mistérios, na profundidade e

absoluto para que tende está-lhe vedado. Se nem, ao menos, consegue viver um sentimento, dissecá-lo, interpretá-lo, compreendê-lo de uma forma total, experimentando-o em todas as suas ilimitadas potencialidades. Tudo se passa — e daí a náusea, a revolta, a renúncia — como se o homem vivesse perpetua-

(Continua na 7.ª página)



por MIGUEL URBANO RODRIGUES

tenho em frente, é o Mundo, são mundos que eu desejaria poder abarcar. A mulher, as revistas, o jornal sugerem-me valores e realidades que conheço apenas muito superficialmente. Apresentam-se-me como símbolos do sexo, do amor, da arte, da descoberta do Homem e da sua justificação, é de totalidade, de absoluto, percebo-o agora, a necessidade que experimento, a sensação de vazio que me domina.

Olho para dentro de mim e não vejo coisa alguma. Não enxergo nada para a frente, mas sei que nada se passará; para trás é o deserto,

intensidade dos sentimentos e emoções experimentáveis, na variedade das perspectivas que desvenda, no encanto físico das paisagens e dos seres, na descoberta sempre renovada. O homem nasce, cresce, abre os olhos para o que o rodeia e... desespera. E com razão. Jamais poderá viver uma parcela ínfima de uma das milhentas vidas que vale a pena ensaiar. Ora o seu desejo seria vivê-las todas, uma por uma e todas em conjunto, penetrar o grande mistério da existência, fruir a vida, sorvê-la em toda a sua plenitude cósmica. Mas, aí dele, esse



ROMANAS E CRESCIMENTO

por ALFREDO BRÁS

É tendência ainda hoje muito generalizada a de se exaltar a força, a estatura, a resistência e a longevidade dos nossos antepassados. Não haverá certamente um único leitor que não tenha ouvido muitas vezes frases como estas: «Os antigos é que eram homens!» «Esta gente de agora não tem fibra!» «Olhem que não chegaremos à idade dos nossos avós e nem mesmo à dos nossos pais!» «Quem seria hoje capaz de manejar a espada de D. Afonso Henriques?». E, no entanto, se nos dermos ao trabalho de lançar um rápido golpe de vista pelas estatísticas internacionais, verificaremos que a percentagem de sexagenários entre as populações da maioria dos países europeus passou, em menos de um século, de 10% para 16%, que as probabilidades de vida de um recém-nascido se elevaram, nos Estados Unidos, de 35 anos e meio em 1789 para 70 anos actualmente e que a altura média do homem está aumentando um centímetro todos os dez anos.

São já inúmeras as teorias criadas pelos especialistas para tentar explicar esse tão curioso fenómeno do aumento progressivo da estatura média do homem e por isso nos limitaremos a umas breves referências àquelas que nos parecem mais consistentes. Uma das mais interessantes e actuais, a dos «telecasamentos» («tele» significa longe), assenta no conhecimento já bem divulgado das desvantagens das ligações consanguíneas, sob o ponto de vista biológico, em relação à descendência. Ora, com o desenvolvimento dos meios de transporte, cada vez mais os casamentos tendem a realizar-se entre pessoas de famílias muito diferentes e a distância entre os lugares de origem dos conjugues não cessa de aumentar. O especialista alemão dr.

Richard Nold, acérrimo defensor da teoria que atribui aos telecasamentos o aumento da estatura humana, chama as estatísticas em seu auxílio e dá-nos sobre o assunto indicações muito precisas. Segundo elementos colhidos por este sábio no seu país natal, dois noivos habitavam, em 1750, a distância média de 13,75 quilómetros um do outro; essa distância aumentou para 25 quilómetros em 1850 e já está actualmente em 110 quilómetros.

Também o que se passa nos «Kibbutzim», de Israel, onde se encontram reunidas pessoas vindas de todas as partes do Mundo, trouxe a esta teoria uma importante confirmação, visto as crianças terem aí maior estatura (uma diferença média de 10 cm.), que as crianças judaicas nascidas noutros lugares.

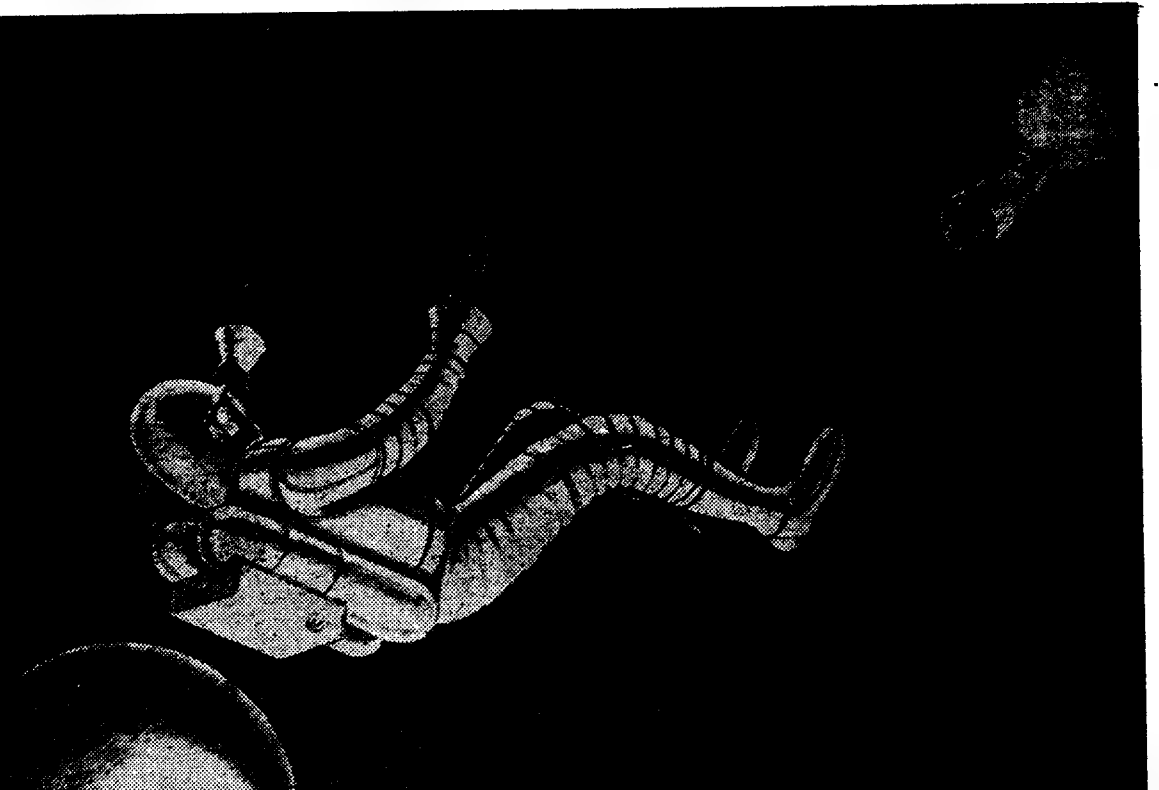
Outra teoria, para nós a mais convincente, é a que atribui à alimentação um papel preponderante no crescimento das crianças. Fala-se mesmo de certos alimentos de crescimento, tais como a carne e, muito principalmente, o leite.

A carne é muito rica em ácidos aminados, entre eles um chamado lisina que é indispensável ao crescimento, mas o leite é o único alimento que pode satisfazer todas as necessidades do organismo e isso precisamente na época em que o desenvolvimento é mais rápido.

Sendo o leite um composto de proteínas, de água, de sais minerais, de vitaminas e de gorduras, a questão estava em saber qual, entre todos estes ingredientes, detém o segredo do crescimento. Os especialistas resolveram essa dificuldade comparando o leite da mulher com os leites de proveniência animal e concluindo que o facto de o leite da coelha conter seis vezes e

(Continua na 7.ª página)

ULTIMA PÁGINA EM 1980



Futuramente — o futuro agora mudou-se para muito perto de nós e está quase ao alcance da mão — todos andaremos pelo espaço interplanetário neste lindo preparo. As terminações das mãos não significam que, nessa altura, todos seremos de gancho. Devemos ter esperança de que essa raça já exista então apenas nos museus. O gancho é mesmo necessário, ali: desta maneira suprirá o homem a falta da força da gravidade, que então já só existirá à venda dentro de frascos, como se fosse goma arábica. Com tais ganchos, conseguiremos nós agarrar-nos às coisas, por exemplo a algum amigo que ande nos mesmos passeios e a quem seja oportuno pedir um cigarro ou as coroas que faltam para um bilhete de cinema. Atenção, portanto, à moda de 1980!

GANHED 100800

com um sorriso nos lábios

Exactamente: esta semana o cesto não se encheu de «sorrisos amarelos», mas sim de muito jogo perigoso e mercado negro. A palavra **PADRINHO** desatou a inspiração aos portugueses. A aflição bateu o «recorde», pois chegaram humoristas de todos os cantos de Portugal e dos Algarves. E que sucedeu no meio disto tudo? Que venceu uma senhora. Ora veja-se:

PADRINHO é aquele sujeito que aparece uma ou duas vezes para que a lei se cumpra, e todas as outras precisamente para o contrário.

Parabéns, sr. D. Vilma Barreira, Rua 4, n.º 6, Bairro do Restelo! A resposta vale um epitáfio (isto fora os cem escudos e o «Sorriso nos lábios»).

O sr. Hernani Monteiro, de Lisboa, contou, e muito bem, a «Ábula do Bom Oleiro». Diz este nosso leitor que padrinho é

O oleiro que mesmo com mau barro consegue arranjar bons «tachos».

E' assim uma espécie de «Sopa de Pedras» não acha? O sr. Mário Nunes de Melo, de Santo Amaro de Oeiras, também seguiu o seu caminho, mas preocupou-se mais com o conteúdo, transformando assim o oleiro em cozinheiro. Já por menos se tem ganho o prémio Nobel da Química. Mas leia-se

Padrinho — é o cozinheiro que arranja óptimos «tachos» com boa «massa».

Dois concorrentes resolveram dedicar-se ao género «instrumental». São os srs. Carlos Miranda (Lisboa), e P. P. Carvalho (Dafundo) que, respectivamente, nos mandaram as seguintes respostas:

Padrinho é uma espécie de gazua que abre as portas dos lugares de responsabilidade a numerosas «per-

sonalidades de reconhecido mérito».

Padrinho — chave falsa com que se abre a porta das dificuldades.

Como sempre, claro, houve a parte zoológica:

Padrinho — elemento destacado de certas sociedades protectoras de animais. (Sr.ª D. Teresa de Moura Lapa, Armação de Pera).

Padrinho: é uma espécie de camaleão: tem a faculdade de se apresentar umas vezes como protector, outras como desconhecido e outras... como conquistador.

Mas esta semana também apareceu o «amigo da onça». Diz o sr. João Torres (Lisboa) e com toda a franqueza que

Padrinho é a alcunha que a minha mulher dá ao outro!...

No género de critica literária candidatou-se o sr. José Maria Custódio Jor., de Moscaide, com a seguinte máxima:

Padrinho: s. m. — Protector dos falhados e incompetentes.

E' verdade: nunca tão poucos disseram tanto com tão pouco.

O sr. Alvaro Machado, do Porto, quis meter a papelada e ensinou-nos um método de alta eficiência:

Padrinho — o melhor «documento de habilitação» para qualquer emprego.

Aqui fica a receita.

O sr. Dário da Silva (Caldas da Rainha) apresentou um belo atestado de filologia:

Padrinho — é um padre de pequena estatura.

Francamente não sabia.

Do grupo dos onomásticos chegaram-nos as seguintes definições:

Padrinho é um indivíduo que só devia chamar-se **CUNHA VALENTE** (António Rafael — Caldas da Rainha).

(As outras são iguais e não publico).

O sr. Luís Bitorinho foi verdadeiramente original e eu aconselho-o a que registre a patente da sua arma secreta:

Padrinho é uma arma secreta com a qual o pior (o menos apto) consegue superar o melhor (o mais apto).

De boa energia eléctrica é a definição do sr. António Rodrigues Castelhanos (Lisboa):

Padrinho é um candeeiro que emite uma luz tão miraculosa que até dá vista aos afilhados tapados.

E' justo. Mas eu não quero privar os leitores da leitura de mais estas respostas, pelo que me ponho á margem:

Padrinho, intruso reconhecido como família, da sr.ª D. Lucília Pereira, Lisboa.

Padrinho — «macaco hidráulico» para os que querem subir na vida, do sr. Carlos Feteiro (Caldas da Rainha).

Neste mundo de miséria

E de tanta confusão

O padrinho é sempre um amigo

Que vem resolver a situação.

de Madalena (?), Lisboa.

Talvez por isso é que o sr. Mário

Luis Neto (Coimbra), diz muito des-

consolado

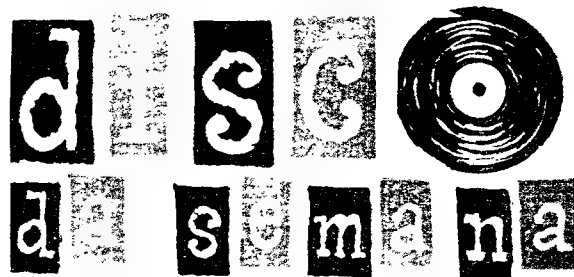
Padrinho é o que uns têm e outros... não têm.

Deixe estar, amigo! Há-de chegar a sua vez!

Para a semana fica para definir a palavra

ENTRUDO

As respostas devem estar em **MA-GAZINE**, Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 13 de Fevereiro.



VIVA O PALHAÇO!

Danny Kaye interpreta as canções do filme

The Pipes of Pain — Chin Up, Stout Fella

Everything is Tickety Boo — Salud The Square of the Hypotenuse

You can always have what you want Capitol T 1016

O talento excepcional de Danny Kaye está de novo ao serviço da nossa boa disposição. Não podia vir em melhor altura pois a quadra carnavalesca, agora iniciada é a ideal para a apresentação de filmes alegres e divertidos como este «Viva o Palhaço». A Capitol, fábrica de discos que dedica ao cinema o maior carinho (os seus estudos estão situados no coração de Hollywood) publicou agora entre nós o disco obtido da banda sonora do filme.

Toda a frescura e a pasmosa versatilidade desse grande artista estão patentes nas melodias registadas neste «Long-Play» que comporta ainda seis trechos de musica de circo interpretados pela magnífica banda de Billy May.

JERRY LEWIS

Dormi, dorimi, dormi
O amor é soldão

do filme «Jerry ama seca»

Decca
P45BM 5756

Outro cómico de valor e outro filme musical que se estreará na presente quadra entre nós, Jerry Lewis, o louco que a América adora prossegue na sua carreira de sucessos. Uma vez separado do seu colega Dean Martin, cancionista de 1.º plano, Jerry tenta as suas habilidades vocais. Se bem que não consiga bater o seu ex-amigo nos melodiosos trinados, obtém excelentes resultados com um notável sentido melódico e rítmico.

Discos publicados pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, R. Nova do Almada, 97.

A térmita
um especialista
na construção

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Falámos da organização social deste minúsculo insecto. Mas, perguntarão: tão minúsculo assim, porque propaga o terror onde aparece?

De facto, uma térmita isolada nada pode fazer de mal. Mas sendo ela imensamente ordeira e organizada, vivendo aos milhões, transforma-se num gigante malfazejo. Pode fazer abater uma casa, sem que a aparência em nada se tenha modificado. Só se percebe o resultado. Alimenta-se de madeira húmida e morta, embora não despreze vegetais vivos ou cadáveres de inimigos e até da sua raça, se a ocasião a isso a obrigar. A térmita não come, directamente, a madeira; é incapaz de digerir a celulose, tal como a extrai da madeira. Se o terreno é propício, planta cogumelos que a ajuda no trabalho da digestão, decompondo a lignite substância química de que a madeira está impregnada e lhe dá a consistência. Terminada esta pré-digestão a obra vem buscar as provisões; pode agora absorvê-las, sem receio de complicações gástricas.

Para procurar alimento, estas incansáveis trabalhadoras são capazes de percorrer várias centenas de metros, sempre em galerias subterâneas. Algumas espécies, apesar da fobia da luz e do ar livre, saem das colónias; mas só o fazem durante a noite e regressam antes que desponte a aurora, com o seu carregamento de folhas secas e líquenes que tiram das árvores; uma vez em casa, cortam estas folhas em pequeninos bocados que amontoam e guardam em silos; destinam-se a afofar o ninho da rainha.

As espécies que se não dedicam á agricultura (de cogumelos) ou não os têm á mão de semente possuem no próprio intestino uma fauna auxiliar da digestão: uma multidão de bactérias, de protozoários e minúsculos cogumelos que digerem, parcialmente, a celulose. O insecto aproveita desta decomposição e vive em simbiose com os parasitas que o auxiliam. Sem eles, morreria de fome em poucos dias, por muita madeira que a rodeasse. Os alimentos não desaparecem, de

uma só vez, nas mandíbulas vorazes duma operária. Não, o trabalho é colectivo. A celulose é absorvida, lançada fora e reabsorvida por outra, posta em circulação por toda a colónia e consumida até perder todos os princípios nutritivos. Mas nada se perde. Os resíduos desta digestão colectiva são, depois, empregados como material de construção. E que material!

A colónia nascente começa por instalar as primeiras casas no subsolo, sem que nada se veja á superfície. Depois colocam argila por cima e em volta delas, despontando um cone que, gradualmente, vai subindo por entre as ervas, até as ultrapassar. Ao mesmo tempo que a construção sobe, em altura, a parte subterrânea estende-se, alarga-se, rodeia a célula blindada da rainha, que um dia se encontra acima do solo, tendo andado uns poucos de metros, mas sempre no centro da colónia. Por que milagre de esforço estes minúsculos insectos carregam a enorme monstruosidade de guarda que é a rainha, ninguém sabe talvez (na escala humana, esta rainha representaria um gigante de 40 a 50 metros de comprimento pesando várias dezenas de toneladas). Este esforço supõe uma coordenação de movimentos, que deve ser única no mundo dos insectos.

A construção cresce, sem cessar, pois tem de albergar uma colónia, cada vez mais povoada. A térmita é superiormente dotada para a arquitectura. Os operários orientam-se graças ás antenas—órgãos olfactivos e tacteis. As mandíbulas, por seu lado, executam o trabalho da tesoura, do torno, da trolha, da escova e do pincel. Com a mesma agilidade cortam, raspam, amassam, aplainam. Uma construção destas não se faz, evidentemente, duma só vez; representa o trabalho paciente, constante, de muitos anos; cresce ao ritmo da população, não ao acaso, mas com um plano preestabelecido. As casas não se aglomeram ao acaso, antes da construção de uma, as velhas são demolidas; depois, como se um sábio ar-

(Continua na página seguinte)

FIM DE SEMANA FELIZ
Para onde vai amanhã?

Nesta época do ano, andam os jornais cheios de crónicas carnavalescas mais ou menos publicitárias. O carnaval de Monte Carlo, o carnaval do Rio, o carnaval em Paris, o carnaval não sei mais de onde...

Quem tem dinheiro e snobismo desamarra e vai por aí fora. O avião servicial deixa-o, em menos de um fôsforo, lá onde ele queira divertir-se á grande e á francesa. A esse respeito conta-se um sem-número de histórias apimentadas — de que participam Pierrots, colombinas e Arlequins, mascarilhas



protectoras, uma valsa, o turbilhão dos sentidos — o melhor será parar aqui senão aí estou eu a armar um enredo pícaro dentro das melhores tradições do género.

Quero dizer que essa arte carnavalesca é demasiado palaciana para mim.

Não me interessa. Produto desta burguesia cansada e medrosa também a mim me cansa e me faz medo. Acreditem. Uma sessão dessas, com decotes que se anulam á força de exagerados, e impudor que magoa á força de exibicionismo, prende-me enquanto o poder de análise e observação não se vê obri-

gado a tapar o nariz — e a rugir...

Do que eu me lembro nesta altura é do Carnaval que na minha terra antigamente havia. Hoje dizem-me que a repressão dos maus costumes, apagou certas brincadeiras que tinham tanto de maus costumes como eu tenho costela de marciano.

Para a gaiatagem havia o «só com a boca». Um brincalhão prendia o figo passado á ponta de cordel seguro por uma vara. Agitava-o pelas ruas da vila, gritando: — Só com a boca! E' só com a boca!

Nós, o rapazio, saltávamos, de boca aberta, a pretender agarrar o figo passado tentador. Ninguém usava de mãos ou de qualquer outro processo para conseguir apañá-lo. Respeitávamos o jogo — e era pulo e encontrão de meia noite. Quando se conseguia agarrar o figo, subia um foguete... Ainda hoje estou para saber quem foi o amigo que se lembrou das crianças para as fazer participar um pouco da alegria geral.

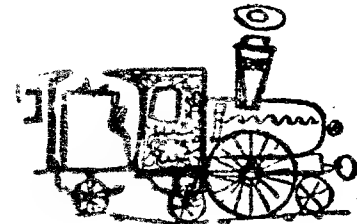
A figura central da época carnavalesca do meu país era o «cardador». O marinheiro ou qualquer outro vestia-se á maneira do pescador do bacalhau — botas altas, calças e casaco de oleado. Tapava o rosto, punha á volta dos olhos duas rodela de casca de laranja. Agarava em duas escovas de piaçaba e desentoava por essas ruas, aflautando a voz:

— O cardador! Aqui está o cardador!

Rapariga que encontrasse, cardava-lhe as pernas com a escova,

arrojando-se ao chão com grande aparato e reboliço. As moças fugiam, metiam-se em porta aberta que encontrassem. As outras, em casa, fechavam porta se janelas, porque os «cardadores» tinham carta branca e entravam fosse por onde fosse. Chegavam a fazer autênticas escadas para entrar pelas varandas...

As mulheres casadas e as velhas deixavam-se estar sentadas á porta. — Vai-te embora — diziam com



um sorriso de bonomia ao cardador. — Vai-te embora que eu já sou velha, já não preciso de ser cardada!

Enfim, recordações... «Cardadores» é coisa que na cidade não existe. Existem, em sua substituição, os espectáculos divertidos e os assaltos mais ou menos familiares. A minha opinião e o meu conselho, estimado leitor, é que te divirtas, se és novo, e facilites o teu divertimento dos jovens, se não estiveres para folias já. A mocidade precisa de uma valsa tanto como de pão para a boca...

CICERONE

CRONICA DA RUA HUMILDE



O sr. Martins perde a conta

por MÁRIO CASTRIM

Quando chove, a minha rua fica, praticamente, separada do Mundo por um lençol de água lamacenta. Até hoje, não se resolveu a Câmara a empedrar e a levantar um pouco de nada o nível do extremo da rua. Por isso, todos os anos, há um acontecimento que por esta época se repete: a rua fica separada do resto da cidade, manhãs e tardes inteiras, até dar ao esgotar tempo de esvaziar a água da chuva.

Evidentemente, todos nós aceitamos esse facto com a maior resignação, certos como estamos de não haver, por agora, possibilidade de o resolver. Duas ou três vezes por ano ficamos sem leite e sem o pão do primeiro almoço. O sr. Tomé e o sr. Martins não se atrevem a passar o lagoeiro e as mães já não mandam a canalha ao outro lado da poça, com o fervedouro ou o saco depois que o Zezito, o filho do Zacarias estivador, esteve a patear com um resfriamento de passar a inundação—a «banheira» como nós dizemos na rua.

Dizem que o sr. Martins padeiro, quando era novo, arregaçava as calças até às virilhas, atravessava o charco e fazia a venda normalmente. Até contam que certa ocasião a água era mais funda do que a supunha—e foi o Joaquim tipógrafo quem teve de lhe emprestar umas calças para substituir as dele que estavam ensopadas.

Sim, o sr. Martins fazia isso quando andava nos vinte, nos trinta anos—á beira dos quarenta, no máximo. Depois que a idade lhe agulou o reumatismo aos joelhos e á espinha (todo o Mundo sabe que ele sofre de bicos de papagaio) deixou-se dessas e de outras aflições. Já na maioria das casas que tem de servir, são os fregueses, conhecidos e amigos de tantos anos, a descer ao patamar do rés-do-chão para evitar que seja ele a amargurar-se de queixumes pelas escadas acima.

Ao princípio, nesse ponto, a Adélia, a mulher do Veríssimo que é dos escritórios da C. P. ficou muito mal vista na rua porque se recusou a vir tomar o pão cá abaixo.

—Se eu moro no segundo andar, é ao segundo andar que ele deve vir, não lhes parece?—dizia ela na mercearia do galego onde se armavam comícios contra ela. Ao geral do povo, das mulheres especialmente, não parecia aquilo bem. Pois se o pobre homem sofria de um mal tão dorido, como era aquele dos bicos de papagaio! Só mesmo um coração duro podia aguentar a pé firme os «ais», os «ai-Jesus» do infeliz ao subir as escadas.

Mas a Adélia não tinha o coração assim duro. Simplesmente era maior comodidade receber o pão ali mesmo á porta, num breve in-

tervalo de trabalho caseiro. E aproveitou a primeira ocasião para se libertar do peso que a opinião da rua estava exercendo nela. Um dia, por acaso, entrou juntamente com o padeiro e já agora levava o pão para cima... Passou desde aí, a vir ao rés-do-chão como toda a gente.

Ao pobre do Martins isso custava-lhe, é do tempo em que aos homens repugnava inspirar piedade fosse a quem fosse e principalmente a uma mulher. E não tendo embora a coragem de recusar, não perde pita lá para fazer valer a sua rijeza, o seu vigor que lhe permitte agarrar no cesto com a mesma facilidade quando era rapaz.

—Garganta!—dizem os companheiros na carvoaria do «Galego». —Tu já não podes com uma gata pelo rabo!

—Não, que não posso! Tomaram vocês!

—O quê!—acudia o Ilheu carroceiro.—Tu eras capaz de atravessar a «banheira» com a cestada aos ombros como antigamente?

O sr. Martins fez estardalhaço de saliva contra os beijos a significar que para ele isso não passava de brincadeira de crianças. Era uma aposta, se quisessem...

Começava a estar com um grãozinho na asa mas não tanto que se irresponsabilizasse. E na semana passada, quando foi aquela chuva que tomou dia e noite, o pobre do homem, mal dia que ainda era, alanca com o cesto em direcção á «banheira». Por tão pouca sorte quem havia de lá estar, sentado na carroça, metido até às orelhas no casaco de oleado? O Ilheu...

Fez das tripas coração. Arregaçou as calças quanto pôde. As varizes roxas lembravam um ninho de víboras enroscadas em volta das canetas ruins.

Tudo foi muito bem até ao meio. Aí, ou porque lhe desse alguma coisa, ou porque escorregasse na lama, o padeiro vacilou como se lhe passassem uma rasteira. Lembrou-se do seu pai, quis ainda emendar, mas era tarde. Os «papos-secos» boiavam na água lodosa, cavalgando brincalhona e as marotas que o desgraçado retalhava na água, com a aflição.

Nessa mesma tarde, o Ilheu lá mais uns quantos fizeram um pedatório na rua ou, como eles dizem, fizeram «uma manobra». A manobra rendeu alguns escudos que diminuíram o prejuízo do sr. Martins. Mas no papel de trinta e cinco linhas não vinha o nome do Ilheu...

—Pois não—dizia ele.—Eu fui o que lhe dei mais. Sim senhor, eu.

E a terminar, arremessou á assembleia pasmada da fatura: —Perdoei-lhe a aposta...

A TERMITA um especialista na construção

(Continuação da página anterior)

quitecto as guiasse, reconstruam as galerias com as dimensões requeridas. Todos os materiais são aproveitados; grãos de areia, pedaços de argila, fibras da madeira, folhas, tudo aglomerado com saliva. O plano, a orientação, as dimensões, tudo se modifica em cada espécie. Há as galerias simples, em troncos apodrecidos; outras, pelo contrário, manifestam engenho e uma capacidade de trabalho dignos de admiração. As térmitas de África são, talvez, as que mais se preocupam com a colectividade. Os morros que constroem elevam-se acima do solo meio metro ou até muito mais, de uma solidez de construção que leva ao uso de tiros para as destruir. O interior é extraordinário. Pode ir até cinquenta e cinco andares de galerias dispostas em espirais, com um rigor verdadeiramente matemático. Alguns destes morros são cobertos por um tecto semelhante a um cogumelo gigante. Na Austrália, a térmita orienta a habitação sempre no sentido Norte-Sul, fugindo assim aos grandes calores. Na África Equatorial as edificações das térmitas atingem, por vezes, colinas com a altura de 6 metros e 30 de diâmetro. Imaginem, minúsculos insectos, carregando, grão a grão, 1.600 metros cúbicos de terra para este imenso edifício, cujas paredes atingem a ninharia de 50 centímetros de espessura! Sob um pavimento de argila compacta, a colónia construiu uma habitação arredada, tão leve como uma esponja rodeia uma casamata, onde repousam os soberanos. Assente sobre pilares cônicos, estes formam, unido-se, perfeitas volutas. Entre os pilares estende-se uma vasta cave, donde partem galerias em todos os sentidos. Se estas galerias se aproximam da superfície, instalam-se nelas guardas, prontos ao primeiro sinal de perigo. Se o terreno é demasiado seco, as térmitas infatigáveis buscam a água, escavando poços que atingem, por vezes, 30 metros de profundidade. Toda a colónia vive na humidade, embebida num autêntico banho de vapor. Esta humidade pode ser mantida á custa de cogumelos que aí se desenvolvem, como já dissemos.

Terríveis, indesejáveis hospedes—sem dúvida. Mas que exemplo de trabalho, de tenacidade, de sacrifício, de heroísmo, de amor e dedicação!

A guerra acabou, mas...

A história dos dois Pastores alemães convidados pelo ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel para estudarem a vida dos Kibbutzim ilustra bem as atitudes contraditórias e apaixonadas da opinião israelita em relação á Alemanha.

O primeiro, enviado por três meses para um Kibbutz pertencente á tendência esquerdista da Mapam (Partido Socialista) foi acolhido de braços abertos e integrou-se com entusiasmo na vida da comunidade. Conquistado por uma experiência que lhe parecia realizar o «socialismo ideal» pediu, no fim do estágio, que fosse admitido como membro do Kibbutz. Mas o Ministério dos Negócios Estrangeiros, consultado, não autorizou.

O segundo Pastor, enviado para um Kibbutz vizinho, teve um acolhimento bem diferente. Vários membros da colónia opuseram-se a que ele permanecesse ali mais do que uma noite—e ameaçaram abandonar a colónia se o Alemão não fosse recambiado.

Interrogados pelos jornalistas, responderam: «Que sabemos nós do seu passado? Que fez ele durante a guerra?»

E o Alemão partiu... Os filmes germanicos projectados em Israel esgotam os cinemas (muitos emigrantes são de origem alemã). Mas acaba de abrir-se um largo debate acerca da oportunidade da sua importação. Lançada pela Associação das Vítimas do Nazismo, a campanha contra os filmes alemães obteve o apoio da quase totalidade da Imprensa.

PROBLEMAS DO CRESCIMENTO

(Continuação da 1.ª página)

meia mais proteínas justifica plenamente que o bebé-coelho necessite apenas de 6 dias para atingir o dobro do seu peso, enquanto o bebé-humano precisa de 180 dias. A altura dependerá pois directamente da quantidade de proteínas incluídas no regime alimentar.

Um inquérito recentemente publicado numa revista científica americana veio também confirmar esta teoria, comparando o nível de crescimento de 1.796 crianças japonesas, umas vivendo no Japão, outras na Califórnia. Enquanto que as primeiras, cuja alimentação básica era o milho, conservaram a sua pequena estatura tradicional, as outras, comendo regularmente alimentos ricos de proteínas, atingiram uma estatura sensivelmente mais elevada. Experiências idênticas têm sido feitas noutros países, fornecendo uma razão suplementar de leite aos alunos de algumas escolas publicas e igualmente se verificou que as crianças assim tratadas se tornaram mais altas do que as outras.

Uma terceira teoria, a da importância da cultura física e do desporto sobre o crescimento, está hoje amplamente divulgada e merece igualmente a nossa maior atenção.

Numeros inquéritos feitos nos meios desportivos desde 1923, principalmente na Alemanha, concluíram pelo reconhecimento de que a estatura média dos desportistas é superior (cerca de 4,5 centímetros para os homens e de 6,2 centímetros para as mulheres) á dos indivíduos que não praticam qualquer desporto. E isto facilmente se compreenderá se pensarmos que a actividade desportiva, impondo ao motor humano um ritmo mais rápido, provoca o que poderá chamar-se um crescimento de adaptação.

E' bom entretanto não esquecer que a cultura física deve ser cuidadosamente doseada, em particular naqueles adolescentes cujo crescimento é muito rápido, pois que embora o esqueleto e os musculos possam ser de adulto, os orgãos internos que alimentam a máquina são ainda incapazes de atingir o rendimento total. Para evitar excessos perigosos e perturbações muitas vezes graves, seria da maior prudência evitar os desportos de competição até aos 18 anos.

Falta ainda falar no importante papel que o meio social desempenha no crescimento, embora ele esteja implicitamente reconhecido na referida teoria da alimentação. Tam-

bém neste aspecto se fizeram curiosos inquéritos, classificando os pais por profissões e verificando a altura média dos seus filhos. Assim se conclui que os filhos dos proprietários e dos indivíduos com profissões liberais têm sobre os filhos dos operários e dos camponeses uma diferença que vai até 3 cm. aos 10 anos de idade. O facto explica-se pelas melhores condições de vida, de alojamento, de alimentação e, nalguns casos, por uma melhor compreensão da criança.

Parece-nos podermos concluir que não há qualquer motivo, além de um mórbido passadismo, para acreditar que os homens antigos eram mais altos e mais fortes. A estatura média do homem está aumentando, como dissemos, um centimetro todos os dez anos e breve teremos uma raça mais alta, mais forte e mais bela do que todas as do passado. Pena é que a maioria dos povos não tenham ainda na sua alimentação um numero suficiente de proteínas e que a maioria das crianças pertença ao grupo das que menos crescem por serem mal alimentadas, mal alojadas e mal compreendidas... Mas os homens já sabem como se pode conseguir maior estatura e mais felicidade, e isso é o principal.

A. BRAS

Vestido com todas as armas

Na provincia de Chingai, na baía do Tsaidão, ao norte do planalto tibetano, acaba de ser descoberta uma mumia mongol que data da dinastia Yuão — entre 600 a 700 anos antes de Cristo.

Encontrava-se em perfeito estado de conservação. Envolvia-a um tecido de lã, tinha um manto de peles e por cima uma armadura leve. O barrete, também de pele, tinha uma pena vermelha.

A seu lado havia uma cauda de cavalo, uma sela, um arco de chifre e onze flechas, de ponta finamente lavrada.

O guerreiro tinha no pescoço um ferimento com sinais de sangue e um penso de seda verde.

Atribui-se o bom estado de conservação do corpo ao frio e á ausência de humidade.



TV Automatic

★ sintonia completamente automática

★ comando à distância

★ grande poder de captação

CONSULTE OS AGENTES DA

VERMELHO E NEGRO



A entrada em casa do marquês de La Mole foi, para Julião, um momento de emoção. O papel que o marquês lhe reservava era ainda um pouco confuso; mas atordoava-o o luxo da casa, a roupa que fora obrigado a comprar para frequentar os salões do palácio, a rica biblioteca e, acima de tudo e dentro desta, os maravilhosos volumes da obra de Voltaire que a sua vista curiosa logo descobriu. Pegou-lhes, um a um, com medo de que o vissem; mas pensou que agora lhe seria dado lê-los todos. E afagou-os.

No vasto e luxuoso palácio conheceu Matilde de La Mole, jovem de dezoito anos, que ele achou orgulhosa e distante. No meio daquela magnificência em que vivia, Julião só se interessava pelo marquês de La Mole. Tudo o aborrecia, no resto: a senhora marquesa e os seus convidados orgulhosos; a menina La Mole e a sua soberba; o jovem irmão e a sua inútil existência; os nobres cortejadores de Matilde com uma prosápia e ignorância que muito divertiam Julião.

Com o tempo e a convivência, Julião tornou-se um dândi e compreendia a arte de viver em Paris. Quando voltou a ver a menina de La Mole, ausente na província, Julião mostrou-lhe um desdém estudado. Pensou que ela já nada tinha de provinciano nem de deselegante. Achou a sua palidez um tanto romantica, até. Mas Julião sentia, por ela, verdadeiro desagrado. Começou, entre eles, o jogo do gato com o rato. Matilde tentava domá-lo; ele fugia e inutilizava os belos planos da orgulhosa menina. Ela sentiu-se chocada; já nada mais era preciso para que se interessasse vivamente pelo jovem Julião. E deu-lhe a perceber. Chegou ao ponto de lhe escrever uma longa carta a que Julião respondeu com extrema prudência. A esta prudência respondeu Matilde com um convite para que fosse ao seu

quarto, á uma da noite, a coberto do luar. Foi...

Mas a política interessava muito mais o nosso herói, que a recordação agora um pouco vaga da senhora de Rênal e do seu amor e sacrifício por ele ou o amor orgulhoso de Matilde. Para servir uma



causa política tinha ele vindo para o palácio do senhor de La Mole; por ela se sujeitara a viver numa sociedade que execrava, a suportar um amor que não sentia.

Um dia, o marquês chamou-o de parte. Deu-lhe uma incumbência para Londres: tratava-se de levar uma mensagem — quatro simples

palavras que guardaria na memória e recitaria depois a «alguém». Julião desempenhou-se da tarefa. A viagem ao estrangeiro, o regresso a Paris, as pessoas que encontrara por lá, tudo isso o levou a esquecer a paixão de Matilde. Julião passava dias terríveis, sentia mais espanto do que contentamento. Depois de sentir que nada o ligava a ela, a paixão recrudescera, e foi motivo de longas alegrias e penosas cenas de lágrimas.

O marquês não tardou a ter co-

POR STENDHAL

nhecimento daqueles amores ilícitos. Foi tempestuosa a cena entre Julião e ele. O pai impôs que o jovem partisse para Estrasburgo, por quinze dias, até tomar conhecimento com a sua resolução. Qual seria ela, afinal? A incerteza era pior que tudo; mas havia que obedecer.

Julião partiu. Mas sentia-se tomado de ambição. Pensava na glória e no filho; prestava grande atenção ao seu aspecto exterior. Os criados, os cavalos, os seus uniformes — tinha sido promovido a tenente e recebido uma fortuna do senhor de La Mole — tinham toda a aparência de pertencer a um bom fidalgo de linhagem.

Foi neste momento de desvaire da ambição que uma carta de Matilde o chamou, repentinamente a Paris. Paris a toda a brida, devorado por terrível inquietação. No caminho encontrou Matilde. A verdade apareceu-lhe, então, nítida. Nítida e cruel. A senhora Rênal escrevera ao marquês uma carta violenta em que desmascarava Julião e o apontava como o sedutor interesseiro cujo unico objecto é

Borges Carneiro ao penetrar no mundo da cultura, cheio de generosidade juvenil, encontrara-o nas mãos do intendente Pina Manique. Era, de facto, Pina Manique quem tinha a primeira palavra em questões de saber se isto ou aquilo convinha ou não convinha á cultura portuguesa. Em todos estes assuntos o chefe da Polícia de D. Maria I era uma verdadeira sumidade: a História é que não soube compreender-lo: deu mais fama e proveito a tudo quanto não era do agrado do zeloso perseguidor de jacobinos. E o pior é que já no seu tempo se praticava tão feia injustiça para com a obra que estava realizando: os jovens da geração de Borges Carneiro, desprezando os apopléticos conselhos de Manique, ás escondidas, á luz adejante das candéas, mergulhavam a fundo num mundo novo que lhes vinha de França e de Inglaterra. Os liberais britânicos e

reaccionária — apresentam-se como defensoras da tradição, como defensoras do nacionalismo. Mas trata-se de duas linguagens diferentes. O tradicionalismo aristocrata fala em nome dos bons privilégios feudais que permitiam á nobreza viver no fausto e simultaneamente no parasitismo; o seu Eden terreal, onde todo o fidalgo europeu despejava os olhos cobiçosos, era o redondo de valzas da corte de Viena. Quando falavam em nação, quando ericavam as suas revoltas barrocas contra os monstros jacobinos, era

sóme em q João regim peitos nhor oport naram ram assim se de ou s tra: do s da do

O CIDADÃO BOR

Por AUGUSTO

os enciclopedistas franceses ofereciam-lhes um vasto arsenal teórico cuja eficiência prática amplamente ficara demonstrada na luta contra o absolutismo monárquico-feudal e na vitória das revoluções burguesas.

Começava por essa altura um dos mais pasmosos períodos da História das ideias. O nacionalismo, sob cujos auspícios se ia desenvolver a maior parte das revoluções burguesas de finais do século XVIII e primeiras décadas do seguinte, ia servir de bandeira aos demagogos absolutistas da Santa Aliança: José de Maistre, Gentz, Bonald, etc., acérrimos defensores da aristocracia feudal desciam á praça a dar vivas á nação — entidade que o feudalismo não compreendia — e a exilar, em nome de tão imprevisto nacionalismo, todos quantos não lessem pela mesma cartilha, todos quantos estivessem dispostos a acabar com o absolutismo, todos quantos metessem ombros á construção de um mundo novo que nada tinha que ver com o «Antigo Regime».

Os dois campos opostos — burguesia revolucionária e nobreza

nas valzas, no «frou-frou» das fraldas das condessas, nos resplandecentes trajes de catatua que estavam sonhando. Tinham razões para isso.

Mas o caso da burguesia era diferente. Em primeiro lugar, quando se abona com as tradições do seu país, essas tradições são revolucionárias — falam das revoltas dos conceelhos medievais contra a nobreza laica ou não; falam da importância dos procuradores do Terceiro Estado nas Cortes medievais. E' assim pensando que Manuel de Borges Carneiro escreve as famosas páginas do seu manifesto («Portugal Regenerado em 1820»):

«Também tu, ó Portugal, não escapaste da universal calamidade... A tua felicidade acabou com as tuas Cortes: a assembleia augusta, que glorificava os reinados dos teus reis, foi substituída por toda a casta de egoístas, inimigos do bem público. As Cortes, em que desde o principio se faziam Leis: em que

da pi e, pa recor aquel Tri te os rante poder motiv -se lo chido obtev convi nem ligar corpe

C

to ce e nu calca venti da n «Wel contr de d ra q norá metá Ao si de id de in lores An mane nume tro l há m sas a nóm ralele (Steí no v um a O

prodi laços inter como vidu serve inter nunc te q preci tirar domi Or cisan «can pcrat the i cont Já ton, ao S mas sen da, i e as de u ao n pequ se a, cão, jovei trial, e m Rivh mori A fron roso Susa pelo mod Cam da t

POSTAL ILUSTRADO

por MANUEL AGRA

Trouxeram-me hoje um braçado de acácias mimosas. Dizem que na encosta de Monsanto já elas começaram a florir suas luzinhas essenciais.

Aleluia!

Sou muito sensível a estas mensagens. Está uma pessoa sofrendo o dia penoso, o dia difícil de esfolar, e de repente, em cifra mimosa, chega-nos o conforto de braço amigo a rodear-nos a cintura, a insinuar horizontes, esperanças, horas claras...

Ainda eu, sou um privilegiado. Mesa brandida, mimos. Uma clareira para estender os olhos até ao mar e depois aí já tudo se torna fácil: sempre aparece uma onda, uma gaivota, uma nuvem, que nos dão montaria e nos levam a correr mundo. E o dia não fica em mim tão cilindrado que me impeça, pelo reino da noite a dentro, de estabelecer testas de ponte com a alegria.

Mas outros! Outros que eu conheço. Outros sobre quem as horas lentas lançam precoces pazadas de terra. Esses a quem o destino próximo indefere os mais humildes requerimentos. E são milhares, esses tais dispersos na Terra a esta hora! Pois bem, a eles gostaria eu de mandar por oferta este braçado de acácias ardentes que me entrou hoje em casa. A eles, para que ouvissem o grito feliz:

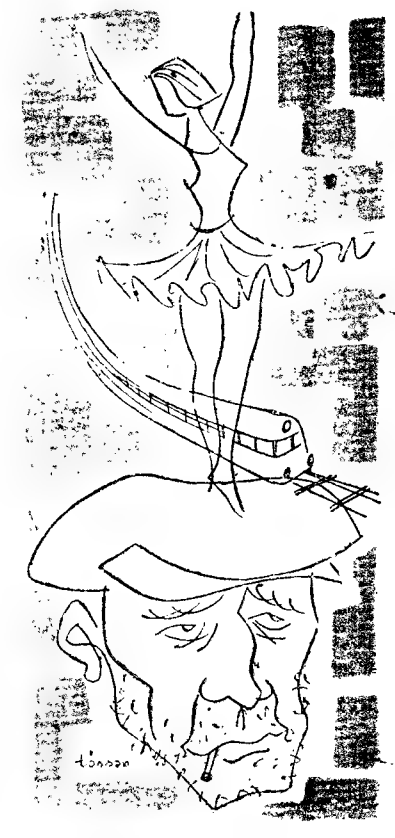
— Aleluia!

Para que ouvissem — para que confiassem.

O «rápido» das 10 passou com um fragor demoníaco. E nada mais que uma sombra, um gesto que não chegou a esboçar-se...

Bem mais real, bem de presença mais provada, a inquietação que após ele ficou. A noite já não parece a mesma de há pouco. Como de facto. A sombra veloz estilhou-a, os milhões de bocadinhos embaraçam-se dentro de mim, figuram de puzzle em busca de harmonia...

Estou fatigado de pensar, de laborar. Apetecia-me, espera aí, apetecia-me talvez não estar esperando por alguém. Ir por aí, á procura de não haver deformidades, onde uma pétala fosse amá-la e a vida fosse agradecê-la!



QUOTIDIANA IGAL NO SEC. XIX

como se podiam criar tributos; em que se impunham ao Senhor D. João I condições essenciais ao bom regime do Reino; em que com respeitosa liberdade se faziam ao Senhor D. Afonso IV advertências oportunas, estas Cortes, digo, se tornaram inteiramente suplicantes; foram somente convocadas quando assim aprouve aos cortesãos; não se deram respostas às suas petições, ou somente respostas indecisas; outras se lhes deram somente passados seis anos. Criou-se depois a Junta dos Três Estados, vão summiário

BORGES CARNEIRO

UGUSTO DA COSTA DIAS

da primeira representação nacional e, para que desta se apagasse até a recordação, se extinguiu enfim aquela Junta.

Triunfaram então por toda a parte os validos, gente viciosa e ignorante, interessados defensores do poder despótico. Fizeram-se leis por motivos particulares, e revogaram-se logo que estes se tinham preenchido; cada corporação do Estado obteve para si as que melhor lhe convinham, sem preceder discussão, nem se guardar o nexo que deve ligar todos os membros de um só corpo; mudaram-se, alteraram-se

só rasgo de pena destruir todo o comércio e industria portuguesa.

A burguesia quando falava, pois, em tradição fazia do passado uma ideia muito diferente da dos adversários. Estes alucinavam-na (na sua denigração nacionalista) de «estrangridades», mas esquecia-se de que ia procurar fora os teóricos em que se defendesse. Lá o diz Borges Carneiro: «projectos de economia politica mal traduzidos de autores franceses». Não eram a bem dizer traduções, mas adaptações: as valas de Viena ou de Versalhes no tempo de Versalhes, com diferentes das do Palácio de Queluz.

(CONTINUA)

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

O PLANETA KOSTUR

UM PASSEIO INESPERADO NO ESPAÇO

por DIÓGENES

põe e Deus dispõe!

Contava eu, no dia seguinte à minha chegada a Posytion, iniciar o meu contacto profundo com os Positivenses e afinal propor-lhes-me um passeio inesperado a Kostur, planeta que dista de Posytion apenas dois dias de viagem num foguetão de quatro pisos. Quem me convidou foi um jovem casal de bacharéis em Boa Vontade pela escola de Pacifico Convívio de Posyt, uma espécie de cidade universitária deste planeta. Aceitei. Eles tinham-me dito: «Venha, que é uma viagem de grande significado espiritual. Não deve haver mais planeta algum com tão estranha civilização. Temos lá um grande Amigo, embora o Kostur esteja muito mal servido de transportes».

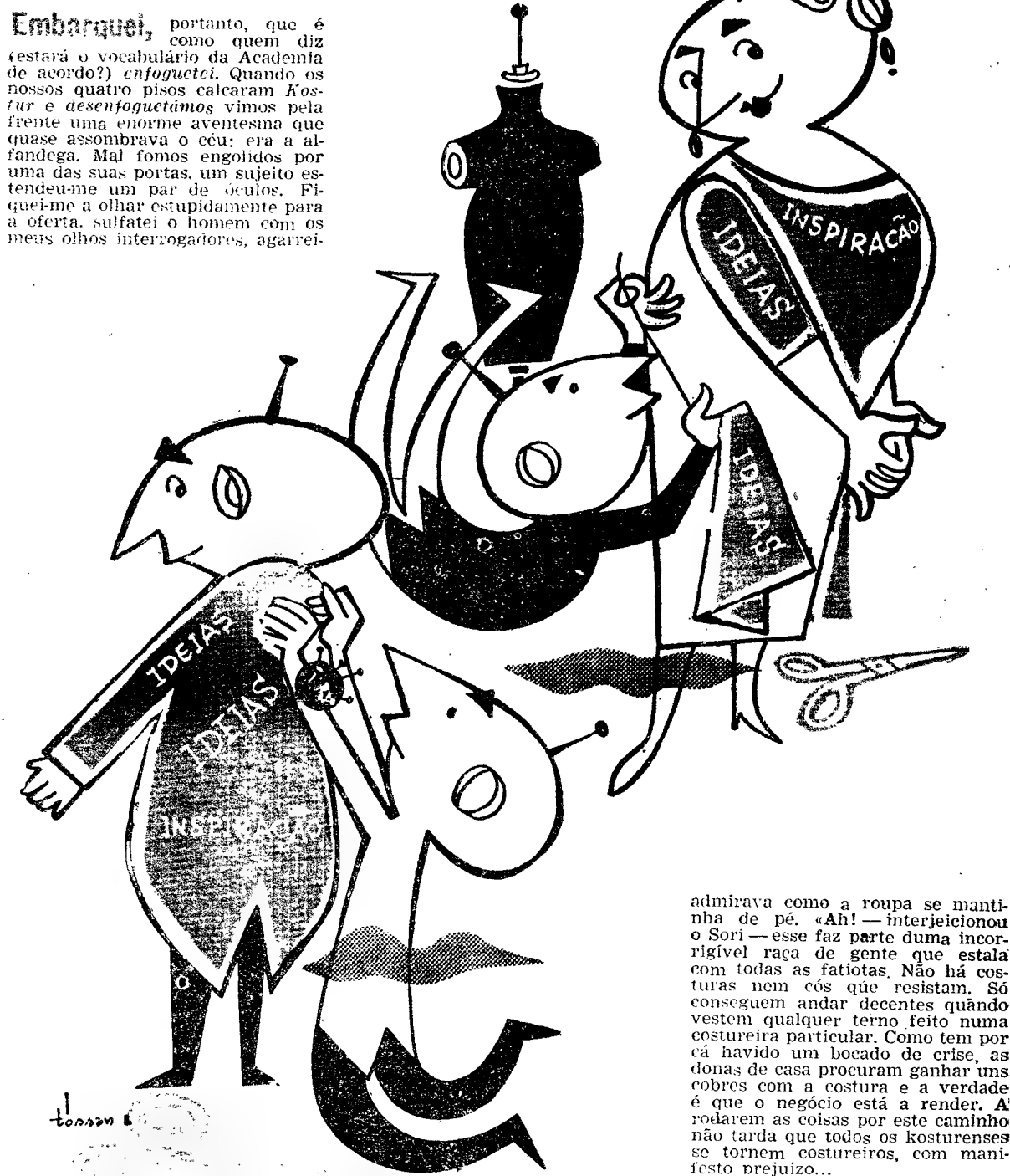
nas pessoas que me passavam pela frente e pelos lados. E nunca vira fatos assim! Ao ar livre, perguntei a Sori, o meu companheiro positivense, o que era aquilo. Sori, sorriu-se. «Extraordinária coisa! —

temperou a Lity — Mas aqui é que se revela outra curiosíssima característica de Kostur. O Governo criou, para bem de todos os kosturenses, o Grande Conselho do Trajo e Alta-Costura: fornece todos os alfaiates que o planeta necessita, dita as modas mais sábias, delicadamente ajustadas ao corpo como luvas».

prefaciou com ares cabalísticos. — Os Kosturenses são o povo mais intelectual do Cosmos. As ideias não as trazem no laboratório escondido do cérebro: vestem-nas, tra-

«Mas aquele?» — vissei eu com o dedo um sujeito gordo, com o bondoso ar de pároco de aldeia. Tinha a roupa toda a estalar nas costuras, nos coses, nos cotovelos, no ventre, nas joelheiras, debaixo dos braços — até

Embarquei, portanto, que é como quem diz (estará o vocabulário da Academia de acordo?) enfoguetei. Quando os nossos quatro pisos calcaram Kostur e desentoguetámos vimos pela frente uma enorme avetensma que quase assombrava o céu: era a alfandega. Mal fomos engolidos por uma das suas portas, um sujeito estendeu-me um par de óculos. Fiquei-me a olhar estupidamente para a oferta, sulfatei o homem com os meus olhos interrogadores, agarrei-



admirava como a roupa se mantinha de pé. «Ah! — interjeicionou o Sori — esse faz parte duma incorrigível raça de gente que estala com todas as fatiotas. Não há costuras nem coses que resistam. Só conseguem andar decentes quando vestem qualquer terno feito numa costureira particular. Como tem por cá havido um bocado de crise, as donas de casa procuram ganhar uns cobres com a costura e a verdade é que o negócio está a render. A rodarem as coisas por este caminho não tarda que todos os kosturenses se tornem costureiros, com manifesto prejuízo...»

— interrompi eu infantilmente. — que tipo mais bem caçado! — «Oh! — aplaudiram os meus companheiros — é o nosso querido Mob, o nosso Amigo de Kostur!» Nessa altura já Mob gingava elasticamente na nossa direcção, dentro das suas largas vestes.

hoje por aqui. Já sofri demasiadas comoções.

FEIRAS, FESTAS E ROMARIAS A REALIZAR NO MÊS DE FEVEREIRO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Fevereiro, a feira, festas e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

Feira de São Matias, nos dias 24 de Fevereiro a 10 de Março.

MESSINES-ALTB — Festas do Carnaval, nos dias 8 a 10,

me desesperadamente com os mesmos olhos interrogadores aos meus Amigos. «E? o pasaporte — disse Lity, a jovem — Afivele-o!»

E que estranha mudança! Todas as esquinhas se transformaram, como por encanto, em curvas acomodaticias; as cores variadas da Natureza reduziam-se ao cor-de-rosa. «Ah! — desapeitei eu sem querer — tudo cor-de-rosa! Porque é que é tudo cor-de-rosa?». Ao lado, um contrabaixo soou, erudito: «Não sabe que o cor-de-rosa, conforme o demonstrou Niutão, é a síntese de todas as cores?». Cooei a cabeça, amaldiçoei o liceu e todas as velharias que tinha aprendido e segui os meus Amigos.

havia uma estranha identidade no vestir,

cheiram mal? — perguntei eu com esta ingenuidade de jumento que já caíra no gota a minha avó. «Não! — descarregou Lity — são de plástico lavável. Só não podem ir ao lume. Mas em Kostur não há lume, não há fogo. «Eu estava — porque não hei-de confessá-lo? — verdadeiramente descoroado. De repente caí nos transeuntes outra esquisita particularidade: vestiam com o mesmo corte imperável, o mesmo rigor da moda.

— desentupi interessadíssimo. — Aqui toda a gente gosta de seguir a moda da Terra! — Toda, é como quem diz

Crónica de Londres

(Continuação da 1.ª página)

to cedo, no seu desprezo pelo meio e numa ambição injustamente recalcada, uma larga camada da juventude, particularmente oriunda da nova classe média criada pelo «Welfare State». Também ela encontra, a partir de certo momento de dignificação social, uma barreira que se traduz no limite dos honorários que lhe oferecem e numa meta intransponível de promoção. Ao seu desejo de acção, à sua ansia de ideal opõem-se uma fria muralha de indiferença e um código de valores que deixou de ser o seu.

Amis criou, portanto, um tipo romanesco que afunda as suas raízes numa certa zona do real. Por outro lado foi reacivar a tradição de há muito perdida nas letras inglesas da novela picaresca. É um fenómeno curioso que tem o seu paralelo na ficção norte-americana (Steinbeck, Caldwell), em especial no vadio, ou «bum», que se tornou um dos seus heróis preferidos.

O picaresco surge não só como um produto de certo desmoronamento dos laços sociais, de certa desagregação interna da sociedade, mas também como o protesto anárquico do indivíduo contra o meio. A sua revolta serve unicamente os seus próprios interesses e encarna com bonomia, nunca isenta de astúcia, o ambiente que o cerca e que só busca compreender na medida em que saiba tirar dele a lição necessária para o dominar.

Ora o herói de Amis reflecte precisamente esta atitude, mas na sua «carreira» todos os actos estão temperados de uma subtil ironia, que lhe não deixa remorsos, antes pelo contrário!

Já outro é o caso de Joe Lampton, o protagonista de «Um Lugar ao Sol» (1957). Filho de operários mas só hesita porque o prende o seu amor por outra mulher. Casado, infeliz com a fricção do marido e as suas constantes traições, mais de um burgo fuliginoso do Norte, ao mudar de emprego e de cidade, onde lhe é dado contactar com a pequena burguesia local, sente que se aplaina o caminho da sua ambição. Ele polariza-se desde logo na jovem herdeira de um rico industrial, uma loirinha bonita, ingénua e mimada, com um bronzado da Riviera, um carro «esport» e uma moradia luxuosa no alto da colina.

A luta não é fácil, pois ele defronta um rival incómodo e poderoso e a oposição da família de Susana, que a força a uma viagem pelo estrangeiro. Ameaçado na sua modesta posição de funcionário da Câmara Municipal pelos proceres da terra, julga ter perdido o jogo,

velha do que o amante, tomada na sua beleza, ele deixase arrastar numa paixão que o paraíso encontrado de tudo o que não teve.

Um breve idílio num «cottage» em Dorset fixará como uma insua de felicidade até que o regresso da namorada Susana o orde de novo a ambição de Lampton.

A relação dos dois amantes é descrita com finura e penetrante observação psicológica. O autor dá-nos com segurança e rigor, com uma forte sinceridade despidida de pruridos puritanos, o conflito de sentimentos e o brasão das paixões. A crítica inglesa não escapou a originalidade do tom, tendo havido quem sugerisse o paralelo com D. H. Lawrence.

Todavia contra este amor conluiram o capricho de um marido rico que se recusa ao divórcio, a pobreza da mulher, e, acima de tudo, os sonhos de grandeza de Lampton, que seduz a ingénua Susana e se vê negociar um casamento para abafar o escândalo da paternidade.

Para a mulher que o amou a ruptura tem dramáticas consequências num suicídio de automóvel e o preço da ambição é amargo e pungente para o próprio Lampton, narrador irónico de todos estes lamentáveis acontecimentos.

Escreto por vezes com raiva contra os detentores da riqueza, o livro não apela para a piedade do leitor em relação ao protagonista. Tal como em Kingsley Amis, o capitalista de Braine não deixa tão pouco de admirar a manha e a energia deste filho-de-ninguém, embora constrangido, entende que não fez um mau contrato.

Dá que pensar que na Inglaterra de 1959 duas obras de vanguarda revelem uma directa preocupação com o problema de «classes» e proponham até, sob o véu da fantasia artística, uma solução descaradamente cínica à mocidade que enfileira nesta revolta espiritual.

A satisfação dos sonhos de um amanuense qualquer ou de um pobre diabo maltratado pela sorte depende agora apenas de uma oportunidade, que de tão idealizada é incorrigivelmente romantizada — a filha do patrão!

...De modo que, meu rapaz, se queres um lugar ao sol nesta gloriosa e imperial Inglaterra, seduz a filha do teu patrão, empalpa a noiva do teu amigo, ou inimigo, e como ela no fim acabará sempre por te gramar aos molinhos, goza-me essa choruda felicidade e arasta-a pelos salões, pelos clubes e pela Corte...

Janeiro, 1959.

LUIS DE SOUSA REBELO

FUTURA MÃ

NADA DE SUPER-ALIMENTAÇÃO — (1)

Por MARIA CAROLINA FREITAS

A mulher grávida vale por dois — é muito vulgar ouvir-se dizer. Por dois, talvez, mas nunca por quatro.

O novo ser que se anima nela, que se desenvolve e se alimenta dela, exige uma razão alimentar própria? Para as necessidades novas, assim criadas, é preciso prever uma segunda razão?

Não, se a grávida deve comer «para» dois, não quer dizer que coma «por» dois. A sistemática super-alimentação mostra-se perigosa; os trabalhos dietéticos modernos, constantemente confirmam esta verdade. As substâncias nutritivas indispensáveis ao desenvolvimento do feto impõem-se mais pelo seu valor qualitativo que pelo quantitativo. Por isso é necessário, indispensável mesmo, conhecê-los bem a fim de os consumir judiciosamente. Uma grande alegria recompensa este conhecimento dietético: a saúde do futuro filho!

As necessidades alimentares da

mulher grávida não aparecem muito superiores, em calorías, às da mulher não grávida. Uma ração habitual na base de 2.600 a 2.800 calorías por dia devem aumentar de 2.700 a 2.950 diárias, no decorrer dos quatro primeiros meses; e de 2.900 a 3.200 até ao parto, para assegurar uma gravidez bem equilibrada.

De onde vem esta moderação de necessidades?

O estudo dos mecanismos nutricionais mostrou que, na mulher grávida, há um nítido aumento do poder de assimilação alimentar. Por outras palavras, isto quer dizer que a mesma quantidade de alimento produz muito mais calorías em período de gravidez que normalmente. Este melhor rendimento energético, de carácter puramente fisiológico, provém, certamente, de estímulos hormonais intensos próprios dos fenómenos de gestação.

Como em todo o regime alimentar impõe-se um equilíbrio entre os três principais elementos nutritivos: vitaminas, açúcares e gorduras. Quanto a estas últimas, o feto é capaz de sintetizar sozinho a partir da glucose, a sua ração de lípidos; por isso, a ração maternal em gorduras não tem necessidade de ser excessiva, muito pelo contrário.

A criança constroi-se com «cal e ferro»... O leite contém muito pouco ferro, por isso a criança desde que nasce até ser desmamada, deve, sem cessar, deitar mão das reservas que o fígado armazenou durante o período de gestação. Sem ferro, não há hemoglobina, nem uma oxigenação capaz podendo ir até à anemia. É, pois, a mãe que cabe assegurar o «stock» de ferro da criança. Muitos são os alimentos que contêm riqueza apreciável deste elemento tão importante: as lentilhas, favas, flocos de aveia e fígado de vitela. Também durante a sua vida intra-uterina, a criança absorve 40 a 50 gramas de cálcio! Para assegurar tal exigência, a mãe deve vigiar a sua alimentação baseando-a no leite, queijo, germe de trigo; e uma harmoniosa associação vitamínica que assegure a fixação do cálcio. Se a criança não encontra este equilíbrio, lança mão do cálcio da mãe e aí temos os casos tão vulgares de descalcificação das grávidas, como por exemplo as cáries dentárias. E se ela se apresenta a criança, mesmo sobrecarregada de cálcio após o nascimento, arrisca-se, também, a tê-las.

SAIBA COMER

REUMATICO

SAIBA COMER

O gotoso, como o reumático deve, sobretudo, evitar os excessos alimentares. Todos aqueles que têm tendência para «fazer» cálculos ou mesmo apenas depósitos nos canais biliares ou nas vias urinárias sabem perfeitamente quanto custa um desvio no regime — mais ou menos gravemente, uma crise dolorosa surge, no dia seguinte.

Para evitar estas crises, há que seguir um regime prudente.

Para este regime, devemos conside-

ja, licores, aperitivos, alcool, chocolate; ovos cozidos, pimenta, mostarda, pepinos, molhos puxados, molhos com vinho, caldos gordos.

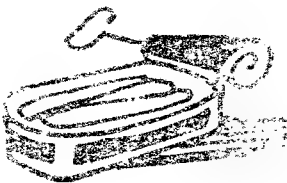
Entre os segundos, podemos incluir:



porco magro, coelho, perdiz não retardada; pão fresco, legumes frescos, salsa, ervilhas, tomate, nabos, rabanetes, cerejas ácidas, cerveja fraca, cidra, café fraco, sumo de tomate; vinagre de vinho, limão, cebola, molho de tomate.

Entre os terceiros, incluímos: presunto magro, carne de vaca, de carneiro uma vez por dia e bem cozida, peixe magro, frutas, solhas, cadoz; pão torrado, biscoitos, pastas alimentares, arroz, sêmola; iogurte, queijo fresco ou pouco fermentado, batatas, saladas, cenouras, melão, pêssegos, damascos, alperches, peras, uvas, maçãs cozidas, compotas e

doces, marmeladas; manteiga crua, óleo vegetal em pequenas quantidades; vinhos do tipo Bordeus com água, sumos de frutas, chá muito fraco; ovos frescos em pequenas quantidades, sal, molho Bechamel ou branco, sopas magras e de legumes.



rar: alimentos que devem ser banidos, os que podem ser usados com restrição e aqueles que não representam perigo algum.

Entre os primeiros, temos: todas as charcutarias, os moluscos de qualquer espécie, carne de carneiro, cabra, cabeça de vitela, caça retardada, peixe gordo, crustáceos; pão quente, pão de centeio, pastelaria com gordura, queijos fermentados; azedas, espinafres, pimentos verdes, espargos, cogumelos, trufas; gro-



selhas, nozes, avelãs, amendoas, amendoim, gorduras cozidas ou fritas; chocolate, vinho puro, champanhe, cerve-



RECEITAS DE URGÊNCIA



3 RECEITAS PARA OS REUMATICOS

GRATIN DE PRESUNTO

Fazer um refogado de cebola finamente picada, em manteiga ou margarina; vinte minutos depois deite dentro uma colher de sopa

de farinha, deixar cozer, deite leite emexa bem. Logo que a mistura atinja uma consistência cremosa, deite bocadinhos de presunto cozido e ponha num prato de ir ao forno. Polvilhe com pão ralado e queijo igualmente ralado, montinhos de manteiga e meta no forno, apenas durante dez minutos.

SOPA DE ALHO

Coza em água salgada, três batatas, um dente de alho, duas cebo-

lhas, nozes, avelãs, amendoas, amendoim, gorduras cozidas ou fritas; chocolate, vinho puro, champanhe, cerve-

MAÇAS REINETAS RECHEADAS

Corte em duas, maçãs grandes não peladas; escave a parte central, deixando uma calote de um centímetro de espessura. A parte tirada pode ser feita em compota (basta cozer com um pouco de açúcar); cortar finamente alguns fru-

tos cristalizados; esmagar bananas bem maduras e ligar tudo com duas gemas de ovos. Açucarar e encher as calotes; colocá-las num prato de ir ao forno e deixar cozer, brandamente, durante um quarto de hora. Retirar o prato do forno, e cobrir cada maçã com um pouco de clara em neve e açúcarada. Meter no forno ainda uns vinte minutos. Servir frio.

Pergunte... pergunte.

Onde se encontram as vitaminas — na pele ou na polpa dos frutos?

Nos legumes e nos frutos, as partes coradas são as mais vitaminadas. E, por isso errado não consumir as folhas escuras da alface, preferindo as brancas para a salada.

Pela mesma razão, é preferível consumir frutos com pele, lavados e enxutos, em vez de os descascar. Regra geral, quanto mais ácido é o fruto, mais quantidade de vitamina C contém, e melhor ele se conserva (laranjas e limões).

Os legumes e os frutos que não sofrem cozedura são muito mais ricos em vitaminas que os cozidos. Por isso, é necessário consumir legumes crus, saladas, tomates e legumes raspados e frutos frescos.



para o prazer

dum bom café

o prazer

da

AGUARDENTE

VELHÍSSIMA

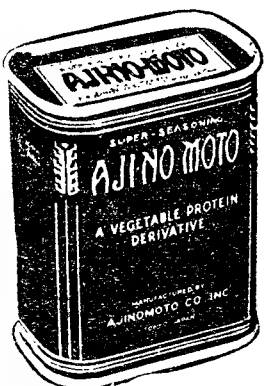


bebe

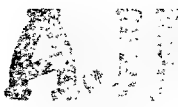
e torna a beber

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNDITER
INTERCAMBIO MUNDIAL
DE COMÉRCIO, S. A. R. L.
LISBOA * PORTO

NOVA EMBALAGEM



POR 20\$00
VAI ENCHER
1 VEZES
(QUATRO)
O SEU FRASCO
DE



TÃO NECESSÁRIO COMO O SAL NA COMIDA

(Continuação da 1.ª página)

BILHETES PAUL S. ANOS

mente dentro de uma jaula, admitindo o que está para além das grades da sua prisão.

Detenho-me na observação da mulher semimua do magazine. Sexo: caminho, princípio e explicação do amor. Que sei acerca do amor? Nada. Como nada sabiam D. Juan e Tristão, Shakespeare e Cervantes, Goethe ou Stendhal, a legião dos que o viveram e a legião dos que debalde tentaram explicá-lo. Contudo, haverá sempre homens cuja existência se processará em função do amor ou do sexo ou de ambos. Wilde e Gide, dois dos muitos que tentaram ultrapassar fronteiras proibidas, falharam sem che-

gar a conclusão alguma. A explicação fugiu sempre adiante deles. Freud, na teoria, e a mais lúcida e experimentada das certezas, na prática, não vão longe na compreensão da fenomenologia do amor.

Pego no programa de teatro. Leio alguns nomes: Brecht, Ionesco, Anouilh, Ibsen, Molière. Todo um mundo hermético. Uma palavra exprime a razão da vida de todos eles, aquilo que os justificou ou justificou: arte! Um sem numero de definições mas algo de comum na atitude perante a existência na busca do essencial, na procura do inatingível.

A Revista de Antropologia traz-me á lembrança que há homens que vivem para o estudo e para a percepção do Homem. Abro o volume ao acaso e depara-se-me um artigo de um etnógrafo alemão sobre o culto dos antepassados entre os indígenas de uma tribo perdida nas florestas da Amazonia Oriental. O regresso ás origens, o encontro do homem da idade do átomo com o seu antepassado neolítico. Um sabe explicar muita coisa acessória, o outro mal consegue exprimir-se. Mas apesar dos abismos aparentes que os separam, estão bem próximos um do outro e o primeiro descobrirá muito pouco de fundamental ao pesquisar o seu passado no segundo. Uma vida inteira não lhe trará a resposta a nenhuma das grandes perguntas que lhe acodem ao espirito.

* * *

Nada sei — repito — acerca do amor, como nada sei de história, de filosofia ou de astronáutica. Mas sinto pulsar em mim o desejo irrealizável de consagrar a cada uma delas toda uma existência. Um desejo que arrasta consigo o anti-desejo. Admiro um Toynbee, um Engels, um Greco. Quisera poder mover-me com facilidade dentro do campo da sociologia e da etnografia, entender o seu sentido profun-

do. Mas logo reconheço tratar-se de uma aspiração poética, pois toda a minha estrutura íntima me negaria a consecução de um tal objectivo. Creio que a frustração que me marca se acentuaria ainda mais se acaso me tivesse especializado. Quando admiro, sinto em mim o repúdio daquilo que admiro, ou antes a recusa instintiva e imediata da concentração que tornou possível o valor da pessoa ou da obra em causa. Curvo-me, por exemplo, perante Sartre mas não gostaria de olhar o Mundo pelos olhos de Sartre. Apesar das perspectivas imensas que se abriam perante mim, tudo se tornaria ainda mais pequeno e mais cinzento. Passaria a viver no quarto de «Le Mur». Prefiro uma superficialidade mediocre, mas aberta a tudo o que me rodeia a

por
MIGUEL URBANO RODRIGUES

uma profundidade localizada. Reconheço que estou errado, mas só assim me posso sentir homem e síntese do Homem. De outro modo, faltaria-me a emoção fácil das sangrentas corridas de touros, as horas perdidas esterilmente, o prazer inebriante das galopadas em noites de luar, a certeza de que me interessaria atravessar a floresta amazónica ou os desertos da Mongolia, perderia o gosto por muita coisa que, sendo superflua, inútil, inviável e nociva a toda a actividade séria e construtiva, é, para mim, vida e essência.

A medida que os anos passam, radica-se em mim a convicção de que nada farei nem como contemplativo, nem como homem de acção. Como espectador ficaria sempre saudosos da realização; mas uma existência movimentada e plena de imprevisto deixar-me-ia uma sau-

dade triste do trabalho repousado e válido do sedentário estudioso. Entre as minhas recordações indeleveis contam-se as que me deixou a leitura do «Crime e Castigo» e da «Peregrinação». Tinha ao tempo 16 anos. Na minha ingenuidade e na ilusão que alimentamos na adolescência de que a vida tudo nos permitiria mais tarde (um *mais tarde* que adiamos até á hora da inevitável crise que nos coloca perante a nossa pequenez) pensei que não me seria difícil imitar um e o outro. Escrever um livro tão bom como a obra-prima de Dostoiévski e viver emoções tão fortes e conhecer ambientes tão exóticos como Fernão Mendes Pinto — eis o programa que traçara. Só com o rodar dos lustros vim a compreender até que ponto eram intransponíveis certas fronteiras que á primeira vista pareciam fáceis de vencer. Consolou-me, já moço, a certeza de que na busca de si próprios, no afã de realização, nem o escritor russo nem o aventureiro português estiveram mais próximos da meta almejada do que a minha insignificante pessoa. O esforço de ambos para se encontrarem, para descobrirem um sentido na vida não terá sido maior do que o meu. As perspectivas, a dimensão de qualquer deles, essas sim que eram diferentes e maiores. A angustia do mediocre é, por vezes, muito semelhante á do homem excepcional. Acontece apenas que o segundo se conforma mais rapidamente até porque tem uma mais exacta noção da sua impotência e interpreta e percebe melhor o que se passa em si.

Para mim, o irremediável seria uma coisa só, um horizonte sempre igual, a «perfeição» relativa num sector limitado. Daí a obsessão de uma renovação constante, a busca continua e febril de uma espécie de felicidade cujo encontro me tornaria imediatamente infeliz, daí o desejo vago de ser sempre o que

não posso ser; daí o desgosto de nada saber e a certeza de que seria pior se algo soubesse.

Que me move afinal na vida da qual nada espero e á qual nada peço? Tudo me parece belo e apesar disso tudo recusaria como opção, como entrega total e exclusiva: amor, arte, pensamento, acção. Que procuro pois? Não sei. Creio que não procuro coisa alguma. Nem sequer o sofrimento, que, se contribui para nos conferir uma nova dimensão, aproximando-nos do absoluto, nos traz também a saudade da quietude, dos dias sempre iguais, irremediavelmente iguais. Talvez lute apenas para justificar uma existência banalíssima. Problema que é afinal de todo o homem, luta quase biológica que se processa mais em decorrência do instinto do que da razão. Sim, creio não me enganar, é uma justificação de passagem que persigo sem entusiasmo, mas também sem revolta.

A vida é de facto bela em si, mas nós não podemos usufruir dessa beleza. Não o conseguiríamos mesmo que fossemos imortais. Ela escapa-nos. É como que uma quarta dimensão que nos envolve. Eu, como os demais, caminho através dela, apercebo-me da sua presença imanente, mas não sou tocado pela sua graça. E para passar o tempo, para não ser esmagado pelo absurdo, luto como posso e sei pelos que ainda enxergam menos do que eu e se desconhecem mais.

Por tudo isso, vou principiar a escrever o artigo sobre política; o artigo ora sereno, ora exaltado, ora irónico, ora solene e sempre fastidioso. Por uma questão de coerência devo fazê-lo, tenho que o fazer. É uma forma de justificação. Não importa que para prestar pobre e infimo serviço ao meu semelhante seja forçado a alinhar ideias mediocres. Ser útil através da sua própria mediocridade é confrangedor. Mas necessário. Justifico-me como posso; como o médico que opera um doente; como o astronauta que lança um satélite nos espaços siderais; como o sapateiro que remenda um par de sapatos...

POSTAL ILUSTRADO

(Continuação da página central)

clama na voz grossa que subitamente ganhou uma doce inclinação:

Airinhos, airinhos, aires.
airinhos da minha terra.
Airinhos, airinhos, aires
airinhos, levai-me a ela!

Onde li eu já isto? Por certo que já li, o coração deu-me sinal, não me engana. Ou espera... Ou seria ter ouvido, alguma canção? Ouço uma voz cristalina, mas essa voz cristalina não me lembro dela em lugar nenhum marcado e em nenhuma boca certa.

A revelação veio como um deslumbramento: Rosália de Castro, a que também disse:

«cróhme unha espesa nube
tal preñada de tormentas
tal de soidás preñada
que a minha vida envenena.

...Pobrezinho! Também a ele as «soidás» mortificam e envenenam a vida; também a ele tudo lhe chama «extranxeiro».

Tudo menos os meus olhos e esta sombra vaporosa cuja presença ambos sentimos.

UMA GRANDE NOVIDADE

LITERÁRIA E ARTÍSTICA

Edição de
LIVROS DO BRASIL

leia

(não pode deixar de ler)

VOZES DO SILENCIO

de André Malraux

2.º volume

ainda arriscar-se para salvar, com risco da própria vida, alguém de quem tem as maiores queixas. E não me perguntem porque os mineiros são assim. Só vivendo com eles se pode ajuizar do que são capazes.

Sim, foi numa noite arrepiante de Inverno. Estes homens são crianças grandes que passam a vida entre o trabalho e o vinho, entre pragas e superstições.

A taberna estava cheia... Cheia de mineiros, cheia de fumo e cheia de pragas... O Lucas jogava, a um canto, com três companheiros. Perdeu... Bebeu... Depois, alguém, parece que foi o Pinto, falou na «má hora». A «má hora» é uma alma penada, figura de mulher, vestida de negro, que alta noite, dizem percorrer, as ruas da aldeia. Uma alma penada que vomita peçonha por onde passa, que ensombra casa e vidas.

O Lucas ouvia todas as descrições de ensombramentos, de cotovelos fincados na mesa, as mãos apoiadas na cabeça. De vez em quando atirava um sorriso sinistro. A certa altura levantou-se, pediu mais um copo de vinho, olhou os companheiros num jeito de desprezo:

—Gostava de ver a «má hora».

Com uma das mãos, na algibeira, acariciava o cabo da navalha.

Voltou a sentar-se, voltou a fincar os cotovelos na mesa e a apoiar a cabeça entre as mãos. Parecia indiferente ás falas dos outros.

Um a um os mineiros deixaram a taberna. Um deles aproximou-se do Lucas e perguntou-lhe se não ia para casa.

O Lucas levantou-se, enrolou um cigarro, deu as boas noites ao Pinto e os dois homens partiram.

Um sussurro ondulante lambia a aldeia. O vento era rei absoluto. Atirava-se contra as árvores, zumbia ameaçador. Onde em onde uma pausa, um silêncio de espera que amarfanhava:

Os dois homens atravessaram o adro. As águas da ribeira tinham engrossado com as ultimas cheias e acompanhavam os ruidos do vento atirando-se com furia aos pilares da ponte. Nas aberturas de silêncio os dois homens ouviam o barulho dos seus próprios passos. dilatado.

Meteram por uma vereda a meio do pinhal. Os ruidos dos galhos secos que se desprendiam das árvores, pareciam gargalhadas. A certa altura pararam para se orientar. O Lucas conseguiu encontrar o caminho e o companheiro acendeu um cigarro.

Uma coruja piou... um gemido de mãe ferida...

—Tenho azar com as corujas — disse o Lucas e o outro aproveitou esta confissão para falar novamente na «má hora».

—Cala-te com essa gaita! Nem parece que és homem.

Continuaram por algum tempo calados mas o silêncio era ainda mais enervante do que o zumbido do vento.

O sitio em que os dois homens tomariam caminhos diferentes já estava próximo.

—Tenho lá em casa uma pinga melhor que toda a murrça do Pinto — informou o Lucas.

O outro não respondeu.

—Que dizes a um copo com uma febra de porco?

—E' tarde. Fica para o outro dia.

—Fazes essa desfeita?

—Já te disse que é tarde.

O Lucas em vão procurava convencer o companheiro. Falou-lhe no gosto da carne, teveu ainda mais elogios ao vinho.

A

noite chegava sempre cedo á aldeia.

As casas negras que ficavam á ilharga da mina, ensombradas por três lados pelas abas da serra, cobertas de pinhais, tornavam-se ainda mais negras. A Sul, a nata vicejante dos lameiros estendia-se para a frente, curvava-se num abraço dilatado na orla da montanha e ia estrangular-se numa garganta apertada entre dois penedos cinzentos e altos como dois gigantes.

Era assim o pano de fundo deste povo de mineiros, sempre enevoados pelos fumos das pirites que saturavam o ar dum cheiro acre e doce.

Sempre achei as noites, na mina, dum pavor sem medida. Insondáveis no escuro, tinham unicamente uma vida gritada pelas explosões dos motores, pelo gemer das vagonetas e pelo toque das sereias. Horrível, o toque nocturno das sereias. Suspenso, atira-se ás encostas da serra e volta para trás como praga saída de uma boca crispada de ódio.

Nas ruas torcidas e estreitas nada se vê e nada se ouve. É abafado o ruído dos passos. Só ao fundo do adro se avista um quadrado de luz mortíça. «Quadrado» é mal dito; um rectângulo, sim. Um rectângulo amarelado, a que o fumo faz perder a nitidez dos contornos — a porta da taberna do Pinto. Lá dentro os mineiros gastam em vinho muito dos seus salários. De uma vez perguntei ao Salvador porque se embebedava. Encolheu os ombros, olhou-me de frente e eu fiquei com a certeza de que não tinha sentido a minha pergunta. Caminhámos algum tempo lado a lado. Ele ia de cabeça baixa. A certa altura levantou o foco da lanterna e puxou-me pelo braço para que me desviasse de um atoleiro. O dia não me corra bem. Castigara dois homens. Roubara a cada um meio dia de trabalho. Uma questão de disciplina para os donos da mina, uma forma de vomitar o fel de uma vida cheia de recalamentos, da parte dos mineiros e, quanto a mim, a certeza de que a dignidade não tinha morrido naqueles seres a quem se impunha uma tarefa de degradação. E o castigo fez-me sofrer durante a tarde inteira. Sentir-me ia feliz, imensamente feliz, se alguém

Uma bruma leve e transparente paira sobre a cidade, de modo a velá-la aos nossos olhos, numa recusa de revelação dos seus tesouros.

A famosa estação central, de arquitectura pesada e de mau gosto, construída nos tempos de Mussolini, despeja numerosos estrangeiros, forasteiros, que param hesitantes na escolha de um hotel, do rumo a seguir. Uma rapariga de olhar tímido espera, encostada a malas e maletas. Foi abordada várias vezes já por italianos de todas as idades, desde os jovens de longos cabelos anelados e olhar conquistador, aos homens de meia idade, possuidores de razoável «pancetta». Procuram convencê-la da eficiência do seu auxílio numa grande cidade, como Milão, onde se poderia perder. A jovem tem quase acento dramático na voz ao tentar sorrir e repetir várias vezes «non grazie!». Uma revoadada de amigas chilreantes vem libertá-la daquele suplício.

Milão é uma grande cidade moderna, industrial, com alguns óptimos edifícios de bela arquitectura. As avenidas são largas e espaçosas, mas, de subito, quebra-se a harmonia para surgirem os escombros de velhas casas, ruínas negras da guerra, ainda presente nalguns cantos de Itália. Em Milão há uma intensa actividade teatral: no «Piccolo Teatro» representa-se uma peça de A. Miller, dirigida por Luchino Visconti, o realizador famoso de «senso»; noutro, uma peça de Brecht. O Teatro do Scala, de fachada amarelada e sem qualquer aparato, apresenta um programa escolhido de concertos. Os que vêm atraídos pela fama do «Scala» espantam-se da sua pouca beleza. Mas é no interior que esta se encontra. A sala, onde tantas vezes célebres têm sido ouvidas, é um mimo de graça, nos seus dourados, cornijas, arabescos. Pesados reposteiros de veludo vermelho fecham a boca de cena, e lustres de cristais cintilantes espalham uma luz ofuscante que, em noites de gala, tornam mais valiosos os adereços usados pelas damas elegantes.

Possui o «Scala» um museu importante com gravuras e quadros, representando grandes artistas do teatro lírico, memórias e objectos de notáveis compositores que por ali passaram, como Rossini, Wagner, Liszt, Puccini e outros. Em lugar de destaque o busto de Caruso e o de Eleanora Duse.

Impressões de Itália

MILÃO. «Arrivederci»

Da piazza de Leonardo da Vinci, um dos locais centrais da cidade, segue-se por longas arcarias em que os restaurantes de luxo, «cafés»-concertos e bares, de caprichosa ornamentação, revelam o cuidado dos milaneses em tornarem atraentes os lugares frequentados pelo publico. No fim deste longo corredor de passeio abre-se a piazza Duomo com uma catedral monumental, de estilo gótico. À noite, uma luz apropriada embeleza ainda mais os pináculos, arcos e setas que se voltam para o céu. Ao todo, o monumento possui, fora e dentro, 4.440 estátuas. Foi construído através dos séculos, trabalhando na sua execução artistas italianos, franceses e alemães. Dentro, os arcos em ogiva são todos rendilhados, e existe uma magnífica colecção de vitrais com passagens da bíblia.

Um pouco afastado do centro estende-se o maravilhoso parque Sempione, que é o deleite dos que desejam esquecer a barafunda da cidade. As extensas verduras, as pontes feitas de troncos de árvores entrelaçadas, sobre lagos salpicados de flores brancas e rosadas, são o cenário escolhido pelos jovens para eternizar numa foto, um sorriso, ou uma cena romântica. Uma rapariga de longa trança loura lançada para as costas sentou-se na relva, um pouco arrepiada, e foi desfolhando uma flor enquanto a amiga a focava na atitude sonhadora. Perto do parque ergue-se o castelo Sforzesco de torres largas e sólidas, grandes pátios, onde o antigo duque de Milão reunia a cavalaria da sua guarda. Hoje, na ponte lançada sobre o fosso que rodeia o castelo, inocentes comerciantes vendem bolsinhas para dinheiro com desenhos característicos. Nos pátios ajardinados passeiam muitos pares, há vendedores de «gelati» e um velho, tocando discos sobre uma carripana, recolhe numa lata esmolos dos transeuntes.

A Via de Brera possui uma Pinacoteca que expõe numerosos quadros de famosos pintores; a colecção de arte religiosa é muito completa. Em pequenas banquetas, junto dos quadros, encontram-se, por vezes, artistas que reproduzem em delicadas miniaturas as pinturas de

maior beleza. A curiosidade dos visitantes rodeia estes miniaturistas, mas raros compram tais trabalhos. São os próprios italianos que os adquirem para presentear galantemente as estrangeiras, que se sentem apaixonadas por todas estas maravilhas artísticas. Outro local é objecto de uma visita comovente e enlevada — a igreja de Santa Maria della Grazie, erigida onde a tradição diz ter sido a vinha de Leonardo da Vinci. Apresenta a forma de transição do gótico para o Renascimento de G. Solari, sendo depois ampliada por Bramante. No interior há 3 naves divididas por arcos ogivais sobre colunas, e uma bela decoração a fresco quatorcentista. Perto, encontra-se o «Cenacolo Vinciano» no ex-convento dos Domenicanos. A célebre cena da ceia de Cristo destaca-se na parede do fundo do antigo refectório e defronte está a Crucificação de Montorfano. Leonardo trabalhou nesta obra de 1495 a 1497. Esta pintura, que mantém a mais profunda interpretação do místico acontecimento evangélico, permaneceu miraculosamente ilesa no bombardeamento de 16 de Agosto de 1943, que danificou tão gravemente os claustros próximos e parte da igreja, como o atestam fotografias do acontecimento.

A grande burguesia passeia-se sob as famosas arcarias de Milão, não longe da «piazza del duomo», e dois polícias com dólman branco e calças azuis de risca vermelha, de irrepreensível elegância, passeiam-se também, vigiando a zona chique. Dos «filobus», dos automóveis descem numerosos pares: Elas de vestidos luxuosos com flores presas ao peito ou nos cabelos, eles de fatos claros ou escuros, de impecável corte. As arcarias enchem-se desta multidão perfumada e risonha. Com o acender das luzes abrem-se as portas à evasão, ao sonho e ao devaneio: o «compartir» vermelho e de sabor acre brilha nos copos de cristal fino. E' o aperitivo mais apreciado para abrir o apetite perante os pratos mais requintados da cozinha italiana — «tagliolini alla Ger-

si» ou «piccata con funghia». A acompanhar estas escolhidas refeições há os deliciosos vinhos de Itália, a música e as canções românticas que as orquestras dos grandes «cafés-concertos» derramam sobre os clientes. Como habitualmente, as floristas, de ar murcho e triste, vendem pequenos ramos de mesa em mesa, e tudo se absorve no encanto da hora que passa: as vozes quentes e bem timbradas, o gemer dos violinos, o suave calor de um «Rosée d'Antinori», de um «chianti» ou de um «valpolicella» que põe duas rosetas vermelhas nas faces, o perfume das rosas que vão emurchecendo, tudo contribui para que os olhos brilhem mais, para que os sorrisos sejam mais espontâneos, para que a alegria seja mais comunicativa. Esta animação não acaba ali. A juventude elegante e ruidosa parte para os clubes nocturnos, que têm muitos nomes franceses e ingleses, a fim de passar o resto da noite a dançar, a ouvir mais canções amorosas, a aplaudir as vedetas que se exibem em variados números.

A toda a largura da rua, uma faixa branca com caracteres negros convida os Milaneses a participarem numa importante reunião de crítica de livros e autores; a iluminação das lojas que durou toda a noite extingue-se agora, tornando mais escuros os recantos e ângulos de ruas que conduzem a pontos afastados e ruinosos. Apesar da hora tardia a que fecham os «cafés», restaurantes e bares, observa-se o mais escrupuloso assento na limpeza e arjamento das salas, pois no dia seguinte, logo de manhãzinha, o chão estará polido e brilhante, os metais reluzentes, as cadeiras e mesas devidamente arrumadas e o fumo denso, o cheiro a tabaco, terão desaparecido completamente.

Como em outras cidades, o trabalho começa cedo e os que têm afazeres e ocupações dirigem-se apressados para os meios de transporte que circulam rápidos e os levam aos diversos pontos de Milão. Só os ociosos, os que perderam a noite, os que estão permanentemente

de férias, gozarão do privilégio de se levantarem à hora do almoço.

Ultimo acorde deste concerto viário e sentimental, Milão revestiu-se da nota melancólica das despedidas — ruas humedecidas e céu turvo. — Aquele «café» da esquina, onde um simpático rapaz servia «cappuccini» sempre sorridente, continuará a fazer ouvir as canções napolitanas para prazer dos frequentadores; o pequeno mercado, no cruzamento de duas estreitas ruas, encher-se-á todas as manhãs das frescas e perfumadas flores, que são objecto de galantaria por parte dos Italianos — D. João de arte consumada — e gracioso adorno da coquetaria feminina; o quiosque da pequena piazza Ricordi apresentará todas as manhãs e todas as tardes a surpreendente variedade dos seus jornais e revistas. Todos os pormenores quotidianos, que criam o hábito das pessoas e são as características de um bairro, ficarão a contrapontar outras vidas, depois de nós partirmos. Povo delicado e amável, recebe os visitantes do seu país com um largo sorriso, uma canção nos lábios e um abraço afectuoso. A hora da separação também os entristece, porque se formaram laços de amizade, se descobriram interesses comuns, e ideias semelhantes, apesar da longa distancia entre dois países; o entendimento torna-se fácil quando existe boa vontade de parte a parte, intenção amistosa de conhecer.

Itália não é só a turística, a monumental, a artística, é sobretudo a História antiga e moderna, a Arte de longas tradições, a Cultura em franco progresso. O que seduz e atrai é a sua variedade, a sua riqueza e o contacto humano que nos traz a experiência, a luta, as vicissitudes e as realizações duma nação.

As despedidas são sempre tristes. Deixam uma impressão magoada, uma sensação de perda, uma saudade antecipada do que se conheceu e viveu. Não se pode dizer adeus a tão belas cidades com seu mundo de maravilhas, problemas, acção. A Itália é como um grande Museu, que é preciso visitar muitas vezes para se aprender a lição que em si contém.

A melhor saudação que se lhe pode dirigir no momento da partida é só uma, exprimindo um desejo sinceramente sentido: «Arrivederci Italia, ritornerò presto!».

DULCE REBELO



me esbofeteasse ali mesmo tendo só como testemunhas o mineiro que me acompanhava e o escuro da noite.

Ao chegarmos à porta da casa do Salvador, parei. Ele parou também; contudo não se decidia a entrar.

—Então, não vais para casa?

Só depois de algum tempo respondeu, e com uma pergunta:

—E o senhor engenheiro para onde vai?

—A' taberna do Pinto.

Apetecia-me entrar naquela loja que era para as mulheres dos mineiros uma casa de perdição.

—Se me dá licença eu vou também.

—Posso andar sózinho; nunca tive medo.

Continuei o caminho. O Salvador hesitou algum tempo mas, quando entramos na taberna, fomos lado a lado.

A filha do Pinto, vazava o vinho dum jarro enorme, nos copos dos homens que estavam sentados a um canto da casa. Depois veio dar-me as boas noites. Tem uns olhos que encantam; doces, de uma doçura que queima. Trata mal os mineiros, condescende num ou outro sorriso ambíguo quando atende os capatazes e os chefes das oficinas e para nós é de uma solicitude, de uma humildade impressionantes. Os mineiros vingam-se do seu desprezo pondo a nu um bom rol de amores frustrados dizendo que têm sido de meio mundo, mesmo com aquela cara de santa.

E o homem com quem esteve casada que o diga — insinuava o Salvador.

—Junto do balcão estava um mineiro de Alfaiate. Tinha o braço esquerdo coberto de ligaduras. Perguntei-lhe o que tinha. Não me respondeu e o rosto tingiu-se-lhe de um rubro infantil.

—Senhor engenheiro, não quer ir lá para dentro, para a casa de jantar?

Ao fazer este convite, a filha do Pinto olhou em redor, deu á boca um jeito enfadado e continuou á laia de confidência: — Sempre está lá melhor...

O chefe dos electricistas veio ao nosso encontro. Quis saber como ia a reparação de um dos grupos da central velha. As informações foram pouco precisas, não me satisfizeram.

Voltei a fitar o mineiro do braço entapado. Desviou os olhos, comprometido e o Salvador percebeu a minha intenção:

—Foi o Lucas... Deu-lhe uma facada...

O Lucas? Não me lembrava dele. Foi necessária uma boa soma de pormenores. O nomear do sítio onde morava, da mulher com quem vivia... e mesmo assim nada. Só quando me falaram da sua avareza é que liguei o nome á pessoa de um mineiro baixo, atarracado que tinha fama de perigoso e abria a navalha sempre que não encontrava argumento mais convincente.

Uma noite terrível da aldeia, uma noite de Inverno, uma noite arrepiante. E a coisa começou na taberna do Pinto. Mesmo na taberna do Pinto é que começavam todas as coisas desde o aliciamento dos homens para o trabalho das galerias, ao resto. Neste «resto» tudo pode acontecer, na vida de um homem que passa oito horas debaixo da terra, todos os dias, com uma broca de ar comprimido ou com uma picareta nas mãos, na vida de um homem que respira veneno de manhã até á noite, tudo pode acontecer. Tanto pode render-se de amor ante o olhar prometedo da mulher mais fácil do Mundo, como esfaquear pelas costas o maior amigo, como



CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE

Continuamos sobre o signo dos grandes navegadores. Hoje dedicamos a nossa homenagem ao grande navegador que dois países disputam como herço — a Espanha e a Itália, embora, o consenso geral o considere italiano, natural de Génova. Também já se pretendeu fosse português e chegou-se mesmo a aventurar a hipótese de que seu verdadeiro nome seria Salvador Gonçalves Zarco.

E' verdade que viveu no nosso País, casou com a filha de um navegador português e muito ficou devendo á experiência que ganhou nos nossos meios marítimos. Um dia apresentou a D. João II o seu genial plano de alcançar a Índia pelo Ocidente (o que só Fernão de Magalhães viria a pôr em prática). D. João II e a sua Junta de Cosmógrafos, então profundamente ocupados com o caminho que Bartolomeu Dias fizera entrever com a sua passagem do Cabo da Boa Esperança e a sua chegada ao Indico, rejeitaram e consideraram fantasista o plano do grande Genovês.

Este partiu, então, para Espanha e ao fim de muitos esforços (tal qual viria a suceder com Magalhães) os monarcas do país vizinho acabaram por lhe dar ouvidos. Como sabem, daqui resultou a descoberta do Novo Mundo, a que o navegador, iludido, chamou Índias. Mais tarde, estas «Índias» passaram a chamar-se «Occidentais» por oposição ás verdadeiras, que se chamavam «Orientais». Ao engano do descobridor se deveu também que os habitantes das Américas recebessem o título de «índios».

As respostas devem estar no «JUVENIL» até ao próximo dia 13 de Fevereiro, acompanhadas das informações habituais: nome, morada e data de nascimento dos concorrentes, bem como o seu numero de ficheiro, no caso de já o possuírem.

Devem também indicar os três artigos do nosso Suplemento que mais lhes agradaram esta semana.

Além dos prémios habituais, haverá um prémio especial para o melhor trabalho sobre o grande navegador.



PROBLEMAS DOS JOVENS

A 7.^a ARTE e os perigos

—Que mal há em a gente ir ao cinema?

—Que mal há? repetem e insistem certos jovens tristemente, desesperadamente.

—«Fui ver aquele filme que v. me tinha aconselhado a não ver; não era para a minha idade, embora a lei me permitisse a entrada... fui e afinal não tinha nada de mal!».

Meus amigos, é um assunto um pouco ingrato este de filmes e contra filmes, não é fácil chegar-se a um acordo, porque já notei que cer-

por
João Fernandes dos Santos Mendes
(18 anos)
(AMIGO N.º 1237)

tos jovens geralmente quando se aconselham de poder ver certos filmes, já decidiram dentro de si, ir assistir a eles, qualquer que seja a informação recebida.

Quereis ver, rapidamente, como há filmes que não devemos ver, mesmo que a lei nos permita a entrada.

Há filmes que apresentam problemas que são superiores á nossa idade, para os quais não estamos ainda preparados; geralmente problemas de vida familiar, de amor, de justiça social, de má vida, mau comportamento, etc. Problemas esses que exigem uma preparação e mentalidade de adulto, para serem percebidos e postos no seu verdadeiro lugar.

Um rapaz não é um adulto, e o ser posto de repente, quase brutalmente, diante de certos problemas, pode originar na sua alma sensível danos notáveis, tragicamente irremediáveis.

Reparai num botão de rosa: abre lentamente sob a acção da luz e do calor. Procurai abri-lo com as mãos violentamente; estragá-lo-eis num instante... nunca mais se formará naquele botão a rosa fresca e perfumada.

O mesmo acontece com os rapazes no cinema: o rapaz é uma flor em botão. Cada idade tem os seus problemas. Problemas apresentados na idade juvenil só um jovem é capaz de resolvê-los e por isso um jovem não será capaz de resolver os dos 30 anos, pois estes só devem ser resolvidos e só se percebem aos 30 anos.

Muitas vezes os problemas apresentados não são só antecipados para nós, mas também, e frequentemente mal resolvidos: estão longe da realidade, e infinitamente longe da concepção cristã da vida.

As vezes o filme induz a uma visão demasiado fantasiada e fácil da vida, que é apresentada num caleidoscópio de luz e de cores, de fausto e de riquezas, onde tudo é belo e fácil, onde o amor escorre facilmente, onde a felicidade está ali mesmo á mão, entre ambientes lu-

(Continua na ultima página)

VISTOS PELOS JOVENS

O MEU

me olhos humanos. Sim. Tenho a certeza de que me compreendia. Quando lhe contava os meus sonhos de menina, ele olhava-me tão atentamente, que ainda me incitava mais a falar-lhe.

Eramos inseparáveis. Ele seguia-me para toda a parte e, enquanto eu brincava com as minhas bonecas, sentava-se junto de mim e olhava-me. Depois, deixava-se dormir, e enroscava-se, encostado ás minhas pernas.

Gostava tanto dele, que, quando saía a qualquer parte, automaticamente chamava: «Derruba», «Derruba», venha cá vamos passear».

Em nas ocasiões em que tinha de sair sem ele, já o passeio me parecia mais triste e aborrecido. Quando passeávamos pelas vastas planícies que rodeavam a minha casa de campo, a paisagem, de bela que era, passava a contar com mais o quadro movimentado de uma criança pequena e um cão, maior do que ela, correndo atrás um do outro.

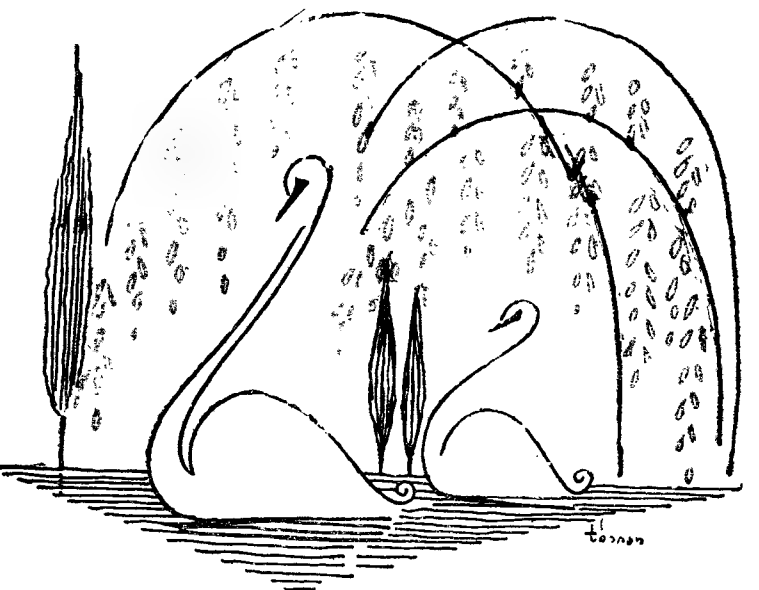
Como já disse, porém, «Derruba» era velho, muito velho, e, muitas vezes chegava a estar doente. Nestas alturas, eu tremia pela sua sorte. Contudo, continuava a viver.

Havia, porém, numa quinta distante alguns quilómetros, um la-



LAGO DOS CISNES

A propósito do tema de Tschaikowsky)



O' grande lago dos cisnes,
Que alegria irreprimível
Oíço dizer ás tuas águas!
Que foi que o vento te disse,
Que promessas loucas te fez,
Quando passou sobre ti?
Que enorme coração livre e feliz
Guardam as tuas sereníssimas águas?
Decerto cantam árias de amor
Os delicados choupos
Quando se vergam sobre ti,
Olhando os ceus nas tuas águas claras
Teus canticos que oíço
São por vezes canticos guerreiros.
Ampos e seguros, de segura esperança

Na vitória e na alegria
Que és, ó lago,
Da beleza e do amor.

Ensina-los tua mãe,
A fecunda terra
Que te guarda, milenária.
Oíço, longe, a tua voz.
De paz e de nostalgia,
A voz da infancia perdida,
Da eterna infancia que há-de acompanyar-me,
Marcando na minha vida o contraste
De uma promessa de esperança.
Até ao dia em que houver cantar
O meu ultimo canto,
— O que aprender
Do cisne que oíço deslizar
Sobre as tuas águas,
Silenciosamente.

Agosto de 1958.

JOSÉ BANDEIRA

me olhos humanos. Sim. Tenho a certeza de que me compreendia. Quando lhe contava os meus sonhos de menina, ele olhava-me tão atentamente, que ainda me incitava mais a falar-lhe.

Eramos inseparáveis. Ele seguia-me para toda a parte e, enquanto eu brincava com as minhas bonecas, sentava-se junto de mim e olhava-me. Depois, deixava-se dormir, e enroscava-se, encostado ás minhas pernas.

Gostava tanto dele, que, quando saía a qualquer parte, automaticamente chamava: «Derruba», «Derruba», venha cá vamos passear».

Em nas ocasiões em que tinha de sair sem ele, já o passeio me parecia mais triste e aborrecido. Quando passeávamos pelas vastas planícies que rodeavam a minha casa de campo, a paisagem, de bela que era, passava a contar com mais o quadro movimentado de uma criança pequena e um cão, maior do que ela, correndo atrás um do outro.

Como já disse, porém, «Derruba» era velho, muito velho, e, muitas vezes chegava a estar doente. Nestas alturas, eu tremia pela sua sorte. Contudo, continuava a viver.

Havia, porém, numa quinta distante alguns quilómetros, um la-

rador, amigo do meu avô, que precisava de um cão para lhe guardar a quinta. O meu avô, como tinha outro, outro de quem eu não gostava, e o «Derruba» já pouco prestimo tinha, resolveu dar-lhe.

O homem não se importou com a velhice do pobre «Derruba», e, um dia, com uma corda grossa á volta do pescoço, o meu amiguinho foi levado a custo para a quinta vizinha.

Nesse momento não sei o que senti...

O coração batia-me tanto, que parecia querer sair-me do peito. Os soluços baralhavam-se-me na garganta, tentando explodir. Sentei-me numa pedra, ao fundo do quintal, porque as pernas tremiam-me de tal maneira que, se não me tivesse sentado, cairia decerto.

Então chorei, como nunca tinha chorado. Foi, sim, o meu primeiro desgosto. Nunca tivera outro, e esse foi tão forte que ainda hoje me fere.

Nunca mais vi o «Derruba», porque uns dias mais tarde ele... morreu. Morreu, tenho a certeza... mais de saudade que de velhice.

Mas não esquecerei nunca aqueles olhos tristes que me fitavam e me compreendiam, e aquela corda grossa que o puxou para a morte...

4 VENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

O mistério da bengala de bambu (*)

Através das paredes da cubata onde os dois amigos foram encerrados, passavam os mil ruidos da grande colmeia que era a aldeia do régulo Kamalo.

— Isto é o que se chama vir um fabiano meter-se na boca do lobo — comentou Basílio. — E o que estará para vir?

— Facilmente se pode prever — retorquiu o famoso detective — Certamente a nossa condição de brancos não será um grande trunfo para nós — e assim, se tens alguns pecados merecedores de inferno, vai-os alijando a ver se ao menos o purgatório te é concedido...

Basílio agastou-se: — Do que eu mais me admiro é como pode o meu amo jogar descontrado com coisas tão sérias...

— Enganaste, meu amigo — esclareceu Pararraios. — Simplesmente procuro aceitar com um sorriso aquilo que nada remedeia ser recebido com lágrimas.

A conversa prometia prolongar-se quando a porta se abriu e Basílio teve de conter-se para não soltar uma praga à moda do Porto. O visitante era nem mais nem menos, Sum Wi. Com um sorriso sardónico, fazia girar na mão hábil a misteriosa Bengala de Bambu...

— Venho apenas despedir-me dos meus jovens amigos — e dobrou uma vénia. — E ao mesmo tempo comunicar-lhes que me dirijo imediatamente para Cuba, onde terei muito prazer em recebê-los. Pigarreou.

— E ao mesmo tempo comunicar-lhes que a vossa execução se efectua esta mesma noite. Quando a Grande Lua atingir o pincaro da Grande Montanha, dar-se-á a vossa Grande Morte.

— Que grande maroto! — exclamou Basílio.

— Quanto á bengalinha, cá vai — prosseguiu Sum Wi. — Aliás, ela a vocês de nada serviria — enquanto a mim me vai dar a glória...

Repetiu a vénia de há pouco: — Felicitades, sagazes detectives!

Saiu, não sem, junto da porta, voltar a dobrar-se até ao chão.

Dois amigos foram levados para a clareira e amarrados ao poste. Basílio não dizia chus nem bus. A Grande Lua boiava no Céu, lembrava um queijo da serra. Um en-

em bando sobre a clareira. Nasce-lhes água na boca, á vista do manjar... Um deles, insofrido, precipitou-se sobre Pararraios, precisamente na altura em que um relâmpago saía do funil. E caiu fulminado no chão...

Um brado de espanto retumbou na clareira. Houve quem, vencido pelo espanto, se prostrasse aos pés do detective. Este aproveitou a ocasião para solicitar que o levas-

nha até ficar com o coiro cabeludo a arder.

Em audiência que Pararraios lhe pediu, este contou-lhe o que significava para a Humanidade aquela pequena bengala de bambu. Quem estivesse na posse dela teria na mão o destino do Mundo, pois decidirá do emprego da máquina de fazer parar o Tempo.

— Nada se pode conceber sem o



Tempo fulminado

sem a presença de Kamalo, ao que o feiticeiro que presidia á cerimónia anuiu.

— Que vai fazer? — inquiriu Basílio. — Dizer-lhe que ainda foi muito magnânimo em não ter lançado fogo á aldeia com o relâmpago do funil?

— Não. Não vou mentir. Nos momentos decisivos, amigo, o meu sistema é outro: dizer a verdade, só a verdade. Não há nada como a verdade para influir nos homens...

— Amen! — respondeu o ajudante. O régulo mostrou-se ao mesmo tempo desconfiado e orgulhoso: — Ignorava estar em presença de brancos com poderes sobrenaturais... — disse.

— Não há nada de sobrenatural — esclareceu o detective. — Todos nós estamos carregados de electricidade. Simplesmente, eu possuo uma carga maior dela.

— Também eu tenho electricidade... na cabeça? — e o régulo sorriu.

— Também. Quer ver? Pediu um bocado de marfim, aproximou-o de pedacinhos de papel sem nenhum resultado.

— Agora esfregue-o na carapinha. Basta. Aproxime-o do papel se quer ver...

Com um pulo ágil, o pedacinho de papel colou-se ao marfim. O régulo, divertido, repetiu a faça-

Tempo — ensinou o detective. — Para se desenvolver, a vida precisa do Tempo como do pão para a boca. Agora imagine que um louco carrega num botão e o Tempo suspende a sua marcha nem que

Por
MANUEL SALGUEIRO

seja por um bilionésimo de segundo...

O régulo foi conquistado pela lógica do detective. Era já seu amigo.

— Fica na minha aldeia alguns dias, Branco.

— Impossível. Tenho missão a cumprir. Tu compreendes, se os homens se desinteressam da sorte da Humanidade, de quem há-de ela esperar salvação?

— Falias bem. Vai. E lembra-te de mim... se um dia quiseres repousar das fadigas da civilização...

Kamalo providenciou para que eles se pusessem em Leopoldville com rapidez.

— Regressemos ao lar, Basílio! — exclamou Pararraios.

— Meu amo, não me diga que... que voltamos a Lisboa...

O detective sorriu: — Para Cuba, meu caro, para Cuba... Onde está o nosso dever, aí é que é o nosso lar...

(Continua)

Concurso da semana

A noticia é má? É boa?
Vá, compre o jornal — e já o «DIÁRIO DE LISBOA» te diz o que há e não há.

Quando o ardina apressado te entregar o JUVENIL (alegre, culto e gentil...) Amigo, diz-lhe obrigado...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

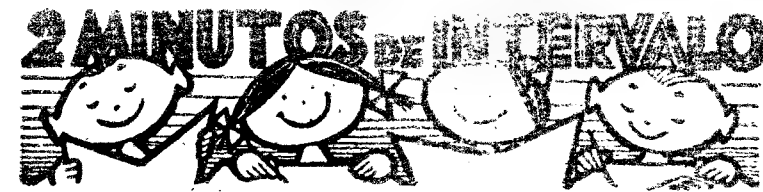
Qual a cidade portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo sábado 14

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 91: I — CONCURSO «GENTE NOSSA»: — Porto. II — CONCURSO «GIGANTES DA HUMANIDADE»: Miguel de Cervantes Saavedra.

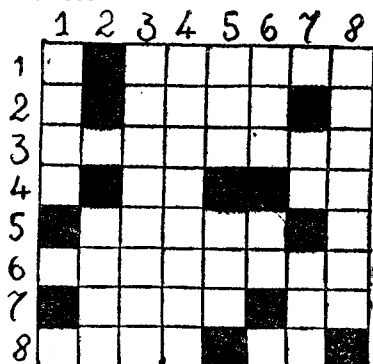
1. — Amigo N.º 1520 — Jorge da Costa Rodrigues (Queluz).
2. — Amigo N.º 806 — Maria Manuela Santos (Caldas da Rainha).
3. — Amigo N.º 1505 — Carlos Simões Mateus (Lisboa).
4. — Amigo N.º 695 — Herberto Martins Leitão (Porto).
5. — Amigo 1462 — António Augusto Tavares Fernandes (Porto).
6. — Amigo N.º 1437 — Mário Costa Martins de Carvalho (Lisboa).
7. — Amigo N.º 1138 — Maria José da Conceição Filipe (Lisboa).
8. — Amigo N.º 1566 — Maria Teresa de Oliveira Azevedo (Coimbra).
9. — Amigo N.º 884 — José Maria David Vieira (Coimbra).
10. — Amigo N.º 1521 — Maria Teresa da Silva Proença (Queluz).
11. — Amigo N.º 1347 — Artur de Oliveira Soares (Coimbra).

1. — «PAÍS DAS UVAS» — Fialho de Almeida — Livraria CLÁSSICA EDITORA.



PALAVRAS CRUZADAS

Francês



HORIZONTAIS: 1 — Carne (de talho). 2 — Inato. 3 — Palpitar. 4 — Possuo. Interjeição. 5 — Tão depressa. 6 — Agulha. 7 — Orla. Metal precioso. 8 — Carga de burro. Nota musical.

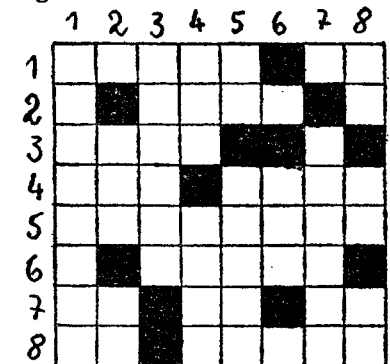
2. — «COSTUMES E PERFI» — Ramalho Ortigão — Liv. Clássica Editora.
3. — O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA.
4. — «CRÓNICA DA TOMADA DE CEUTA», por Gomes de Zurara — Livraria Clássica Editora.
5. — «CRÓNICA DE D. FERNANDO», por Fernão Lopes.
6. — «CRÓNICA DA TOMADA DE CEUTA», de Zurara.
7. — «LÍRICAS DE GIL VICENTE» — Livraria Clássica Editora.
8. — «RIMAS DE LUÍS DE CAMÕES» — Livraria Clássica Editora.
- 9 a 11 — «O AVESSO E O DIREITO» — por Alberto Camus — último volume da Coleção «MINIATURA» de LIVROS DO BRASIL, LDA.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE CERVANTES.

12. — Amigo N.º 1036 — José Alves.
12. — «PRIMEIRAS PROSAS», de Ramalho Ortigão e «O AVESSO E O DIREITO», por Albert Camus.

VERTICAIS: 1 — Ralado. 2 — São. 3 — Vinagre. 4 — Intitula. 5 — Burro. Gansa. 6 — Três letras de Noct. Duas letras de tule. 7 — Conjunção copulativa. Lei. 8 — Enraivec.

Inglês



HORIZONTAIS: 1 — Língua irlandesa. Preposição. 2 — Pesar, tristeza. 3 — Pávido. 4 — Idade. Cuspo. 5 — Oito letras de «consolidation». 6 — Frente. 7 — Deus egípcio. Preposição. Nome de letra. 8 — Duas letras de «yes». Negro.

VERTICAIS: 1 — Infanteria. 2 — Passado, muito tempo. Como. 3 — A si próprio. 4 — Conjunto. Ferro. 5 — Ele. Pedra. 6 — Alfinete. 7 — Amotinador. 8 — Preposição. Duas letras de Tune. Tanto.

SOLUÇÕES

FRANCÊS: 1 — To. 2 — Stone. 3 — He. 4 — Stone. 5 — He. 6 — Stone. 7 — He. 8 — Stone. **INGLÊS:** 1 — To. 2 — Stone. 3 — He. 4 — Stone. 5 — He. 6 — Stone. 7 — He. 8 — Stone.

DIÁRIO DE BORDO

Amigo 491 — João Jorge Antunes de Matos (Lamego): o jornal custava tantos escudos quantos os sábados que mandes enviar. Envia o dinheiro e os jornais lá irão ter. A cobrança de ve ser adiada. Recebemos o teu trabalho.

Amigo 1469 — Pedro Foyos (Lisboa): Desculpa a troca do nome, mas a tua assinatura vinha um pouco transtornada. Mas pela resposta viste bem que ela se dirigia a ti. Podes concorrer. Já te tinha dado esta mesma resposta, há umas semanas, certamente não leste o «Diário de Bordo» nesse dia. Mas apressa-te, pois o prazo está a acabar.

Amigo 1036 — Jaime Teixeira Silva (Porto): Obrigado pelos Amigos que arranjaste. Publicamos hoje os seus números. Pede-lhes que sempre que respondam, o indiquem.

Amigos novos entrados nas duas ultimas semanas:

1.493, Francisco Murteira Nabo; 1.494, António Degois Pereira; 1.495, Jorge Silva Santana (Loulé); 1.496, João Rodrigues Falcão; 1.497, José Augusto Anjos Lopes; 1.498, Carlos Alberto Marques; 1.499, Aníbal José Faulista; 1.500, Fernando José Van Dunem (Coimbra); 1.501, Ana Maria Oliveira de Barros; 1.502, Carlos Miguel Teixeira Ribeiro (Porto); 1.503, Julia Aparício do C. Ferreira (P. de Sor); 1.504, Jorge José Neves da Costa (Porto); 1.505, Carlos Joaquim Simões Mateus; 1.506, Maria Teresa Oliveira Azevedo (Coimbra); 1.507, David Assunção Santos (Vila Nova de Gaia); 1.508, José Carlos Moreira (Porto); 1.509, Mário da Silva e Sousa (Porto); 1.510, Guilherme José Araújo (manda a morada); 1.512, José Veiga Esteves (manda a morada); 1.513, Maria Teresa Barradas (Sintura); 1.514, Maria dos Anjos Pires; 1.515, Maria Lucília Fazenda (Ama-dora); 1.516, José Luís Correia Simão; 1.517, Maria Cláudia Abreu Ribeiro (Porto); 1.518, Luís Filipe Meneses dos Santos; 1.519, Maria da Graça Oliveira; 1.520, Jorge da Costa Rodrigues. (Os Amigos cuja localidade não vem anunciada, são de Lisboa).

Gente
Nossa



Pelas ruas tortuosas
difíceis e amarguradas
(ah, quando serão de rosas
estas ruas calcetadas?)

desce o ardina — e esta voz
que ao peito nos arremessa
não sei se desperta em nós
se um alarme, se promessa.

Sobre-o a sombra de um farrapo
mas é um dos «grandes» pois
não!

Se uns têm o Mundo na mão
tem ele o Mundo no saco.

E a voz que subitamente
grita, segundo a segundo,
traz o destino do Mundo
traz o destino da gente.

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

Saber viver não custa



Não sei se conhecem o cuco. É um pássaro de bela plumagem azul-escuro na parte superior do corpo e branca nas inferiores. O bico é negro, os olhos imensamente vivos. Ora bem, o cuco é um pássaro antipático que vem da África Austral, sobrevoa a floresta do Equador, as savanas e os desertos, desce o vale do Nilo, chega ao Mediterrâneo. Daí passa à Europa, refresca-se na verdura que desponta ao calor da Primavera e lança no ar cáldio o seu cucu! cucu!, com modulações por vezes quase humanas. Mas nem a beleza física, nem a voz humanizada, nem o esforço que despense para nos encher de alegria os pinheirais, nos consegue fazer esquecer que o cuco é uma ave egoísta, preguiçosa, cruel para os filhos alheios e, ainda por cima, é o símbolo do aventureiro sem eira nem beira, o símbolo das desavenças conjugais...

Cada cuco macho marca um domínio para viver e onde nenhum outro entra; defende-o com vigor incrível, dos outros machos. Sendo um animal sempre esmoreado, sempre em busca de alimento — que tudo lhe parece pouco! — necessita de uma grande área de caça; continuamente esvoaça de árvore em árvore; com uma metódica certeza vai direito aos insectos, em especial às lagartas dos pinheiros, lagartas aveludadas que os estômagos delicados dos demais insectívoros têm dificuldade em digerir. Pois o cuco, possuidor de um bom e sólido estômago — que é como quem diz, um bom papo — engole-as com grande voracidade, apenas deitando fora, após a deglutição, a pele das lagartas, enroladinha em novelos.

Mas nesta raça de valdevinos, a culpa de levandade não cabe, apenas, aos machos. Também a fêmea é uma ave frívola e antipática e justamente se poderia dizer dela que tem caças de arvéolas... Ao contrário de todas as outras aves que se desvelam pelos filhos, não faz ninho, nem choca os ovos, nem educa os filhos. Não faz nada daquilo que fazem, todas as aves... simplesmente distribui os ovos... pelos ninhos alheios, a quem deixa o cuidado de os tratar. Se o ninho que escolheu para hotel do filho se encontra ocupado, a senhora cuco dá voltas e mais voltas, cada vez mais apertadas, como se ela fosse um terrível rapineiro. Como tal a toma a pobre mãe, que se esconde imediatamente, deixando li-

Resposta de Diógenes

Todos conhecem o filósofo Diógenes, chamado o «cínico», o que morava num tonel. Raros, porém, conhecem a resposta dele que vamos contar.

Era hábito de Diógenes, quando falava com alguém em assuntos de gravidade, coífar repetidamente as suas longas barbas. Um dos interlocutores, certo dia, fatigado daquele gesto monótono, perguntou-lhe:

— Porque estás continuamente a coífar a barba?

E o filósofo após uns segundos de reflexão:

— Para me lembrar sempre de que sou Homem.

vre o ninho. Então, a espertalhona lança-se nele, engole um dos ovos da outra e... no lugar livre deixa um seu. Se, pelo contrário, o ninho é defendido de maneira a não poder entrar nele pela força ou pela astúcia o que faz? — põe um ovo no chão, pega-lhe com o bico, e leva-o até ao ninho que escolhera para berço da sua própria maternidade. Pode ser que o ovo escorregue do ninho; mas ela não desiste: agarra-o, engole-o e, com ele na garganta dilatada, vai pô-lo algures, onde existam ovos e uma mãe para chocá-lo. Se não teve tempo de tirar um dos que lá estavam, ronda o ninho até o ver vazio e, depressa para que ninguém veja, vai tirar um deles, mas nunca o seu. A dona do ninho prossegue a incubação, ignorando que alberga um poderoso inimigo dos filhos. O ovo da cuco choca primeiro que qualquer outro; portanto depressa se torna mais corpulento que os irmãos adoptivos;

POR
MARIA HELENA DA COSTA
DIAS

tem um apetite pertinaz e imenso que exige constante satisfação. Se os pais demoram o alimento, uns minutos mais do que lhes permite, podem bem contar com bicadas violentas do cínico filho adoptivo, no coração de quem não há o mínimo sentimento de gratidão. No seu imenso egoísmo, não só agarra todo o alimento dos irmãos, como os lança fora do ninho — se a mãe cuco o não fez já — ou eles não têm o bom senso de morrer de fome!

Fica só. E começa para os pobres pais adoptivos uma penosa tarefa. Com tocante carinho lhe trazem os mais saborosos insectos, que infatigavelmente buscam, desde que nasce o Sol até que se põe. Pai e mãe afadigam-se, sem cessar, para não ouvirem o som rouco do filho insatisfeito. E não é raro que o ingrato abafe, na garganta avida, a pequena avezinha que o alimenta e, incauta e dedicada, lhe introduz no bico enorme, o insecto que capturou para ele.

O cuco depressa cresce e sai do pequeno ninho. Os pais seguem-no, todo o santo dia, de ramo em ramo, sem que o perverso trate de lhes obedecer. É um tiranete perfeito.

Há quem diga que o cuco não abandona completamente a prole; vigia-a comodamente de longe, traz-lhe também comida, quando percebe que os pais adoptivos são impotentes para satisfazê-lo. Mas isto não está provado.

Não se sabe por que razão o cuco é tão indiferente, comparando a sua atitude com a ternura tocante dos outros pássaros pelos filhos; supõe-se que pelo facto de haver muito menos fêmeas que machos, e vivendo eles afastados bastante uns dos outros, elas são forçadas a andar de lado para lado, segundo os apelos daqueles e, então, como arranjariam tempo para estar no lar e tratar dos filhos? É mais cómodo, para elas, deitar os ovos nos ninhos alheios que construir o seu, que não poderiam levar nas suas deslocações.

Desculpas!...

Os CAVALEIROS da TAVOLA REDONDA

U NS dias antes do casamento de Artur, Merlim aproveitou uma ocasião em que estava a sós com o jovem monarca para lhe dizer: — Senhor: vosso futuro sogro, el-rei Liodagão, decerto que vos perguntará, pois é assaz bom cavaleiro, que prenda querereis que vos dê... Já pensastes que resposta lhe dareis?

Artur fitou com espanto o seu amigo e bem se lhe lia nos olhos que nunca lhe passara pela cabeça tal coisa.

— Não me dará mais do que eu mereço? — perguntou — Esquece-te, Merlim que ele me vai confiar a vida e a felicidade da senhora Genebra, minha noiva.

— Decerto, decerto — respondeu o sábio — donzela mais formosa e de mais virtude não existe debaixo da roda do Sol. Mas todas as noivas têm dote e muito ofendido ficará el-rei Liodagão se o cete de sua filha não corresponder à fama cavalleiresca do pai. Ora tende como certo que el-rei quererá gentilmente saber que prenda mais estimareis receber.

— Não sei, Merlim, não sei... Mas não terás tu... Tens com certeza. Vá, meu amigo, dá-me uma ideia!

— Pois darei! Vosso pai de gloriosa memória, el-rei Utário, deixou a vosso sogro uma távola que tinha virtudes extraordinárias. A sua roda se juntava a flor da cavalaria desse tempo e a ela se devia a paz de que o reino gozava. Pedi-lha, senhor, que herdeiro sois.

— E ele dar-ma-á? Ah! que se eu a tivesse, Merlim!... Se eu tivesse... Nunca mais haveria searas incendiadas, nem violências, nem meninos chorando as maldades dos po-

gostaria de lhe dar a mais bela coisa que ser pudesse:

— Pedi, meu filho, que irei ao fim do Mundo para vo-la alcançar.

— Ah, senhor, eu queria a Távola Redonda — pediu o jovem, a medo.

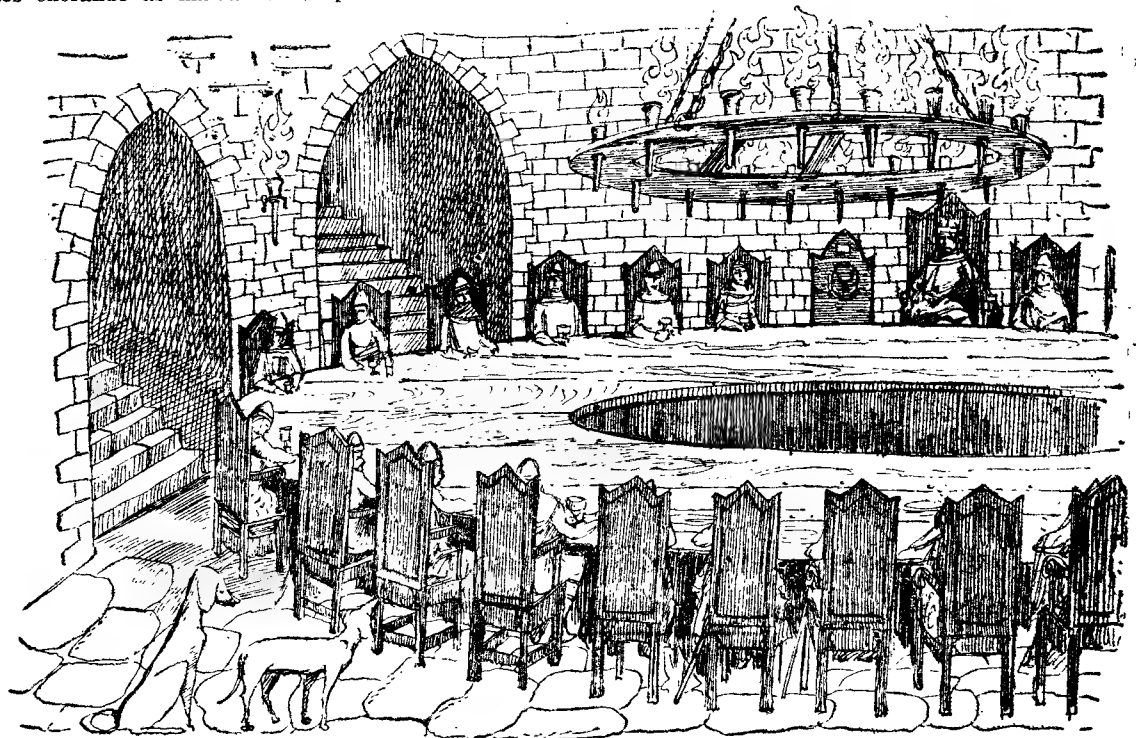
— Só?!

— Ah, meu senhor, isso me basta. Nem sabeis como me fariéis feliiz!

Quando voltou a Inglaterra, acompanhado da sua esposa, Artur levou a maravilhosa Távola Redonda. Dos antigos cavaleiros que tinham servido seu pai só poucos restavam, pois as guerras que se seguiram à morte do rei Utário, tinham ceifado quase toda a flor da cavalaria. Então Artur pediu a Merlim que lhe arranjassem tantos cavaleiros bons, leais



e virtuosos quantos os necessários para perfazer o numero de cento e cinquenta, pois a roda da mesa havia cento e cinquenta cadeiras. Estas cadeiras também tinham virtudes maravilhosas: davam força e coragem aos cavaleiros que nelas mercessem sentar-se. E quando os cavaleiros nelas se sentavam, logo por cima surgia, em belas letras de fogo, o seu nome. A cadeira do rei Artur era toda trabalhada e tinha



derosos... Nem a mentira, Merlim. Nem a injustiça.

Certo é que no dia seguinte o rei Liodagão disse ao futuro genro que

embutidas pedras preciosas. Mas havia uma outra onde tinham posto o letrero: «CADEIRA PERIGOSA». Estava destinada para o mais puro

olhasse para ela e depois para o jovem. Lagarote chegou a erguer-se para lhe dar o lugar, mas Percival encaminhou-se inocentemente para a «CADEIRA PERIGOSA», sentou-se e logo o seu nome se acendeu, por cima, em letras de ouro... Era ele o cavaleiro fadado para buscar o «Santo Graal».

Este foi um grande dia para o rei Artur e os demais Cavaleiros da Távola Redonda. Iam começar as suas maravilhosas aventuras.

(PRÓXIMO EPISÓDIO:

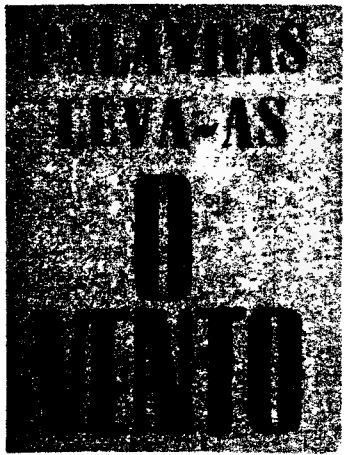
«A PRISÃO DO CAVALheiro DAMASCO»)

TÃO... TÃO...

O Mascarenhas, não sei se vocês conhecem! É um autêntico aventureiro, podem acreditar. Tão poupado, tão poupado, que até olha por cima dos aros para não gastar o vidro dos óculos!

Lembram-se do Eusébio? Era um grande actor, um actor excepcional. Um actor tão fino, tão fino que só fazia papéis de seda.

por TROIE



Quer dizer: Pedro é firme como uma rocha, como uma pedra, ao seu amor... Notem que em francês a mesma palavra designa Pedro e Pedra: Pierre.

Marcos provém do nome do deus Marte, deus da guerra, bem como Marcelo e Marcelino. O feminino de Marcos é Marquesa...

Alberto nasceu na Alemanha e quer dizer aquele que brilha pela nobreza. O Roberto brilha pela fama. Berta é abreviatura de Alberta.

Agora vão espantar-se com o significado da palavra Maria, essa que todos trazemos escrita na palma da mão... Pois Maria significa nada mais, nada menos, que rebelde. A gente olha para certas Marias e ainda mais nos espantamos de tão estranho significado!

Agora parabéns aos Fernandes e Fernandes de Portugal e bem assim ao se agrupar onomástico. Fernando é nome germanico e significa o que ousa ou se arrisca pela paz. O ideal, portanto, era que todos se chamassem Fernandes.

Jorge, também nome romântico de muito consumo, significa La-

vrador. Amor está relacionado com beleza, o canto é belo; Jorge sugere o campo, alvos trigaes... Aí está de onde vem o romantismo... o polme agrícola de Virgílio chama-se Geórgicos...

João tem origem hebraica e significa Presença de Deus.

Margarida é nome precioso. Vem do grego Margarite que significa pérola. Agora vejam lá as Margaridas não se envaideçam...

Agora vamos seguir a aventura do Jacob bíblico. Da pronuncia grega Iácobos nasceram o Jacques francês, o Giacomo italiano, o Jacome português e o James inglês... Foi deste James que nasceu o Jaime português...

Santiago era Santo Iago — e este nome Iago vem a ser também derivado de Jacob (Iacó). Santo Iago deu Sant'Iago — aquele t. juntou-se ao segundo elemento e ficou Tiago...

Tiago é, por conseguinte, bisneto de Jacob. E se não me dissessem e se quem mo diz não fosse pessoa de minha confiança, eu não acreditava!

por NATÁLIA DA FONSECA

Falei-lhes, na ultima crônica, da conversa que tive com a senhora Magnólia, a propósito da origem desta palavra. E prometi-lr investigar a origem de alguns dos nomes de pessoas.

Foi isto mesmo o que eu fiz. Aqui estou a dar o resultado dessas investigações que estão muito longe de esgotar o assunto, como é fácil de calcular.

Comecemos por José. Este nome tão generalizado entre nós, vem do Velho Testamento e significa Que Deus te favoreça! E eu faço os mesmos votos casa te chames ou não te chames José.

Pedro é o nome preferido pelos livros românticos... Porque, será? Suponho que por causa do significado que é pedra (do latim petrus).

O voluntário do espaço

6.º

A primeira sala de espera da Terra — num planeta do espaço

A sala onde entrei, com o meu amigo Lynense, fez-me lembrar um consultório médico da Terra. Só havia uma diferença... E' que aquilo não era um consultório médico. Os três tipos que estavam de pé atrás da secretária, depois de nos cumprimentarem, pediram que nos sentássemos. Sentei-me, para lhes fazer a vontade, e olhei em volta verificando que as paredes, seguravam alguns quadros borrados por pinturas de trechos de paisagem, como aquela que eu tinha visto, antes de descer para o interior do planeta Ljn. Outros mamarrachos

o director ou chefe da cidade — fez-me, por sinais, compreender que chegara a notável conclusão, de que eu tinha vindo do espaço. Depois, sempre em língua sinalética, perguntou-me de que planeta eu tinha vindo. Fiquei estúpido. Como raio ia eu dizer que tinha vindo da Terra? Tentei fazê-lo compreendendo que não podia explicar isso, porque não tinha nenhum mapa do espaço ou qualquer outra coisa... que... de repente, lembrei-me do meu foguetão. Na mala, eu tinha um filme sobre coisas da Terra... e uma máquina de projectar. E discursos... eu tinha que lhes mostrar donde vinha. Expliquei isso, o melhor que pude, por sinais, ao meu amigo Lynense — tenho de continuar a tratá-lo assim, pois

por Agostinho de Brito Macedo
19 anos (amigo n.º 1.282)

nunca consegui compreender o no me que ele tinha. Ao compreender o que eu queria dizer o meu amigo vomitou, em voz alta, nos ouvidos dos três basbaques o que eu tinha sinalificado. Eles, segundo me pareceu, ficaram

pleno almoço — estilo bifalhada — o que fez o meu fígado protestar enérgicamente... mesmo num planeta estranho, as pessoas — e eu principalmente — depois de cada refeição têm de tomar saís de frutos — regra n.º 1 do comedor espacial.

(Continuação da 1.ª página)

ruas, salões dourados a trasbordar de alegria, cor, luz e prazer. Outras vezes o realizador do filme carrega demasiado a teca negra da vida, levando para a tela uma sociedade doentia, viciada, maníaca, miserável, etc.

São duas visões igualmente distantes da realidade da vida; visões falsas e enganadoras.

Um adulto que já conhece a vida rectifica o argumento e não se deixa impressionar.

Um rapaz inexperiente ficará desorientado, mal elucidado. Levantará para a vida e para a resolução dos seus problemas uma informação errada. Será um homem falido, porque a vida não se resolve á luz deformadora das realidades falsas ou fingidas, observadas na tela dos cinemas.

CULTURA ARTÍSTICA

Muitos dos nossos leitores se queixam da falta de livros sobre Arte publicados em língua portuguesa. E' verdade. Por isso mesmo temos hoje o prazer de anunciar o aparecimento do segundo volume da discutida obra de André Malraux — «AS OZES DO SILENCIO», na Coleção «VIDA E CULTURA», editada por Livros do Brasil, Ld.º.

O primeiro volume englobava o

«Museu Imaginário» e «As Metamorfoses de Apolo»; o segundo e ultimo publica «A Criação Artística» e «O Preço do Absoluto».

Eis uma excelente oportunidade para os nossos leitores mais velhos se familiarizarem na discussão de assuntos de Arte. Qualquer dos volumes tem bastantes gravuras que auxiliam a seguir as hipóteses do texto e a acompanhar as ideias do autor.

NOTAS DE LEITURA

Para os leitores a quem me dirigi a semana passada tem bastante interesse a leitura das «Líricas Portuguesas» 2.ª Série (selecção, prefácio e notas de Cabral do Nascimento), das «Líricas Portuguesas» 3.ª Série (selecção, prefácio e notas de Jorge de Sena) e finalmente «Na Mão de Deus» — Antologia da Poesia Religiosa Portuguesa organizada por José Régio e Alberto de Serpa. Agora esses jovens amigos poderão estranhar que eu lhes recomende a leitura de três Antologias poéticas portuguesas a propósito da questão que se debateu no nosso Suplemento: Arte antiga-Arte moderna.

Vou defender-me. A primeira coisa é esta: as «Líricas» seleccionadas por Cabral do Nascimento começam com António Feijó (1859-1917) e acabam com Adolfo Casais Monteiro, nascido em 1908 e felizmente a fazer-nos companhia neste Mundo. Entre um e outro, no meio de cinquenta nomes, surgem os bons cultores da Poesia velha e da Poesia nova — um Julio Dantas, um António Correia de Oliveira, um António Sardinha, por exemplo, e um José Gomes Ferreira, e um José Régio, e um Miguel Torga, também por exemplo. Quer dizer: os nossos jovens leitores conseguirão aí surpreender em convívio poetas das mais diversas correntes. Se, porém, passarem para a Antologia organizada por José Régio, então o contraste ainda será maior: os dois marcos são, num extremo, D. João de Meneses, que viveu no século XV, no outro poetas vivos e sãos: Torga, Jorge Sena, etc.

Não lhes parece uma bela ocasião para, no campo da Poesia, comparando autores tão separados no tempo, meditar em mais demoradamente sobre o que é novo e o que é velho?

Na realidade, caros amigos, a experiência é a madre de todas as coisas, como dizia o navegador e cientista Duarte Pacheco Pereira: através destas Antologias vocês terão ensejo de verificar que há mu-

ta coisa velha que é nova e que há muita coisa nova que é velha.

A. C. D.

Todas as Antologias são edições da Portuguesa Editora.

Intercâmbio juvenil

Ora o nosso amigo Jaime Silva tem hoje por onde escolher. Diferentes países e diferentes moças. Para o inglês, poderá escolher entre:

Anne Menowh — 69 North S. — Newtownsands, Co. Dowry — N. I. Tem 16 anos, é estudante, coleciona postais, gosta de danças, cinema e corresponder-se com jovens de outros países.

Do Brasil, recebemos duas cartas de jovens brasileiros, ambos de 15 anos. São eles:

João Carlos Rossi Filho — Rua Ibsen da Costa Manso, 55 — Jardim América — São Paulo — Brasil; e o outro: Rubens Oliveira Bastos — Rua Visconde do Rio Branco, 268 — Jahu — São Paulo — Brasil.

Para quem não sabe línguas, aqui está uma boa oportunidade.

Mais uma vez recebemos carta do Japão, uma carta muito simpática. E' de um professor secundário japonês que lamenta o facto da jovem japonesa Katsuku não poder responder a todas as cartas que recebeu de Portugal. Por isso, pede a todos os jovens e a todas as jovens portuguesas que queiram correspondentes no Japão que nos mandem os seus nomes e moradas, a fim de os remettermos para ele. Na sua escola, ser-lhe-á fácil publicar esses nomes. Aproveitem, agora, os nossos Amigos que escreveram á jovem japonesa, sem resultado.

Quem quiser corresponder-se com uma rapariga austríaca, estudante, pode candidatar-se. Brevemente lhe publicaremos o nome e a morada.

FLASH

A RUA ONDE NADA ACONTECE

vam formigas sobre o torrão de açúcar.

Embora este caso seja, em si mesmo, matéria mais que suficiente para merecer o «flash» não é a ele que me quero referir. Mas a outro:

Quando foi o tal barulho da colisão e eu chego á janela, morto de curiosidade, vejo um pobre, o velho que dá pelo nome de «Saltão», a correr, ou antes, aos pulinhos como um gafanhoto (daí lhe vem o cognome) em direcção ao automóvel. Para poder movimentar-se com mais desembaraço, encosta á parede a lata que trazia cheia de sopa da cozinha económica.

Daí a nada, quando a rua voltou ao sossego habitual, o Saltão, tranquilizado, veio pelo tacho.

Começa, na língua de trapos, a contar como foi, como não foi.

—Pois eu, quando aquilo vi, fui logo a correr.

—E porquê, Saltão? Porquê?

—Ora!, para ver se era preciso alguma coisa. A gente na desgraça temos de ser uns para os outros.

—Sim, claro.

Claro, uns para os outros. Na boca dele, esburgada até ao tutano, estas palavras inocentes queimam. Espantam.

E consolam.

MANUEL AGRA

POR MANUEL AGRA

cam, o rumor surdo de tonel vazio que se arruma contra uma parede. Gritos de aflicção, passos rápidos, exclamações, o polícia apita frenético.

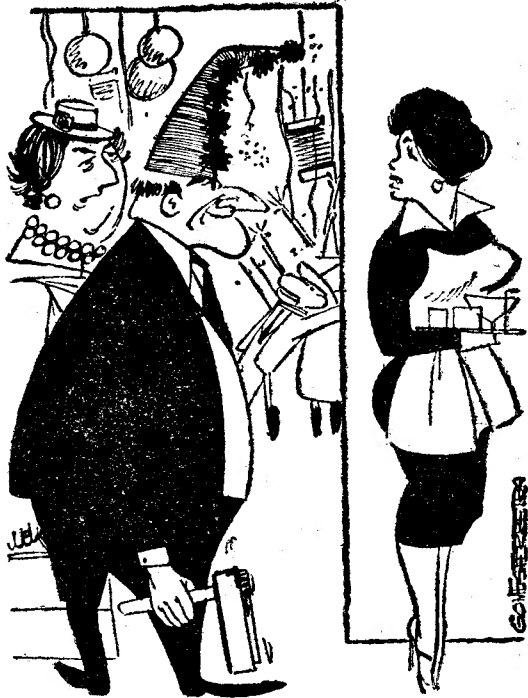
Por aquilo que lhes disse a respeito da minha rua, podem imaginar como não, fiquei! Sei lá o que me veio á ideia! Bem, mil coisas ao mesmo tempo, de tropel.

Levanto-me e chego á janela que oferece resistência. A pobre, de tão pouca ginástica que lhe dou, emperra. Aberta finalmente, sempre dou com um espectáculo!

Se eu fosse romancista a Ponson du Terrail não perderia esta oportunidade unica de dizer que «o que vi fez-me gelar o sangue nas veias».

Só isto: um automóvel voltado de rodas para o ar, por causa do pinhão que lhe deu outro. Em volta dele, logo a seguir, o povo era assim! Nunca pensei que houvesse tanta gente! Lembra-

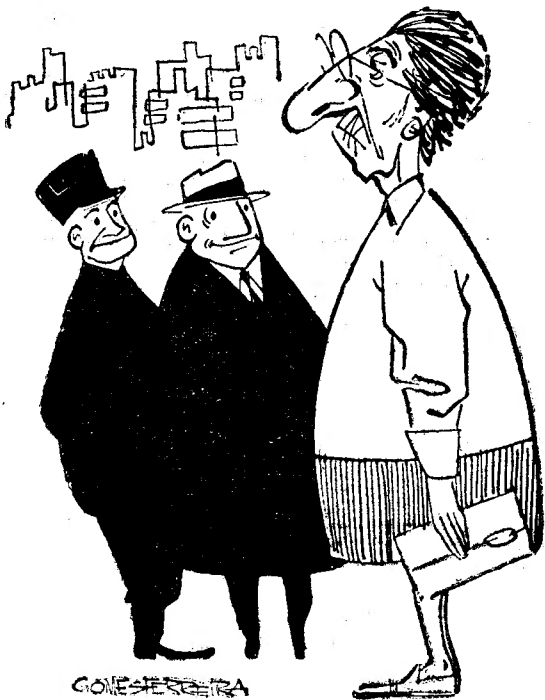




— Chico, o assalto é ali na sala!...



— O patrão vem bem disposto!...



— É a minha vizinha. Não, não vai mascarada!...
É mesmo assim!...



— Não percebo! O meu querido genro, hoje anda a sorrir-se muito para mim!...



DECONFIANÇA

ALUGAM-SE
MÁSCARAS



— Vai mascarado de Sputnik!...

Conceitos e preconceitos sobre a «praxe» Coimbrã

Em Dezembro passado, surgiu nos escaparates livrários um pequeno livro, em cuja capa preta se destacavam, enquadrações por letras vermelhas meio garrafas, os instrumentos de que se servem os «doctores» coimbrãos para «educação» dos «caloiros». Tratava-se do livro de Flávio Vara: «O Espantoso da «Praxe» Coimbrã».

Porque se trata da reposição do já tão discutido tema em moldes verdadeiramente originais e capazes, e porque, por outro lado, o referido livro vem ao encontro de duas ideias pessoais, entendo ser oportuno comentá-lo naquilo que ele tem de criticável. E as duas ideias pessoais são, precisamente; que a «praxe» só pode ser abatida desde que *o próprio meio universitário coimbrão* se constitua uma forte corrente contra ela; e que Coimbra, porque é reflexo e geradora da vida nacional, impõe uma série de trabalhos do nível da licenciatura e até do doutoramento em que toda a sua problemática seja encarada pelo ângulo da antropologia cultural, da sociologia e da psicologia.

Da violência à cobardia

O livro de Flávio Vara foi motivado pela péssima argumentação desenvolvida no decurso de uma célebre controvérsia que se arrastou nos jornais de Lisboa nos fins de 1957 e princípios de 58. Entende-se que a causa mais funda que então impediu os contendoros de chegarem a acordo foi o não ter partido da prévia definição do que é a «praxe». Deste modo, os que a atacaram permitiram que os seus defensores se tivessem escudado com o que ela tem de bom. Nestes termos, e para evitar confusões, ele começa por considerar objecto da sua ferula crítica só aquela que «consiste fundamentalmente em coibir o estudante a permanecer em casa a partir de determinadas horas e no emprego dos respectivos meios. Compreende um conjunto de práticas mantidas em nome da velha rotina, tais como «troupeas», «palmatoadas», «mobilizações», «julgamentos», «troças», «touradas», etc. O resto, o que pode existir sem implicar imposição, não cai no âmbito da sua crítica.

Seguidamente, o autor desenvolve uma argumentação férrea, na qual liquida todos os pretensos benefícios que os partidários da «praxe» pretendem encontrar na sua existência. E conclui, mostrando que ela se não pode justificar se não no plano da «praxe pela praxe». Além do mais, para ele, a sua execução estaria inquinada por três vícios: a violência, a obscenidade e a cobardia. Nestes termos, não sendo ela recomendável, encontraria a explicação da sua vigência no famoso mito coimbrão, na vaidade e na índole portuguesa.

Limitações temporais

Aceitando o conceito restrito formulado por Flávio Vara, não irei preocupar-me com os argumentos apresentados pelos defensores da «praxe» em defesa dos benefícios que da aplicação daquela resultariam e que ele demoliu. De facto, só alguém manietado pelo ambiente em que ela vigora os pode apreçoar. Diz o autor, e muito bem, que o fundamental é acabar com as limitações temporais que rodeiam o «caloiro» e não com as sanções. Na verdade, as segundas são, na maior parte, função das primeiras. E eliminadas umas, as outras caducariam por si mesmas. O regressar a casa às seis da tarde seria talvez aceitável numa época em que a vida cultural era praticamente nula à noite. Mas não é hoje. E todos nós sabemos que a dimensão cultural (já se não discute o problema da sua importância) não se obtém com o trabalho aturado da sebeta. A prova dos nove é dada pela pobreza do ambiente académico...

Também não perderei tempo na análise dos vícios que o autor (e não só o autor...) aponta com inquinantes do exercício da «praxe». A violência, a obscenidade e a cobardia na sua aplicação são factores bem conhecidos dos que frequentam ou frequentaram a Universidade de Coimbra. E como, no meu entender, é dos primeiros que há a esperar aquela contracorrente que um dia fará morder o pó a «velha carunchosa», limito-me a salientá-los.

O que Vara, de facto, trouxe de novo foi a explicação da «praxe» à luz do mito coimbrão, da vaidade e da índole portuguesa. Sobre tudo

o primeiro e a última merecem que nos detenhemos um pouco.

Padrão sentimental

O mito e a realidade em Coimbra seguem de mãos dadas. Aliás como em todas as sociedades, na medida em que ele para elas é uma vivência. Flávio Vara fala dos «idolatrias» de Bacon, um antropólogo na sua terminologia designá-la por «padrão de cultura». E de facto os padrões culturais combricenses têm uma sedução própria que resulta desse mito, desse estereótipo que vem sendo transmitido de geração em geração, quer na própria Coimbra quer por todo o País e que, no fim de contas, é também padrão de cultura. E eles, em Coimbra, são tão fortes e encontram-se tão perfeitamente entrelaçados que até no plano da ironia (o humor em Portugal escasseia...) é possível encontrar um coeficiente peculiar nos estudantes daquela cidade. E senão veja-se o livro em causa...

Ora, entre todos esses padrões, há uns tantos que interessa diagnosticar para que, mais cedo ou mais tarde, se lhes aplique o devido cauterio. O primeiro a apontar-se será o sentimentalismo. Nesta ordem de ideias me dizia alguém que as paredes da Faculdade de Letras escorriam sentimento. E ele me leva a pôr em dúvida que a idade dos dezoito aos vinte anos seja a melhor para se iniciar um curso universitário. O segundo será a admiração que lá existe pela inteligência com o correspondente desprezo pelo trabalho. Sou testemunha de ex-camaradas meus que sacrificaram no altar desse padrão. E conheci casos em que estudantes trabalhavam altas horas da noite unicamente para mostrar serem bem dotados. O terceiro consiste numa tremenda capacidade para a intriga e para coscuvilhar a vida alheia. É certo sabido que aquilo que alguém diz ou faz na Baixa é conhecido na Alta antes da pessoa em causa lá chegar. O quarto cifra-se num clima de a-racionalidade único, em que a paixão e o boato campeiam de modo desenfreado. O quinto traduz-se no ser «chico» o apanhar uma bebedeira. Os caídos na rua, indiferentes ao que se passa, são bem conhecidos do «japão» que, em períodos festivos, acorre a Coimbra. O sexto identificar-se-á com a boémia, a deusa proporcionadora de bons episódios que, um dia, se recordarão com saudade. E mais padrões do mesmo jaez se poderiam apontar.

Este carácter português...

Flávio Vara fala da índole portuguesa como elemento susceptível de proporcionar uma boa compreensão do complexo cultural coimbrão. Chamar-lhe-ei — talvez por uma questão de deformação profissional — carácter português. E diz que essa índole (façamos justiça: alguns aspectos dessa índole!) se desdobra em vários elementos: preguiça temperamental, mentalidade utilitarista, deformação do sentimento patriótico e parasitismo que se alimenta do que os antepassados fizeram.

O autor, ao escrever e analisar tudo isto, faz com que o seu livro ultrapasse a esfera do interesse local para se elevar ao plano do interesse nacional. Pôs, no meu entender, o dedo numa chaga que, tendo por origem o chamado complexo dos países pequenos, se vem alastrando graças a uma campanha (não sei se intencional se do tipo passa palavra!) fundamentalmente desonesto e inconveniente ou, até, perigosa. E emprego a última palavra porque o contacto com a realidade nua e crua pode dar origem a um complexo nacional — o da inferioridade colectiva ou vamos lá, ao de revolta contra os que nos criaram uma tal ambiência. Admirando inconscientemente as nossas potencialidades, falta-nos a noção exacta da nossa posição relativa no xadrez mundial!

A praxe e as repúblicas

Duas últimas questões de desejo aflorar antes de dar por terminado o presente artigo: uma refere-se ainda à própria «praxe», a outra às «repúblicas» como solução do problema habitacional do estudante da Lusitana Atenas.

Flávio Vara, condenando a «praxe», não tira as últimas consequências. Diz que se deve abolir o seu carácter sistemático, concluindo portanto que ela deveria só vigorar para aqueles que estivessem dispostos a aceitá-la. Ora, manda a

verdade dizer que ela tem por fulcro o «caloiro». Deste modo, pergunta-se: haverá «caloiros» que, sabendo da possibilidade de a ela se imiscuirem, estejam dispostos a aceitá-la? A resposta será naturalmente um não. Onde uma conclusão: — a «praxe» terá de ser abolida para todos. Ser ou não ser — eis a questão!

O problema das «repúblicas», aflorado pelo autor, merece também que se lhe dediquem algumas palavras. Não parece oferecer dúvidas que o estudante, nos tempos que correm, pela função a que se destina, carece de umas tantas dimensões que nem a Universidade, nem as Associações Académicas, nem as «repúblicas» lhe podem proporcionar. A «república», surta historicamente da necessidade de enfrentar a hostilidade económica do ambiente, mantém-se ainda hoje por esse motivo, acrescido do desejo muito humano num rapaz de vinte anos de viver independente, livre de todas as interferências sociais, permitindo-lhe a satisfação da sua tendência para a boémia. Solução para um problema de ordem económica, a ela é estranho qualquer plano no sentido da valorização das múltiplas facetas da personalidade do universitário moderno. Além de que ela é vítima de um defeito derivado da sua própria natureza. A «república» implica a vida numa comunidade restrita, com uma sociabilidade reduzida a meia dúzia de pessoas, com um choque de personalidades diminuído. E quem veja em tal choque algo de positivo, quem reconheça a bisonhice tradicional do estudante português, não pode deixar de considerar a vida numa comunidade ampla como sendo a solução mais vantajosa. Nesta ordem de ideias, o «Colégio Maior» (e desde que se eliminem os seus perigos) parece ser o meio funcionalmente mais útil, pelo menos de momento, para o desenvolvimento de uma consciência social, contrariando o individualismo nato do Português. Estas são algumas das considerações que me parece merecer o livro de Flávio Vara.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1959.

CARLOS LOPES CARDOSO



A vida de pessoas célebres

LXXVII — Marquês de Soveral

Em 1853, nasceu em São João do Pesqueira um Português que teve a honra de entrar na intimidade da corte inglesa. O marquês de Soveral, ilustre «Vencedor da vida», árbitro de elegâncias, ministro dos Estrangeiros, representante de D. Carlos na coroação do rei Eduardo VII, conselheiro de Estado, homem de prestígio raramente igualado. O monarca inglês, seu grande amigo, dizia de Soveral: — Portuguese through and through!

* * *

Depois de proclamada a República, o marquês não saiu de Londres e pouco falava de política. Da jovem República dizia apenas: — Esperemos serenamente as provas políticas dos seus chefes.

Um dia, alguém, possivelmente mal intencionado, lisonjeou o antigo ministro de Portugal em Inglaterra, amesquinhando certos vultos do novo regime. Logo Soveral protestava: — Não concordo. Os drs. Manuel de Arriaga e António José de Almeida são dois homens honestos e dignos, que merecem o meu respeito e a minha consideração. Não sejam injustos nem facciosos. E na adversidade que se conhece o carácter das pessoas...

* * *

Quando ministro dos Negócios Estrangeiros, pediu-lhe que não nomeasse para determinado cargo um indivíduo, apesar de ter dado excelentes provas no concurso, só porque era conhecido pelas suas ideias republicanas. Diálogo entre o ministro e o acusado: — Então o rapaz é assim tão jacobino? — perguntou Soveral, rindo.

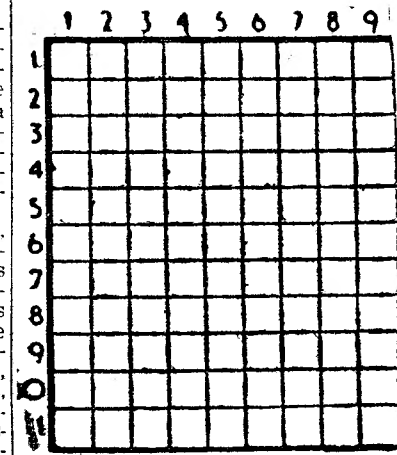
* * *

Quando se conquista um lugar de alguma importância, o ataque

Palavras cruzadas

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3573



HORIZONTAIS: 1 — Um cento. Cidade dos Açores. 2 — Artigo definido. Sustento. Símbolo químico da prata. 3 — Utensílios de lavoura. 4 — Governador árabe em território de Espanha. Amarrar. 5 — Agora. Afia. 6 — Ferro endurecido pela tempera. Nome de uma letra. 7 — Vende a crédito. Ara. 8 — Artigo definido. Barbeiro. 9 — Suspender. 10 — Campeão. Ofertes. Pretexto. 11 — Unes. Porém.

VERTICAIS: 1 — Ilha do Arquipélago dos Açores. Ilha do Arquipélago dos Açores. 2 — Pertences. Lavrais. Nota musical. 3 — Condecoração. 4 — Progenitor. Entidade fantástica com poder sobrenatural. 5 — Tens. Nome de homem. 6 — O sono das crianças. Plantas hortenses comestíveis. 7 — Reparar. 8 — Basta! Limpar metais. Deus dos pastores. 9 — Ora. Colosso que era uma das sete maravilhas do Mundo.

Solução do problema n.º 3572

HORIZONTAIS: 1 — Lançarote. 2 — E's. Arara. 3 — Uta. 4 — Grã. Atrá. 5 — Probo. Eis. 6 — Rã. Avô. Má. 7 — Ama. Areal. 8 — Tais. Ais. 9 — Rir. 10 — Série DI. 11 — Vise. Mira.

VERTICAIS: 1 — Lei. Prata. 2 — As. Grama. Si. 3 — Uro. Aires. 4 — Cá. Aba. Sire. 5 — Aru. Ova. Ri. 6 — Rata. Ora. Em. 7 — Orate. Eis. 8 — Tá! Rima. Doutor. 9 — Casal. Lia.

A vida de pessoas célebres

LXXVII — Marquês de Soveral

— V. Ex.ª não pode imaginar o perigo que pode haver em admitir na Secretaria de Estado um homem tão perigoso!

O ministro, indiferente, roneou o republicano, dizendo ao seu interlocutor: — Esse pobre rapaz a quem te tendem prejudicar é tão republicano como um gato que tenho lá em casa. Não posso concordar com processos indignos que tendam a inutilizar quem merece que se lhe faça justiça.

* * *

Uma vez, o marquês de Soveral surpreendeu um seu criado a surripiar-lhe um charuto. Não o repreendeu mas, no dia seguinte, deu-lhe um e disse-lhe que o fumasse. Espanto do criado que se lisonjeou com a delicadeza do amo. À noite, perguntou-lhe: — Então, que tal achaste o charuto que te dei?

— Muito bom, senhor marquês. — Pois, aqui tens os restantes — disse Soveral, dando ao criado a caixa quase cheia. — Os charutos não chegam para nós dois...

* * *

Os seus detractores, quando não tinham fortes motivos de censura, entretinham-se a criticar o corte impecável da sua sobrecasaca, o nó da gravata, as suas polainas, etc. Soveral não se irritava. Há até uma caricatura que Celso H. minio publicou num jornal humorístico da época, onde o elegante ministro aparece exagerado nos primores da sua indumentária. O marquês achou imensa graça ao caricaturista e riase dos ataques dos maldizentes, afirmando: — Quando se conquista um lugar de alguma importância, o ataque

(Continua na página seguinte)

DE VEZ EM QUANDO...

Velho, ou te saúdo!

Por João Patrício

Dois modos, diametralmente opostos, de sentir e de ver a vida, se criam e se desenvolvem no espírito e no coração do jovem e do velho. Naquele, a vida é um constante e descuidado florir de esperanças e de sonhos, uma perene insatisfação de renovar, de criar novo. Fazendo tabua rasa (num inconformismo convicto ou pedante) do comportamento da vida social e estética que o rodeia, e a que olha já como um passado caduco, conservador, que se torna mister substituir por qualquer coisa diversa daquilo que é e representa — o jovem transforma-se deste modo numa espécie de cavaleiro andante que, de lança em riste, investe de encontro a todo o conformismo e pensa dito burguês, nos quais — obcecado pelo sonho generoso do seu idealismo — vê, em muitos casos, ilusórios inimigos — fantásticos molinhos de vento. Para o velho, em contrapartida, lendo na vida como num livro aberto de sabedoria e de experiência, a vida torna-se-lhe num calmo rememorar de factos e de homens, pelo qual o presente — com suas lutas, quantas vezes inglórias, se desenha, objectivamente, nos seus reais contornos, visto através do óculo da tolerância, da justiça e do perdão. Quando o jovem toca contra ele a trombeta de guerra, destruindo, ou pretendendo destruir, na sua dialéctica iconoclasta, antigos conceitos, modos de viver e de sentir estéticos, pelo velho criados ou adoptados, este, com serena bonomia e paternal benevolência, afasta-se ou opõe apenas fraca e simbólica resistência. Recorda, então, que também já fora assim, que também já empunhara um dia a bandeira seivosa da juventude.

O progresso, toda a obra prodigiosa das civilizações humanas, é o produto do enlace harmonioso efectuado, ao longo dos séculos, entre velhos e jovens, aparentemente em contradição. Que seria da mensagem da juventude sem a existência dos alicerces do passado — laboriosamente transmitido, de geração em geração pelos velhos aos novos, com vista à construção do presente e à preparação do futuro? A mocidade é o empurrão; a velhice, a experiência sem a qual esse empurrão poderá conduzir a abismos de aventuras onerosas e, às vezes, irremediáveis.

Respeitemos e pratiquemos, pois, o culto da velhice, pelo que ela nos lega de patrimonial sabedoria e pelo benéfico ambiente de prudência de tolerância e de paciência compreensão que a cada passo semeia no jardim primaveril da inconformista, irreverente e impetuosa juventude. Não a olhemos, como a um empecilho, retardadora da marcha do progresso, ou como a um peso morto da sociedade. Antes a devemos solicitar e respeitar como fonte inesgotável e inextinguível de ensinamentos, e altar sagrado de virtudes a seguir.

Eu, que atingi já a meia encosta situada entre a mocidade e a velhice, encontro-me por isso na altitude psi-

(Continua na página seguinte)

Temas de Arte, História e Turismo

TERRACINA

A busca de uma informação sobre a história dos Ostrogodos na Itália, abrindo um livro, — no caso, o volume VII da História Universal do velho César Cantú, na edição portuguesa bem conhecida de António Enes —, dou de cara com uma das gravuras algo toscas com que Pastor a ilustrara... E vejo na estampa: *Palácio de Teodorico em Terracina*: um alto penhasco a meio, com uma construção em arcos no sopé, soldados em forma a um lado subindo uma ladeira que leva a um monte, mar calmo ao outro lado com pequenos barcos à vela e montes baixos a fecharem o horizonte. Se se tratasse de Ravena ou de Verona, não me surpreenderia... Mas em Terracina? Pois onde ficaria Terracina?... A minha ignorância, picada de curiosidade, levou-me então à procura de Terracina. O benemérito *Nouveau Petit Larousse illustré*, aqui à mão, elucida-me logo: é a antiga Anxur, hoje terrível da província de Roma, no extremo sul das Lagoas Pontinas. E vou assim levado à elegante brochurinha da *Série de Publicações Regionais do Turismo italiano, Itália*, (a que já aqui me tenho referido) — desta vez a n.º 7 abrangendo *O Lácio, a Umbria, as Marcas*; e, só depois de ver Terracina no pequeno mapa geral da região e no mapa corográfico mais minucioso de *Latina e a sua província* (pág. 22), é que fico a saber, com toda a exactidão, onde Terracina fica: na costa entre Roma e Nápoles, para lá do Monte Circeo, ao termo da região, outrora paludosa terrível — tema célebre para a literatura e belas-artistas (recorde-se a *Malária* de Hébert) — mas praga de que, após tentativas seculares abortadas, a temperatura de aço de Mussolini conseguiu fazer a bonificação almejada, convertendo-a no ceeliro prodigioso do Agro Pontino, com as suas cinco cidades, a um tempo simples e elegantíssimas, de *Littoria, Sabaudia, Pontinia, Aprilia, Pomezia* — obra formidável que bastaria a glorificar para todo o sempre a sua memória, se não houvesse a enegrecida e deploravelmente a vesania política que o levou ao tristíssimo fim que se sabe...

Pois lá está Terracina — também num lindo panorama a cores, vista do monte Anxur, e lá se lêem algumas excelências da sua praia acolhedora; mas do *palácio de Teodorico*, nada se diz. (Chamo a atenção para esta deficiência cultural numa publicação tão valiosa). Mas já agora não quero deixar na sombra outras coisas que ali aprendo sobre essa província de Latina «em cujas margens, banhadas pelo mar Tirreno, ora caindo a pique sobre as ondas, ora estendendo-se em largas praias de areia dourada, desembarcaram Ulisses e o pio Eneas, os heróis de Homero e de Virgílio». O turista amante de belos sítios não pode senão comprazer-se nesta região e trazer de lá uma inolvidável recordação. E por entre as referências às colinas albanas desde as quais o terreno vai descendo para o Agro bordado de minúsculos lagos até ao Monte Circeo, destacando a Torre Astura, «último refúgio de Conradino de Suábia», os Montes Lepinos, cobertos de verdes oliveiras e povoados de aldeias laboriosas, «de castelos munidos de torres, de ruínas antigas cheias de lendas e recordações», menciona-se *Sezze* «onde todos os anos tem lugar a representação da Paixão de Cristo»; e aos pés dos Montes Lepinos, «como flores frescas, os restos de monumentos antigos e numerosas igrejas e catedrais românicas que formam um contraste impressionante com o verde da campina sul-

De vez em quando...

Continuação da página anterior

cológica ideal para, friamente, observar e julgar as qualidades e os defeitos de uma e de outra. A ambas aprecio e quero: uma como símbolo renovador de esperanças; outra, como paradigma de confiantes certezas. Mas, talvez porque o mundo dos nossos dias anda tão apostado em destruir certezas, e sem que a minha atitude reflecta um estado de pensar envelhecido («o envelhecimento só pode ser efectuado pelo espírito»), sou levado pelo coração a gritar: — Velhice, eu te saudol

cada de deliciosos vales e coberta de árvores de fruto: *Ninfa*, a Pompeia medieval, com o seu lagozinho, as suas torres, os seus palácios; a abadia de Valvisciolo, filha espiritual duma outra abadia muito importante, perto de Priverno, a de *Fossanuova*, prototipo das construções cistercienses na Itália, berço da arte gótica neste país, e na qual morreu S. Tomás de Aquino (1224-1275). Região maravilhosa pois, que, para lá do Monte Circeo se prolonga até Gaeta, com os seus jardins e as suas vinhas que produzem «o *Caccubum* e o *Falerno* caros a Horácio»; região onde «viveu a bela Julia Gonzaga», e em cujas margens se encontra a terapêutica *Fonte de Luculo* tão afamada; e «as dunas, os lagos e as ilhas do arquipélago pontino têm uma indiscutível atracção para os caçadores e pescadores, assim como para os amadores da caça submarina».

A quantas novidades a inquirição de Terracina me levou!

Mas voltando a ela ainda, completamos a informação. (Os ignorantes meus semelhantes e meus irmãos me perdoarão a arenga ocasional...). De outras comozinhas, fontes ao alcance, consigo respigar que o nome romano de Terracina fora dada a Anxur fundada pelos Volscos sob o nome do seu deus supremo, e que fora durante dois séculos a sua capital. Tomada pelos Romanos e retomada pelos Volscos, caiu finalmente na posse dos primeiros, que fizeram dela uma das suas colónias mais florescentes. Embelezada por Apio Cláudio, por Augusto, por Galba (que fizera construir ali um palácio de recreio) e também por Trajano, o imperador Antonino Pio tornou o seu porto um dos mais consideráveis. Caída sob o domínio ostrogodo, Teodorico engrandecera-a, construindo lá um palácio, um teatro e uma fortaleza. Mais tarde, o Papa João VIII, reunira-a, em 872, aos Estados da Igreja; e vários dos seus sucessores pensaram em restaurar o porto de Antonino. O Papa Pio VI (1775-1799) quis saneá-la, tentando secar as Lagoas Pontinas; mas um ano antes da sua morte, em 1798, a seguir ao assassinio de um oficial francês, foi Terracina tomada de assalto e pilhada pelos soldados do general Lemoine... No volume do Cantú apenas encontro uma referência a Terracina (a pág. 43) nesta passagem do excelente parágrafo que dedicou a Teodorico: «Mandou construir novos e belos edifícios em Pavia, Nápoles, Terracina, Spoleto, e principalmente em Verona, onde residia em tempo de paz, e em Ravena que habitava em tempo de guerra». (Aqui acrescenta Cantú esta nota judiciosa que vale a pena considerar: «por isso se vê até que ponto erram os que atribuem aos godos a ruína das belas-artistas na Itália; havia começado muito antes deles, e foi consumada muito depois»). Ainda sobre Terracina, lamentando, porém, ter que observar que no tão interessante livro bem conhecido de vulgarização artística-turística sobre as *Maravilhas de Itália* por Fattorusso, não só o nome de Terracina se encontra ausente do *Índice*, mas de Teodorico o Grande apenas se diz que, rei dos Ostrogodos, vivera alternativamente em Verona e em Ravena, ocupando hoje o Castello San Pietro o sítio do Palácio de Verona onde depois vivera Alboino (o rei dos Lombardos, cuja história trágica se narra com sua mulher Rosamunda) e restando em Ravena o mausoléu circular de espantosa cúpula monolítica trazida da Dalmácia...

Teodorico, rei dos Ostrogodos (454-626) — tal o título do estudo magistral que, há quase um quarto de século já, o ilustre Marcel Brion dedicou, na *Bibliothèque Historique* Payot ao extraordinário *Die-trich von Bern* dos cantores épicos, obra excelente a todos os respeito, inclusive o do fino estilo literário, e recomendável portanto (pelo menos aos ignorantes da minha laia), como dos melhores sobre aquele cujos 30 anos de reinado foram, no dizer insuspeito do católico Daniel Rops, «incontestavelmente para a Itália uma época de prosperidade e de grandeza» e que «num sentido merecera bem ser dito Teodorico o Grande» — o sonhador dum impossível Império Ecuménico Europeu —, o qual tendo esperado dormir o sono eterno sob a cúpula monolítica monumental da sua rotunda ravenata, no sítio mais isolado e mais impressionante da cidade, se encontrou por fim com os seus restos mortais dispersos pela terra arável em volta do espantoso tumulto vazio... — Francisco Fernandes Lopes

ANTOLOGIAS DE CONTO POLICIAL

Pela boca morre o peixe...

Texto integral do conto de ALAN GREEN

EM emprego, Hanson deixara-se afundar no desesperado desalento. Noutros tempos, olhava de alto para os desempregados — «provavelmente, uns incapazes», como costumava dizer —. Mas isso era dantes, quando desempenhava as funções de gerente da Casa Horner, os joalheiros de Girdlehampton; quando ainda não começara a apostar nas corridas de cavalos, nem cometera a tentativa de roubar o estabelecimento, afirmando testemunhas que o viam a fugir ao soar o alarme; e antes de tais rumores terem provocado o exame à escrita da firma e a descoberta dos desfalques para cobrir as suas perdas nas apostas. Não o levaram ao tribunal, em atenção aos seus largos anos de serviço, mas nunca mais conseguiu manter-se por muito tempo em qualquer emprego. Agora, já lá iam seis meses sem ocupação, apesar de ter saído de Girdlehampton para ir viver em Wreckton. «Muito velho, muito velho!» — era sempre a mesma resposta. Ele próprio tinha de reconhecer que parecia muito mais velho do que os seus cinquenta e oito anos incutavam.

Uma tarde, sentado num banco do jardim, Hanson olhava, meditabundo, para a relva que lhe respigava debaixo dos pés e se estendia até o lago. Ele, contudo, não via nem o Sol, nem a relva, nem as árvores, mas apenas a água a enrugar-se ao movimento dos cisnes e com um tom sombrio, naquele entardecer de Verão. Mesmo assim, afigurava-se-lhe mais acolhedora do que o ambiente hostil à sua volta.

Um homem, que estava sentado na outra ponta do banco, levantou-se e dirigiu-se para o portão do jardim. No meio da sua abstracção, Hanson reparou, contudo, num jornal que o desconhecido ali deixara. Movido pelo hábito, relanceou os anúncios pedindo empregados. Leu-os, de alto a baixo, murmurando, ao mesmo tempo: «Não serve, não serve, não serve!» — Suspendeu-se, de repente, e tornou a ler com atenção um anúncio, repetido, havia já muitos dias, na mesma secção. Vira-o tantas vezes, que o sabia de cor: — «Precisa-se de empregado para pequeno estabelecimento de ourivesaria e penhorista, capaz de tomar conta do negócio na ausência dos donos. Apenas serve um homem com capacidade e experiência. Os interessados devem apresentar-se às dez da noite». Seguiu-se a direcção, numa pequena rua em Wreckton, nos bairros pobres da zona industrial.

Durante muito tempo ficou a olhar para o anúncio. Tantas vezes o lera, sem lhe ligar importância, que se tornara num hábito. E sempre matutara no mesmo: — «Valerá a pena? Não será inútil?» — Tentou, porém, vencer o desalento que o invadira naqueles meses de fome e desemprego, interrogando-se: — «Por que não se irá antes das dez?»

Conseguiu, por fim, obrigando o corpo a erguer-se, mas hesitando ainda antes de se encaminhar para a saída. Tinha cinco horas à sua frente... Por volta das dez, estava junto de um estabelecimento que ostentava uma tabuleta com o nome de Carter. — «Não parece casa que precise de um gerente» — pensou, mas aproximou-se e tocou a campainha. Daí a uns momentos sentiu passos. A porta entreabriu-se e uma voz aguda perguntou: — Que há?

— Venho por causa do anúncio! A porta abriu-se e tornou a ouvir a mesma voz: — Faça favor de entrar. Vou acender a luz!

Quando entrou, Hanson ficou trespassado de assombro, pois via-se em frente de alguém que podia passar por seu irmão gêmeo: a mesma altura, semelhante o cabelo grisalho, idênticas as linhas do rosto, iguais as espessas sobrancelhas. Por momentos, pensou que aqueles meses de fome lhe haviam transtornado o juízo. Aquilo não passava de uma alucinação, e daí a pouco estaria bom. O outro, suspirando profundamente, disse-lhe: — Sou o Carter. Vamos ali para o fundo da loja!

Quando se sentaram na pequena sala recolhida, voltando-se para ele, começou:

— Ora, meu caro senhor... — Hanson, um seu criado! — informou este, desfiando a explicação sobre as suas habilitações e experiência.

Carter ouviu, sem qualquer comentário, até Hanson terminar, e decidiu, por fim:

— Você parece servir para o que pretendo!

Paradoxalmente, Hanson não sentiu uma grande satisfação, pois estava mais preocupado com a extraordinária e perturbadora semelhança entre ambos. O outro, ao contrário, parecia nem ter reparado nisso, o que era mais estranho. Depois de discutirem as condições, Hanson começou a sentir-se mais bem disposto. Era aquilo que procurava havia tanto tempo e o lugar parecia-lhe compensador! Em resposta a uma pergunta de Carter, respondeu-lhe que podia entrar ao serviço imediatamente.

— Você passou, suponho, um mau bocado, desde que saiu do Horner, em Girdlehampton! — disse Carter, e Hanson sentiu o sangue todo subir-lhe ao rosto.

Depois de breve pausa, o outro concluiu:

— Felizmente que o não entregaram à Justiça, após a tentativa de roubo.

A Hanson parecia-lhe que qualquer coisa lhe estorvava dentro do cérebro, e fez um esforço tremendo lutando contra a terrível sensação de ir desmaiar. Ouvia, contudo, a voz aguda de Carter, mas de maneira confusa, procurando acalmar-se para compreender o que ele lhe dizia:

— Sou solteiro e vivo aqui sozinho. Não tenho parentes e cheguei a uma altura em que preciso de companhia durante a noite. Claro que vem residir aqui!

A voz continuava a ouvir-se e Hanson lutava sempre contra a terrível sensação que o esmagava, até que a escuridão começou a envolvê-lo. Nesse momento, Edward Hanson morreu.

No dia seguinte, a Polícia encontrou o cadáver no rio, enleado numa corrente de ferro, para junto da qual a maré o arrastara, como coisa informe agitando-se ao sabor da ondulação.

Ostentava um ferimento horrível na testa, o que parecia indicar, pela certa, um caso de assassinio. Contudo, o médico-legista revelou a existência de grande quantidade de água nos pulmões — por isso, o homem morrera afogado. E concluíram que a ferida na cabeça resultara do choque com qualquer obstáculo, durante a queda. No bolso do casaco, encontraram um jornal dobrado na secção de anúncios — e nada mais quanto a documentos identificadores.

Decorreu uma semana sem qualquer indício quanto à personalidade do morto, pois Hanson fora pouco comunicativo, fechado em si mesmo, durante os meses que esteve em Wreckton. Dormia onde calhava e raras vezes o viam.

~~~~~

(Continuação da página anterior)

vem logo e muitas vezes injusto. A minha pessoa pouco valor tem. Sou até o primeiro a reconhecer o facto. O que não admito é que ponham em dúvida a boa vontade em servir o meu País.

Na verdade, o amigo de Eduardo VII, soube servir a Monarquia e soube calar-se na República. Os desgostos — e certamente os teve — amanchucou-os dentro de si e nunca deixou de ser um diplomata.

~~~~~

Alguns políticos puseram-lhe a alcunha do «macaco azul».

~~~~~

Na verdade, eu adoro a cor azul. Nas hortensias, nas gravatas, nos fatos e até no papel das cartas. Sou fiel a essa tonalidade. Ser hoje azul, amanhã amarelo e depois encarnado, não. Isso era ser inconstante. A cor serve-me a maravilha e não a mudarei. Quanto a macaco, não. Nunca usasteis.

A 6 de Outubro de 1922, doze anos depois do aniversário do segundo dia da República portuguesa, o ilustre homem de Estado falecia em Paris.

L. R.

O inspector da Polícia tinha ali, na sua secretária a única indicação. Quando falharam todas as tentativas à procura de uma pista, voltou-se para o jornal. Era evidente que esse tipo estava em apuros. O facto de o jornal estar aberto precisamente na secção de ofertas de lugares indicava que andaria à procura de emprego.

O inspector ordenou aos «detectives» que investigassem junto dos anunciantes se aquele indivíduo os procurara no dia anterior ao do seu trágico fim. Por último, o sargento Bell foi bater à porta de Carter, o qual logo se lembrou do homem:

— Entre, sargento — acudiu, solicitado. Não poderei contar-lhe muitas coisas, mas, realmente, o pobre homem esteve aqui comigo, a pedir o emprego.

Enquanto se encaminhava com ele para o aposento das traseiras, Bell foi-lhe perguntando:

— Como se chamava ele?

Carter, enrugando a testa:

— Era qualquer coisa que começava por H... Handley? Não! Talvez Harrison... Também não... não era isso... Já sei: era Hanson!

— Ele disse o que fez antes de vir aqui para obter o lugar?

— Contou que trabalhara na firma Horner, em Girdlehampton!

— Ah!... Então já sabemos quem é!

Por momentos o sargento encarou Carter, que se mostrava perplexo, e desfechou-lhe:

— Reparou em como ele se parecia singularmente consigo, senhor Carter?

O ourives acenou afirmativamente com a cabeça:

— Ambos reparámos nisso! E, coisa extraordinária, a única diferença era na voz: a dele, baixa, ao passo que a minha é aguda, como deve ter notado!

O sargento Bell disse que sim e despediu-se, seguindo direito à estação do caminho de ferro onde tirou bilhete para Girdlehampton. Ali, na Casa Horner, não se mostraram, a princípio, muito dispostos a falar, mas o investigador insistiu e acabaram por dizer tudo. — Muito obrigado! Parece-me que não preciso de lhes roubar mais tempo — disse o sargento, quando acabaram a história.

~~~~~

Bell foi ter imediatamente com o inspector Gordon, em Wreckton, e deu-lhe conta do resultado das investigações. Depois de meditar largamente, o inspector comentou:

— Você talvez tenha razão, Bell, e o melhor é ir já ter com Carter!

Este levou os dois, quando ali chegaram, para a sala das traseiras.

— Queremos apenas fazer-lhe mais umas perguntas, a respeito do tal Hanson. Não há a menor dúvida de ser ele. Pode dizer-nos se indicou onde se alojava desde que chegou a Wreckton?

— Tenho a certeza de que não, pois não lhe perguntei.

— Falou muito de Horner?

— Só me disse do motivo por que saíra da casa!

— Acho que era obrigado a fazê-lo, coitado! — disse Gordon, como por acaso —. Segundo penso, deve ter-lhe dito, também, que foi apanhado o homem que tentou roubar o estabelecimento...

— Eles nunca o agarraram...

Eu... — gaguejou Carter, e parou.

— Não! Eles nunca o apanharam, Hanson, mas quem o matou foi você! — exclamou Gordon, calmamente.

O outro parecia que ia saltar sobre eles, mas conteve-se e tornou a sentar-se na cadeira, encolhendo os ombros.

— Não sei como adivinharam — disse —. A verdade é que o matel quando percebi que devia ter sido ele quem assaltou a casa Horner. Se não fosse isso ainda lá tinha o meu lugar. Assim mo disse o próprio Horner. Foi o Carter quem eles viram fugir, nessa altura. Só o soube quando o vi na noite em que aqui vim por causa do anúncio. Mas como descobriram?

Apenas por vez ter falado em voz natural quando o sargento Bell aqui esteve esta tarde. Você pensou que nada tinha a recelar, e esqueceu-se de manter o seu papel...

E Gordon rematou, convicto:

— Em todo o caso, não poderia desempenhá-lo por muito tempo!...

O Congresso do Ensino Técnico

A necessidade da criação do Instituto Nacional de Pedagogia

No anterior artigo, a propósito do I Congresso Nacional do Ensino Técnico, procurámos justificar a razão por que considerámos acertado que ao pessoal docente deste ramo de ensino tivesse sido dada oportunidade de, colectivamente, intervir no estudo do problema da unificação dos primeiros ciclos do ensino secundário nacional.

E, ao fazê-lo, referimos que, durante o debate, se procurou «descobrir razões de insucesso» havidas na experiência de orientação escolar levada a efeito nas Escolas Técnicas, desde 1948.

Realmente, foi esse um dos aspectos dignos de realce, nas reuniões da subsecção em que tal assunto foi objecto de discussão, pela forma desassombrada como se levou a cabo a revisão do que se fez bem, do que se não fez, e do que se fez mal.

Dessa revisão resultou ter de se reconhecer haver, na base da maioria dos insucessos, um importante equívoco: ter sido, o Ciclo Preparatório, considerado, por alguns, como instrumento de instrução, limitado à assimilação de conhecimentos escolares e ignorando, ao mesmo tempo, a sua verdadeira e única finalidade que é a de «formar crianças capazes de futuramente se integrarem nos cursos que mais lhes convenham, orientando a sua escolha e a sua integração nesses mesmos cursos».

Ora, tal equívoco tem sido duplamente prejudicial:

— Quando dele estão imbuídos os agentes de ensino em actividade no Ciclo, logo é corrompida a sua finalidade, por incorporeidade de aplicação da metodologia adequada;

— quando dele estão possuídos os estranhos ao Ciclo, sejam encarregados de educação, sejam professores dos Cursos de Formação, surge o prejuízo da desconfiança lançada sobre o Ciclo e sobre os professores que, com acerto, realizaram a sua função.

E, é ver a frequência das lamentações incompreensões manifestadas, diariamente, em queixas: «Os rapazes vêm-me do Ciclo sem saber somar quebrados»; «o professor não os obriga, sequer, a saber as regras de gramática»; e, como estas, muitíssimas outras!

Claro que a verificação de tal equívoco, entre o professorado, seja ele de que ramo de ensino for, é filha, exclusivamente, de uma causa que, muito lealmente, surgiu apontada, entre outras, que foram propostas: «deficiente (ou insuficiente) preparação pedagógica».

Foi desenvolvido o debate sobre este aspecto da deficiência ou insuficiência da preparação pedagógica dos encarregados docentes. E, dissecados os actuais meios técnico-pedagógicos de que a Escola dispõe para realizar a sua missão orientadora, paralelamente à educativa, houve que concluir pela sua insuficiência, pela sua inadequação.

Na verdade foi apontado que não é através da licenciatura, do curso de pedagógicas ou do estágio que o candidato a professor adquira tais «meios técnico-pedagógicos».

Por isso e para que possa realizar-se a missão orientadora da Escola, foi apontada como «urgente» a criação de um Instituto Nacional de Pedagogia que viria substituir a actual e inadequada secção de pedagógicas a funcionar, precariamente, há vários anos, como foi declarado na subsecção a que presidiu o prof. doutor Delfim Santos, e em que o assunto foi discutido.

Com este Instituto ficará preenchida importante lacuna do ensino superior, a reflectir-se em benefício que atingirá largamente diversos sectores da vida nacional, na medida em que neles irão intervir pedagogos e psicólogos especializados em orientação escolar e profissional.

Esta única finalidade seria razão bastante a justificar a criação do Instituto. Mas, também como instrumento de formação pedagógica de quantos pretendem dedicar-se ao magistério, a sua criação teria justificação, como ainda há pouco, neste jornal, foi apontado por Rui Grácio, ao referir-se à reforma da Faculdade de Letras.

Realmente, poderá, de acordo com a tese do congressista Edgar Carneiro, ser a Universidade a formar professores, em óptimas condições, substituindo o actual estágio e o curso de pedagógicas, pela

frequência do Instituto de Pedagogia, paralelamente à das Faculdades ou outras Escolas onde recebessem a habilitação específica de cada matéria docente: «sem perda de tempo e sem grande acréscimo de despesas, o futuro professor levava, com a carta de licenciatura ou diploma que lhe permitiria ensinar em qualquer estabelecimento de ensino secundário». E, até o termo «licenciatura» ficaria reintegrado no seu primitivo significado de licença «docendi».

Já ficou evidenciado que, comulativamente com esta reforma do processo de formação pedagógica, conviria rever e, possivelmente, corrigir as actuais exigências de habilitação específica, com vista a uma racionalização.

Neste aspecto, já foi apontado o ilógismo de um caso, por certo similar a outros e que, pela sua objectividade, bem documenta a referida necessidade de correcção:

— Na organica do Ensino Técnico têm existido, desde 1948, duas categorias distintas de professores do quadro: de 1.º e de 2.º grau, tendo

Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra

COIMBRA, 5.—Foram eleitos em assembleia geral os corpos gerentes do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral—prof. dr. Paulo Quintela, D. Maria Augusta Mimoso e Manuel Rui Martins, Direcção—Joaquim Mendes Silveira, Manuel Jacinto de Azevedo Soares da Costa, Fernando Serra Loureiro, D. Maria da Piedade Reis Garcia, D. Helen Marie Santos, António Monteiro de Almeida Taborda e Orlando Neves Seabra. Conselho fiscal—António Guedes, D. Maria Fernanda Cruz e Jorge Tavares, efectivos; e D. Isabel Ivone Aragão, D. Elsa Maria Pires e José Alexandre Guerra, suplentes. Conselho Cultural—José Alberto Pimenta, D. Maria Manuela Gouveia e Manuel Alegre Duarte.

do em cada grupo o encargo de matérias análogas, nos dois ciclos existentes neste ramo de ensino.

O art.º 179.º do Estatuto atribui aos professores do 1.º grupo a regência de Ciências Geográficas-Naturais e de Geografia, podendo, ainda, os professores do 1.º grau ser obrigados à regência de Matemática. E' de notar, desde já, que os professores do 1.º grau, — os menos remunerados — são considerados, legalmente, com mais larga competência, pois além das disciplinas atribuídas aos do 2.º grau, se lhes reconhece idoneidade para leccionar, também, Matemática.

A razão deste facto está na importante diferença de habilitações: enquanto para o 2.º grau se exigiram, pelo Art.º 228.º do Estatuto, as licenciaturas em Ciências Geográficas, em Ciências Geológicas ou em Ciências Biológicas, outro tanto não aconteceu para o 1.º grau; em vez da busca de uma licenciatura que, melhor ou pior, garanta os conhecimentos necessários à docência dessas disciplinas, foi antes estudar-se um conjunto racional de cadeiras e cursos das Faculdades de Ciências e Letras em que se reunissem todos os conhecimentos necessários ao fim em vista.

Desta forma, além do apontado caso da Matemática, o professor do 1.º grau tem habilitações, para a regência de Geografia, de que não dispõe o licenciado em Ciências Biológicas que, no entanto, por ser licenciado, pertence ao 2.º grau, com mais elevada remuneração. E, o mesmo se poderia dizer a respeito da Zoologia ou da Botânica, para os licenciados em Ciências Geográficas ou Geológicas.

E' fácil concluir, do exposto, que altos benefícios advirão da criação do Instituto Nacional de Pedagogia, bem como de uma melhor adequação das matérias a exigir como habilitação aos professores, abandonando, sempre que necessário, as actuais licenciaturas, em troca de racionais agrupamentos de cadeiras e cursos de Escolas Superiores que passariam, assim, a formar professores.

A. D.

Apontamentos de reportagem

Dentro da verticalidade do nosso pensamento há duas verdades de que não abdicamos: a de que ainda há estrelas no céu e aquela que nos diz que os homens devem morrer como as árvores, a despeito de todos os vendavais da vida, de todas as fúrias, de todos os ódios e emulações.

A crise dessa verticalidade inundou o Mundo. Os homens perverteram-se no desejo de mandar, na sôfrega satisfação dos seus instintos, no desespero de todas as sevilhas da carne, na impaciente e torva ambição de caminhar, empurrando e agredindo os outros homens.

O «reporter», aqui nestas «Portas do Mundo», tem anotado, no decorrer da sua caminhada, nem sempre fácil, sujeita à ambição de uns quantos, à perfídia de outros e à traição de muitos, alguns casos curiosos de uma fauna que nem acredita nas estrelas nem na morte das árvores...

Talvez não fique mal anotar alguns desses curiosos «acidentes», com que o jornalista deparou...

Um italo-americano ambicioso...

Chama-se G. R. Italo-americano. Baixo e forte. Rosto largo e aberto num sorriso aliciante. Quando o conhecemos, fizemos-lhe algumas perguntas. Vinha de Roma e dirigia-se a Nova York. Mais tarde, encontrá-lo-iam em Paris, em Londres e em Nova York, na 5.ª Avenida, numa manhã de Inverno, friorenta e chuvosa. Trazia uma missão misteriosa. Sorridente e amável, nos dentes um charuto grossalhão. G. R. colocou o seu braço nos meus ombros e, com o maior ar de mistério deste Mundo, confessou-nos:

— Prometo-lhe uma «caixa» (ele disse: um «furo»). Tenho hoje uma conferência no Estoril... E não me esquecerei de si...

Claro, não acreditei. «Aquilo» cheirava-me a grossa trapalhada. Mas, efectivamente, no dia seguinte, G. R. telefonou-me e combina um encontro no aeroporto. E não faltou. Falando um inglês mesclado de italiano, um francês misturado de espanhol, G. R. desfiou o seu plano. Largo, ambicioso plano, para o qual buscava a colaboração do «reporter», a quem um dia certo indivíduo amulado classificou de ingénio e, vamos, com razão...

Em que consistia esse plano: nada menos do que uma empresa universal a que se associariam todos os ex-reis desta Europa desmantelada e dividida, encabeçados por um monarca já falecido e que teria por fim tentar a unidade de todos os países para lá da «Cortina de Ferro»... ao preço, claro, de alguns milhões de dólares... E narrou-me a «entrevista» com o falecido monarca... colocando-me depois nas mãos os elementos indispensáveis para a reportagem que deveria ser entregue a todos os jornais portugueses e às agências telegráficas estrangeiras... Claro que, depois de nos livrarmos do «aventureiro», fizemos uma chamada telefónica para a residência do falecido monarca e obtivemos todos os esclarecimentos. Tudo era falso, excepto que G. R. estivera com efeito na Costa do Sol, e «conversara» durante alguns instantes com o chefe da casa civil, que formalmente lhe fez ver a impossibilidade de tal plano...

A última vez que vimos G. R., foi em Paris: pobremente vestido, embora com o charuto grossalhão nos lábios esmaecidos.

Cumprimentou o «reporter» e ainda tentou um encontro, com uma nova manobra «profissional»... Soubemos depois que G. R. vive agora à sombra do título de «Public Relations» de uma alta personalidade espanhola...

Um americano mal-educado...

Desta vez, o «protagonista» é americano. Era um tipo enorme. Simpático e falador. Fora piloto de uma companhia de aviação americana e tornou-se mais tarde representante de uma fábrica construtora de aviões. E chegara a Lisboa para oferecer, como ele dizia, um voo de demonstração a altas autoridades portuguesas e aos jornalistas, para o que fizera os necessários convites. O «reporter» também recebeu um convite. E o dia marcado para o voo chegou. Jornalistas e fotógrafos presentes e algumas autoridades, não aquelas que Mr. S. pretendia, tais como o ministro das Comunicações, o director-geral da Aeronáutica Civil, etc. O visitante esperou em vão a chegada de personalidades que, honrosamente, se haviam feito representar. E em dado momento, toma uma decisão genial: cancelar o voo! Pura e simplesmente!

As «deformações» de um escritor americano...

Esta caso é dos mais dolorosos da minha vida profissional. E menciono aqui os nomes completos. Como escritor, claro, posso compreender o que constitui esse traço de uma deformação da realidade, mas há coisas incompreensíveis, até pelo que demonstram de falta de imaginação.

Foi o que sucedeu a William Saroyan, esse belo espírito de escritor-arménio-americano que um dia esteve em Lisboa e entrevistámos para um jornal de Lisboa. Mais tarde, a incluíamos num dos nossos livros. Entrevista que William Saroyan leu e apreciou.

Acontece, porém, que o assunto ressurgiu num dos últimos livros de William Saroyan: «Assírio». E lá surge o «reporter», com outro nome claro e dados biográficos que nada têm que ver com a sua personalidade. O «reporter» existe; a entrevista existiu e Saroyan é até extraordinariamente lisonjeiro para o jornalista que o entrevistou... mas «borrou» a pintura, talvez por pensar que a sua obra nem sequer tinha mérito para ser traduzida em Portugal... E efectivamente, a novela é mazinha, sem grande significado... Infelizmente, o tradutor devia estar bem pouco actualizado para desconhecer a realidade dos factos e o editor, por sua vez, se a chegou a ler, bem poderia conhecer melhor o assunto, se o quisesse esclarecer apenas com um telefonema...

MARQUES GASTÃO

na Murtosa

MURTOSA, 5.—A direcção do Centro Recreativo Murtoense, desta vila, criou uma secção feminina, com o fim de promover o espírito associativo nas senhoras desta terra. Depois de devidamente estruturada, esta secção terá uma direcção autónoma, nomeada pela direcção vigente do Centro. E' de esperar que esta iniciativa seja bem acolhida pelo elemento feminino da Murtosa, e dela resultem bons frutos.



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«UIGE» 10 de Fevereiro	Com escala prévia por Leixões, para: Luanda, Lobito e Moçamedes.
«LUANDA» 13 de Fevereiro	Com escala por Leixões, para Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa até 11 de Fevereiro.
«PATRIA» 20 de Fevereiro	Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala. Carrega em Lisboa de 15 a 17 de Fevereiro.
«VERA CRUZ» 6 de Março	Directo a Luanda e Lobito. Carrega em Lisboa de 1 a 3 de Março.
«BENGUELA» 13 de Março	Com escala por Leixões, para: S. Tomé (se necessário), Luanda, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia. Carrega em Lisboa até 11 de Março.
«IMPÉRIO» 25 de Março	Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala. Carrega em Lisboa de 20 a 22 de Março.
«UIGE» 27 de Março	Com escala prévia por Leixões, para: Luanda, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa de 19 a 21 de Março.
LINHA DA AMERICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 13 de Fevereiro 14 de Março (às 16 horas)	Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/8—PORTO: Rua Infante D Henrique, 9—Telf 23342